

REVISTA MENSAL

RN / ECONÔMICO

CARNAVAL 85
Primeiros acordes

O RN NA ERA DE TANCREDO NEVES

ANO XVI • N.º 161 • FEVEREIRO/85 • CR\$ 2.500



VENHA CONHECER SEU NOVO CARRO, O MÉDIO-GRANDE DE LUXO DA VW

A VOLKSWAGEN RESOLVEU LANÇAR O SEU CARRO SOFISTICADO. POR ISSO, SE VOCÊ PROCURAVA CLASSE, CONFORTO, ESPAÇO E TECNOLOGIA AVANÇADA, TUDO NO MESMO CARRO, PODE PARAR DE PROCURAR: O SANTANA É ASSIM.

ELE TEM O MESMO REQUINTE QUE OS ESTRANGEIROS EXÍGEM EM SEUS MELHORES CARROS E A QUALIDADE VOLKSWAGEN, QUE TODOS OS BRASILEIROS CONHECEM E CONFIAM. VOCÊ MESMO VAI COMPROVAR ISSO AO DIRIGÍ-LO. ALIÁS, SÓ MESMO ESTANDO

DENTRO DO SANTANA PARA CONHECÊ-LO DE VERDADE.

NO PAINEL, POR EXEMPLO, ELE TEM LUZES DE SEGURANÇA TIPO LEDS, COMANDO ELÉTRICO DOS VIDROS, RÁDIO TOCA-FITAS AM/FM DE 50 WATTS DE POTÊNCIA, AR-CONDICIONADO E TODOS OS INSTRUMENTOS QUE VOCÊ PRECISA PARA TER MUITO CONFORTO E CONTROLE ABSOLUTO DO SANTANA.

SE VOCÊ ACHA QUE ISSO TUDO É LUXO, É PORQUE VOCÊ AINDA

NÃO CONHECE OS DETALHES MECÂNICOS DO SANTANA: SUSPENSÃO DO TIPO McPHERSON, IGNIÇÃO ELETRÔNICA, FREIOS COM DUPLO CIRCUITO DIAGONAL, CÂMBIO DE 4 OU 5 MARCHAS, OU AINDA CÂMBIO AUTOMÁTICO E MAIS O REVOLUCIONÁRIO MOTOR 1.8 QUE DÁ AO SANTANA UM EXCELENTE DESEMPENHO. ATÉ PARECE UM CARRO IMPORTADO, NÃO PARECE? MAS PODE ACREDITAR QUE O SANTANA É EXATAMENTE ASSIM.

A VOLKSWAGEN NÃO IRIA ESPERAR TANTO TEMPO PARA LANÇAR UM CARRO SOFISTICADO COMO

NENHUM OUTRO, SE FOSSE PARA DECEPCIONAR VOCÊ. VENHA CONHECÊ-LO.

CONCESSIONÁRIOS AUTORIZADOS



MARPAS S.A.

TAVARES DE LIRA, 159 - PTE. SARMENTO, 592

DIST. SERIDÓ S.A.

AV. NASCIMENTO DE CASTRO, 1597

SANTANA



Alguns itens são opcionais ou referem-se a versões específicas



ESTADO

O Presidente e o Rio Grande do Norte	8
O difícil resultado do jogo PMDB x PFL	9
O perfil dos governadores do Nordeste	11
Sudene: um órgão disputado	12
Os acordos da sucessão estadual	14
A sucessão municipal em foco	15
O carnaval nas ruas	16
A folia do passado	18
O comportamento do natalense na praia	20
Um lazer infantil de poucas opções	23
Condomínio: um problema difícil	24
A micro-indústria do calçado	26
A luta dos médicos do Estado	29
O peso dos concursos na educação pública	31
Os transportes aéreos em alta	32
Artistas discutem os rumos da cultura	33
UBE: uma entidade que tenta unir	34
A indústria da estética	35
A invasão da fé no rádio	36
O computador na escola	38
«Noites Potigüares»: projeto de amadores	39
Otimismo ainda não é antigo do comércio	40
As expectativas do mercado financeiro	42
A educação do menor pelo trabalho	43
ARTIGOS	
Garibaldi Filho	28
Economia	44
Esporte	50
SEÇÕES	
Homens & Empresas	4
Cartas & Opiniões	6
Agenda do Empresário	45
Cultura	46
HUMOR	
Cláudio	48

REVISTA MENSAL RN/ECONÔMICO

ORN NA ERA DE TANCREDO NEVES



No bloco de política, as expectativas do RN com Tancredo Neves. Pág. 8.



Saiba como vai ser o carnaval de rua deste ano em Natal. Pág. 16.

Correção necessária

Qualquer leitor mais esclarecido de um veículo impresso de comunicação já terá observado que uma cobertura jornalística se faz por antecipação. A própria lógica determina essa observação, vez que — por exemplo — um jornal com a data de hoje não poderia ter sido impresso no mesmo dia, senão no dia anterior. A regra também é válida para um veículo semanal, como no caso das revistas de circulação nacional, que imprimem material colhido na semana anterior para publicação na semana seguinte. **RN/ECONÔMICO**, como veículo mensal, não poderia atuar diferentemente. Todo o trabalho de redação é feito em um mês para veiculação no mês posterior, com o

cuidado necessário para que as informações sejam atuais e aprofundadas. Entretanto, vinha sendo cometido um equívoco quanto à data de capa da revista e, embora a circulação ocorresse na época prevista, era indicado na mesma o mês anterior. Sendo assim, corrigimos a falha a partir desta edição de **fevereiro**, publicada no final de janeiro. Convém esclarecer, ainda, que nenhum prejuízo decorre dessa alteração, de modo que os assinantes receberão o mesmo número de revistas correspondente ao período de sua assinatura. E o leitor pode comprovar o acerto da medida conferindo as reportagens desta edição, que cobrem os assuntos mais **quentes** do momento.

RN/ECONÔMICO

REVISTA MENSAL • ANO XVI • N.º 161 • FEVEREIRO/85 • CR\$ 2.500.

DIREÇÃO

DIRETOR/EDITOR: Marcelo Fernandes de Oliveira

DIRETORES: Núbia Silva Fernandes de Oliveira, Maurício Fernandes de Oliveira e Fernando Fernandes de Oliveira

REDAÇÃO

DIRETORA DE REDAÇÃO: Josimey Costa

PRODUÇÃO

Mônica Bertolotti

ARTE

Joselino Wanderley

REVISÃO

Jóis Alberto

PROGRAMAÇÃO VISUAL E DIAGRAMAÇÃO:

Moacir de Oliveira

FOTOCOMPOSIÇÃO: Antônio José D. Barbalho

DEPARTAMENTO COMERCIAL

GERENTE COMERCIAL: Vanda Fernandes de Oliveira

GERENTE DE ASSINATURAS: Antônio Emídio da Silva

RN/ECONÔMICO — Revista mensal especializada

em assuntos sócio/econômicos do Rio Grande do Norte, é de propriedade de RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA. — CGC n.º 08.286.320/0001-61 — Endereço: Rua São Tomé, 421 — Natal (RN) — Fone: 222-4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço do exemplar: Cr\$ 2.500. Preço da assinatura anual: Cr\$ 20.000. Preço do exemplar atrasado: Cr\$ 3.000. Consulta ao arquivo memória: Cr\$ 10.000.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA.

O QUE ESPERAR —

A eleição de Tancredo Neves representou um momento histórico sem precedentes na história do Brasil republicano. O político mineiro reuniu em torno da sua candidatura representações de todos os níveis, grupos, classes e categorias sociais do País, num grande pacto cívico que resultou no fim de duas décadas de militarismo e na derrota do Deputado Federal Paulo Maluf.

Passada a euforia do primeiro momento, quando a alegria cobriu o País de verde-e-amarelo, é tempo de mergulhar na ressaca e rever as razões que levaram cada um a engrossar o coro tancredista. E de começar a analisar friamente as possibilidades reais de mudança, principalmente no que se refere à transformação radical da política econômica criada pelos militares que dirigiram o País nos últimos vinte anos.

Ninguém pode dizer que escapou à recessão geral implementada com os sucessivos arrochos mobilizados pelos nossos planejadores econômicos. Tancredo, além de representar a possibilidade real de um passeio — desejado definitivamente — pelas águas da democracia, significa a esperança de melhores salários, de mais emprego, de incentivo à atividade produtiva, com o fim do apoio estatal ao mercado financeiro e da recessão em curso.

É isso que esperam, em síntese, os líderes classistas do Estado, conforme revelam três deles, cujos depoimentos se seguem.



Homenagem em faixas

Abelírio Rocha, vice-presidente da Federação das Indústrias do RN: “Na área de política econômica foram poucos os pronunciamentos de Tancredo. Mas eu espero que ele cuide de reaquecer a nossa economia, reordenando o mercado financeiro e baixando as taxas de juros. Espero também que essas mudanças venham imediatamente porque a especulação financeira não deixa ninguém investir no mercado produtivo”.

José Francisco da Silva, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do RN: “Nós trabalhadores estamos com alguma esperança de melhorias na área rural porque a esperança é a última que morre. Mas não esperamos nenhum milagre. Queremos, pelo menos, que o novo Governo olhe mais para o campo, realizando algumas mudanças na distribuição das terras, mesmo que não seja uma reforma agrária total. Esperamos também que o movimento dos trabalhadores rurais não seja tão reprimi-

do quanto foi durante os Governos militares dos últimos vinte anos”.

Antônio Gentil, presidente do Clube de Diretores Lojistas: “Espero, com otimismo realista, que o doutor Tancredo Neves, em função do respaldo popular conquistado, possa levar o nosso País a um verdadeiro estágio de plenitude democrática, melhorando o nível de vida social e econômica da população. Que ele crie condições básicas para o nosso desenvolvimento, aumentando as oportunidades de trabalho da população e acabando com a especulação financeira, que tem tido mais investimentos que o mercado produtivo”.

O Tahiti espalhou faixas louvando a eleição de Tancredo nos moldes peemedebistas — “Afim, um novo amanhecer — Muda Brasil” — mas não esqueceu a participação da Frente Liberal na campanha, colocando faixas que louvavam a atuação do Governador Agripino Maia.

E como o caso era mesmo carnaval, também ajudou a divulgar a festa popular comandada pela Bandagália, que refutou as tentativas de partidarização da alegria do povo em nota oficial.

○ ○ ○ ○ ○ ○

VANDALISMO — Os out-doors com que a seccional local da Associação Brasileira de Distribuidores de Veículos Automotores — Abrace/RN tentou garantir para si a mais gorda fatia do mercado de automóveis, obtiveram uma estranha repercussão. A mensagem “Não compre gato por lebre. Procure o revendedor autorizado” foi apagada em todos eles, ao que parece a mando dos «picaretas», que é como são chamados pelos membros da Abrace os revendedores não-autorizados.

○ ○ ○ ○ ○ ○

VERSATILIDADE — Depois do «Tancredo, meu amor» colocado nas ruas de Natal no dia em que o Presidente eleito do País participou em Natal do comércio pródiretas, o Motel Tahiti não vacilou em participar do carnaval promovido após a vitória de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral.

TRINTA ANOS VOANDO — A ampliação das operações internacionais e encomenda de três Boeings 767 são os dois principais projetos da Transbrasil para o ano de seu trigésimo aniversário. A empresa foi fundada em janeiro de 1955 e já em 1963 iniciava o processo de modernização da sua frota,

com a aquisição de modelos turbo-hélices de fabricação inglesa, ainda carimbados com a marca «Sadia S/A Transportes Aéreos», sua denominação inicial.

Em 1984, a Transbrasil — presidida por Omar Fontana, transportou mais de 2 milhões de passageiros em 38.800 horas de voo doméstico, transportando ainda 3,3 milhões de toneladas de carga. A empresa opera em 21 cidades brasileiras e para 1985 está programada a operação de uma nova linha, entre São Paulo e Porto Alegre.

○ ○ ○ ○ ○ ○

CENTRO — Começam a partir deste mês as obras do Centro de Treinamento da Emater/RN, que o Governo do Estado vai construir numa área localizada em São José de Mipibu. O projeto está orçado em Cr\$ 888 milhões e o contrato de execução já foi assinado com a firma vencedora da concorrência instalada — a Empresa Industrial Técnica. Os recursos são oriundos de convênio Emater/BIRD/Embrater.

○ ○ ○ ○ ○ ○

AGÊNCIA I — O grupo Flor instalou em Macaíba mais uma agência que servirá ao complexo turístico do Estado: a Riograntur. A nova empresa de Vicente Flor, Dudé Flor e Valter Flor atenderá inicialmente às excursões programadas pela própria Riograndense, sem vendas de passagens e sem excursões para o exterior.



«China's Turismo»



Omar Fontana

AGÊNCIA II — Depois de ter passado por várias agências, e quinze meses após a venda da Solis, Vera China volta a trabalhar com turismo. No setor, a empresária detém 33 anos de experiência que desagüaram na inauguração da sua própria agência — a «China's Turismo» — no dia 23 de janeiro. Ali, na Rua Jundiá, 340, a «China's Turismo» oferecerá, além da venda de passagens aéreas nacionais e internacionais, o «turismo receptivo» — ou seja, um esquema de recepção de turistas e venda da imagem de Natal em outros centros, numa consequência do pioneirismo da Solis, que implantou o sistema. Junto a Vera na sociedade, estão Fernanda China e Marconi Barretto.

○ ○ ○ ○ ○ ○

MAIS UM — Inaugurada em Caicó a «Acauã



Antônio Gentil

Veículos e Peças Ltda.», novo revendedor autorizado Ford para a região e substituto da Granorte. Dirigem a Acauã o Secretário de Transportes e Obras Públicas, Elias Fernandes Neto e os empresários Sinval Moreira Dias e Sílvio Torquato.

○ ○ ○ ○ ○ ○

CONVENÇÃO — Os lojistas natalenses promovem no próximo dia 5 a primeira reunião de trabalho com vistas à realização da 26.ª Convenção Nacional dos Diretores Lojistas, programada para o período de 15 a 19 de setembro, em Natal, no Centro de Convenções. O diretor-executivo da Confederação Nacional da categoria participará da reunião, quando serão discutidos

diversos aspectos da Convenção, entre os quais a programação. Cerca de 2.000 lojistas de todo o País deverão participar da Convenção, segundo Artônio Gentil, presidente do Clube de Diretores Lojistas.

○ ○ ○ ○ ○ ○

PERIURBANO — O Governador José Agripino anunciou que implantará sete distritos de saúde em Natal até o fim do seu Governo. Esta é a principal meta do programa Periurbano, que conta com recursos de Cr\$ 35 milhões alocados pelo Ministério da Saúde.

Cada distrito exercerá jurisdição sobre 4 ou 5 bairros de Natal e o Periurbano garantirá ainda, segundo Agripino, a ampliação dos Centros de Saúde de Mãe Luíza, Nova Natal, Felipe Camarão, Dix-Sept Rosado e Ponta Negra.

○ ○ ○ ○ ○ ○

CENTRO DE DADOS — Desde o dia 22 passado os usuários locais da Rede Nacional de Telex podem obter dados sobre municípios e Estados de todo o País sem precisar ir à Delegacia Regional do IBGE. O presidente do Instituto, Jessé Montello, inaugurou naquela data o Centro de Automoção de Dados, formado por computadores programados para responder às consultas através do telex.

O sistema fornece informações desde 9:00 horas de segunda-feira até 18:00 horas de sexta-feira, ininterruptamente.

com a aquisição de modelos turbo-hélices de fabricação inglesa, ainda carimbados com a marca «Sadia S/A Transportes Aéreos», sua denominação inicial.

Em 1984, a Transbrasil — presidida por Omar Fontana, transportou mais de 2 milhões de passageiros em 38.800 horas de voo doméstico, transportando ainda 3,3 milhões de toneladas de carga. A empresa opera em 21 cidades brasileiras e para 1985 está programada a operação de uma nova linha, entre São Paulo e Porto Alegre.

○ ○ ○ ○ ○

CENTRO — Começam a partir deste mês as obras do Centro de Treinamento da Emater/RN, que o Governo do Estado vai construir numa área localizada em São José de Mipibu. O projeto está orçado em Cr\$ 888 milhões e o contrato de execução já foi assinado com a firma vencedora da concorrência instalada — a Empresa Industrial Técnica. Os recursos são oriundos de convênio Emater/BIRD/Embrater.

○ ○ ○ ○ ○

AGÊNCIA I — O grupo Flor instalou em Macaíba mais uma agência que servirá ao complexo turístico do Estado: a Riograntur. A nova empresa de Vicente Flor, Dudé Flor e Valter Flor atenderá inicialmente às excursões programadas pela própria Riograndense, sem vendas de passagens e sem excursões para o exterior.



«China's Turismo»



Omar Fontana

AGÊNCIA II — Depois de ter passado por várias agências, e quinze meses após a venda da Solis, Vera China volta a trabalhar com turismo. No setor, a empresária detém 33 anos de experiência que desagüaram na inauguração da sua própria agência — a «China's Turismo» — no dia 23 de janeiro. Ali, na Rua Jundiá, 340, a «China's Turismo» oferecerá, além da venda de passagens aéreas nacionais e internacionais, o «turismo receptivo» — ou seja, um esquema de recepção de turistas e venda da imagem de Natal em outros centros, numa consequência do pioneirismo da Solis, que implantou o sistema. Junto a Vera na sociedade, estão Fernanda China e Marconi Barretto.

○ ○ ○ ○ ○

MAIS UM — Inaugurada em Caicó a «Acauã



Antônio Gentil

Veículos e Peças Ltda.», novo revendedor autorizado Ford para a região e substituto da Granorte. Dirigem a Acauã o Secretário de Transportes e Obras Públicas, Elias Fernandes Neto e os empresários Sinval Moreira Dias e Sílvio Torquato.

○ ○ ○ ○ ○

CONVENÇÃO — Os lojistas natalenses promovem no próximo dia 5 a primeira reunião de trabalho com vistas à realização da 26.ª Convenção Nacional dos Diretores Lojistas, programada para o período de 15 a 19 de setembro, em Natal, no Centro de Convenções. O diretor-executivo da Confederação Nacional da categoria participará da reunião, quando serão discutidos

diversos aspectos da Convenção, entre os quais a programação. Cerca de 2.000 lojistas de todo o País deverão participar da Convenção, segundo Artônio Gentil, presidente do Clube de Diretores Lojistas.

○ ○ ○ ○ ○

PERIURBANO — O Governador José Agripino anunciou que implantará sete distritos de saúde em Natal até o fim do seu Governo. Esta é a principal meta do programa Periurbano, que conta com recursos de Cr\$ 35 milhões alocados pelo Ministério da Saúde.

Cada distrito exercerá jurisdição sobre 4 ou 5 bairros de Natal e o Periurbano garantirá ainda, segundo Agripino, a ampliação dos Centros de Saúde de Mãe Luíza, Nova Natal, Felipe Camarão, Dix-Sept Rosado e Ponta Negra.

○ ○ ○ ○ ○

CENTRO DE DADOS — Desde o dia 22 passado os usuários locais da Rede Nacional de Telex podem obter dados sobre municípios e Estados de todo o País sem precisar ir à Delegacia Regional do IBGE. O presidente do Instituto, Jessé Montello, inaugurou naquela data o Centro de Automoção de Dados, formado por computadores programados para responder às consultas através do telex.

O sistema fornece informações desde 9:00 horas de segunda-feira até 18:00 horas de sexta-feira, ininterruptamente.

Bases materiais

e direitos

Sr. Redator,

“Como é que se vai explicar à mãe de uma criança que está morrendo de fome que os Estados Unidos recusam o apoio a um projeto agrícola por estar defendendo sua liberdade?” — a frase não foi dita por nenhum agente de provocação, mas pelo diplomata norte-americano Anthony Lake, diretor do grupo de planejamento político do Governo Carter, em jantar que ofereceu à delegação do Itamarati, em Washington. O sentido profundo nela contido é que sem bases materiais sólidas nem sempre tem sentido insistir na proclamação de direitos humanos, como o da liberdade de pensamento, de reunião, de trânsito. Revela também que o pragmatismo do Sr. Lake tem os pés no chão, ao contrário do que se vê pelas nossas bandas, numa simples leitura de jornal, quando, por exemplo, o Sr. Papa Júnior, presidente da Federação do Comércio de São Paulo, enche a boca de democracia, diz que “a democracia é vocação dos brasileiros” — mas, depois de indagar sobre o que entende ou se deve entender pelo precioso vocábulo, diz que se trata da lei e da ordem e, ao mesmo tempo, “de que os direitos estejam amplamente resguardados”. Não explica, porém, a que direitos se refere, na pressa de acrescentar que “sua classe pegou em armas em 1964”, o que constitui uma novidade para quem quer que tenha acompanhado os acontecimentos de então. A que direitos se refere o Sr. Papa Júnior? Ao direito ao trabalho? Ao direito à educação? Ao direito à saúde? Ao direito à moradia? Ao direito à alimentação? Ou simplesmente pretende ele defender o seu direito de proclamar que “nós vivemos numa economia de livre mercado” e de exaltar a excelência do pacto social baseado no tripé da empresa privada nacional, da empresa transnacional e da empresa de capital misto? A luta pelo seu direito individual parece, em verdade, ter pouca ressonância no seio da opinião pública, ou, mais precisamente, do homem da rua, da mãe de uma criança que está morrendo de fome, a que alude o Sr. Lake. Para a massa, em verdade, o que é fundamental é que lhe assegurem as bases materiais de preservação de sua subsistência: direito ao trabalho com que ganhar o pão de cada dia; direito à saúde para poder trabalhar; direito à educação para poder pensar em progredir.

O direito ao trabalho deve ser assegurado pelo Estado mediante uma arregimentação contínua de todos os meios e modos de promover o desenvolvimento para criar novas e mais numerosas oportunidades de emprego. Quando se diz direito ao trabalho implicitamente se reconhece o direito de reclamar e até mesmo de exigir do Estado acesso ao emprego ou à oportunidade de trabalhar. O direito à educação deve ser asse-

gurado pelo Estado através de um planejamento de construção de escolas em número suficiente para atender à procura, no sentido de que todos tenham oportunidade de estudar. Só se compreende a obrigatoriedade legal de estudar na faixa correspondente ao estudo de primeiro grau se há escolas para todos. Do contrário, a lei não é exequível e, pois, não tem validade. Escrever uma lei obrigando os meninos a frequentar a escola não passará de intenção sem que antes se tenha construído a escola e empregado a professora, cuja remuneração deverá, pelo menos, lhe assegurar o mínimo indispensável a uma vida condigna. Sem essas bases materiais, não há direito ao estudo, senão para uma minoria. Então, se pode falar apenas no direito da minoria.

O direito à saúde deve ser assegurado pelo Estado igualmente através de um planejamento de construção de hospitais com leitos suficientes para atender às necessidades. No particular, o que se sabe sobre o que acontece e sempre aconteceu neste País é simplesmente deplorável. Negocia-se impunemente com a saúde do povo. Quem tem dinheiro pode dar-se ao luxo de operações plásticas. A assistência social pretende encontrar fórmulas mais ou menos complicadas para dar o mínimo necessário às classes trabalhadoras. Mas a idéia da livre iniciativa corrompeu inclusive o juramento sagrado do profissional de Medicina e em nome do lucro individual cometem-se crimes de arrepiar. Veja-se o aumento de operações de apendicite nos hospitais particulares depois que a assistência social passou a responder pelas despesas.

O direito à alimentação, o direito à moradia, o direito à vida serão conquistas para populações que periodicamente se vêem na contingência de emigrar de suas glebas para não morrer de fome. São coisas de que elas entendem muito mais do que quando se lhes fala apenas no seu direito de emigrar. Porque isso elas sabem que não é propriamente um direito, mas uma sina ou castigo. Elas prefeririam não usar ou não ter necessidade de usar desse direito. Prefeririam contar com as bases materiais indispensáveis à sobrevivência em suas glebas. Sem emigrar.

É evidente que somente com respaldo popular o governante pode assegurar as bases materiais indispensáveis à sobrevivência. Não será, obviamente, à base de um modelo que tem suas origens na espúria associação entre o capital estrangeiro e a elite orgânica ao mesmo associada ou submissa. Não será com a mentalidade colonial, elitista e escravocrata dos que pretendem preservar o modelo do salve-se quem puder que aí está. — GENIVAL RABELO — RIO DE JANEIRO-RJ.

**Cartas e opiniões para: Redator RN/Econômico,
Rua São Tomé, 421 — Cidade Alta — Natal-RN.**

A CHAVE DO TESOURO ESTÁ NO ELDORADO, O CONSÓRCIO NATALENSE.



O Consórcio Eldorado é o caminho que leva você do sonho à realidade do carro novo ou usado, de todas as marcas. Motos também. A álcool ou a gasolina. Parece um sonho, mas não é. Afinal, o Consórcio Eldorado trabalha com duas maravilhas da vida moderna, o automóvel e a moto. Em três anos de atuação, por exemplo, o Eldorado já entregou a seus consorciados 810 veículos novos. Para facilitar ainda mais a aquisição de seu automóvel, o Eldorado acaba de lançar o primeiro grupo de consórcio do carro usado de Natal. As muitas solicitações já comprovam o sucesso. O Consórcio Eldorado, nesses três anos, já formou 14



grupos de consorciados, sendo 11 para carros novos e três de motos. Com aproximadamente 1.500 associados. E mais dois grupos abertos: para carros usados, e novos. E outros dois para motos. Se a alegria é a prova dos nove, os 18 grupos são a prova de que o Eldorado vende mais. Além do mais é o único consórcio local, que trabalha com todas as marcas, sem burocracia e sem perda de tempo. Visite agora o Consórcio Eldorado. Fique à vontade em suas novas instalações com amplo estacionamento e exposição de veículos de todas as marcas, para sua maior comodidade.



ELDORADO ADMINISTRADORA DE CONSÓRCIO LTDA.

Av. Prudente de Moraes, 1108 — Tel.: 222-9246 — Tirol — Natal-RN.



Tancredo gerindo esperanças

POLÍTICA I

Um Presidente com diversos compromissos dentro do RN

Quando receber a faixa presidencial e assumir o lugar do Presidente João Figueiredo no próximo dia 15 de março, o ex-Governador Tancredo Neves estará iniciando o que ele próprio nomeou de «Nova República» e começando a gerir as esperanças da grande maioria da população brasileira. Esperanças que antes alimentaram o fogo da mobilização a favor das **diretas-já** e foram transferidas para a sua conta política após o malogro da Emenda Dante de Oliveira, rejeitada pelo Congresso Nacional.

Tancredo estará, então, ungido por uma simpatia nunca antes destinada a qualquer político do País, em qualquer momento do período republicano. Tudo o que houve de prejudicial ao País nas últimas duas

décadas, protagonizado pelo regime militarista instalado em abril de 1964, aparentemente será sepultado, de modo que o odor do passado não atrapalhe o fluxo do vendaval que levou Tancredo a conquistar essa espécie de unanimidade nacional. Inclusive — e principalmente — entre os expoentes do regime verde-oliva, que transitaram à vontade na cena «política» brasileira destes vinte anos recentes.

A ascensão à Presidência da República significará, para Tancredo Neves, o coroamento de uma biografia política a mais eclética possível, tanto pelos mandatos e cargos exercidos quanto pelos partidos políticos e governantes a quem e de quem foi aliado ou homem de confiança. Além do mais, reafirmará o

vigor do estilo mineiro de fazer política, realçando a eficiência da arte de conciliar. Ou, para os mais céticos, de ficar sobre o muro, apenas aguardando o momento certo para intervir e sair com as melhores sobras da guerra travada pelos outros.

SIMPATIA MILITAR — A candidatura de Tancredo ganhou corpo tão logo, cessado o clamor pelas **diretas**, o deputado federal Paulo Maluf abocanhou a vaga de candidato pedessista ao Colégio Eleitoral, atropelando, no «estilo» que lhe é próprio, o Ministro Mário Andreazza. A vitória de Maluf na convenção pedessista imediatamente deflagrou uma crise interna que logo adquiriu os contornos de cisão ir-

remediável do partido do Governo.

A partir daí, a nau tancredista passou a ser impulsionada pelo esforço — e as maquinações em surdina — dos mais expressivos líderes pedessistas. Claro: a aquiescência militar já eliminara quaisquer riscos para os dissidentes, que formalizaram o seu repúdio a Maluf com a formação da Frente Liberal, depois transformada em partido. O surto adesionista acabou por transformar o grupo tancredista num autêntico saco de gatos, onde se mesclam caudilhos como José Sarney e Antônio Carlos Magalhães, líderes emergentes como os Governadores Gonzaga Mota (Ceará) e Roberto Magalhães (Pernambuco) e toda a ala ideológica do PMDB, onde residem os políticos com um discurso nitidamente esquerdista (ver boxes).

Foi a partir da conciliação de cúpula que se formou o coro laudatório também entre a população do País. A maré conciliatória acabou por provocar rachaduras até mesmo no aparentemente compacto bloco político-sindical composto por parlamentares e militantes do Partido dos Trabalhadores, cujo presidente, Luís Inácio Lula da Silva, presenciou a debandada de figuras como o deputado federal Ayrton Soares, que trocou o discurso radical a favor das diretas pela companhia dos «coringas» tancredistas.



Aluízio: ministro ou superintendente?

Se no interior do partido, que se diz sintonizado com as lutas e os interesses dos trabalhadores, a conciliação se instalou de forma tão irrefutável — Ayrton Soares era o líder do PT na Câmara Federal — não encontrou obstáculos também no instante de seduzir o eleitorado. Os exemplos são muitos. Todos os encontros de categorias profissionais realizados após a formalização da candidatura de Tancredo Neves resultaram sempre na publicação de documentos de apoio ao político mineiro. Nos encontros em que Tancredo esteve presente, o apoio tra-

duziu-se em ovações e demonstrações de simpatia pelo seu discurso fundado em palavras como «esperança», «mudança», «democracia»...

O NÓ ECONÔMICO — Indiscutivelmente — como costumam externar os analistas políticos — a biografia de Tancredo Neves e a própria realidade do País colocam-no como o político mais habilitado para realizar a transição «sem traumas» idealizada pelos militares. Mas não será fácil implementar todas as mudanças ansiadas por uma população fustigada à exaustão pelos descalabros cometidos em nome da política econômica que efetivamente governou o País nas duas últimas décadas.

Tancredo vai encontrar uma economia ainda em estado recessivo, fermentado por altas taxas de inflação e por um claro privilegiamento do mercado financeiro em detrimento das atividades produtivas, conforme as queixas dos empresários hoje empenhados em vê-lo ocupando o Palácio do Planalto. Para desfazer este nó — cuja maior expressão é o achatamento salarial — o político precisará lançar mão da experiência dos economistas, que hoje trabalham na preparação de um programa mínimo para o setor, de intelectuais e de muita sorte.

E se não quiser ver a unanimida-

No jogo PMDB x PFL é difícil prever o escore

Somente agora surgem alguns dados concretos do encontro dos governadores do Nordeste, realizado em Natal:

- Eles estão ligeiramente desconfiados de que o PMDB terá todo o espaço político desejado;

- Acreditam que haverá surpresas na composição do futuro Governo. A expectativa é grande. Em outras circunstâncias, a grande imprensa já teria cantado metade dos Ministérios. O melhor, afirmaram, é agir em bloco, em defesa da região, sem postular cargos;

- Prometem todo o apoio necessário ao futuro Governo, mas não têm certeza quanto ao caminho a ser seguido: quem ficará no PDS? Quem irá para a Frente Liberal? Ou para o PMDB?

Ninguém pode negar a força desse bloco. Existe até um pacto entre eles. Unidade que se constitui, na opinião de José Agripino, «no maior capital político do Nordeste». Até quando? A pergunta é pertinente, pois o que é bom para o Maranhão não tem a mesma validade para o Rio Grande do Norte, por exemplo. ■

Uma outra questão é o inevitável confronto PMDB versus Partido da Frente Liberal. O PMDB patrocinou a candidatura Tancredo Neves, e se considera assumindo o poder. Por outro lado, os governantes nordestinos acreditam que, no próximo Governo, com características de um Governo de transição, deve funcionar o equilíbrio de forças de que tanto fala o próprio Tancredo Neves.

Na verdade, todos alimentam desconfianças. Para quem ainda analisa as coisas da política na base dos extintos PSD-UDN, jura que esta será a vez do velho PSD, à moda mineira.

De qualquer forma todos esperam o melhor do futuro Governo, principalmente a partir do instante em que Tancredo Neves anunciou que não somente haverá nordestinos na sua equipe como Ministérios voltados para o Nordeste.

de com que foi ungido transformar-se em descontentamento, o novo Presidente deverá usar as mudanças estruturais de caráter político para amortecer o impacto de um possível insucesso no conserto imediato da economia. Principalmente no que toca ao controle da inflação e à reposição do poder de compra da população, por meio de reajustes salariais nos índices desejados pelos trabalhadores de todas as categorias.

SEDATIVOS — A intervenção saneadora de Tancredo se concretizará a partir das promessas que rechearam os discursos nos comícios realizados ao longo da sua campanha. Tratar o Nordeste como prioridade; acabar com as mordomias e a



Tarcísio Maia: jogo certo

corrupção; exercer um maior controle sobre o orçamento das empresas estatais; promover uma reforma tributária; injetar mais verbas nas combalidas universidades públicas; reformular a Lei de Segurança Nacional; realizar eleições diretas em todos os níveis, começando com as Prefeituras das capitais possivelmente em 1985; e convocar uma Assembleia Nacional Constituinte dentro de dois anos formam o grosso das promessas do então candidato.

É com elas que o novo Presidente pretende sedar o descontentamento com o rigor das medidas econômicas necessárias para o País retomar o seu crescimento, freando o processo de empobrecimento a que o regime militar submeteu as classes baixas durante a sua vigência. Um outro fato é aguardado com expectativa e colocado em tom de interrogação: como Tancredo cuidará de manifestações populares a fa-

vor, por exemplo, de salários mais gordos? Reprimirá greves, esquecendo-se do liberalismo vendido em comícios e entrevistas?

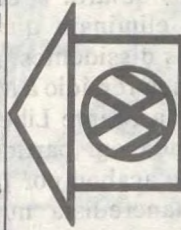
Todas estas questões serão respondidas já a partir da escolha do novo Ministério, quando serão conhecidos os gatos do saco tancredistas que darão o tom do seu Governo — se os opositoristas de última hora ou os que ao longo de vinte anos tentaram defender uma população espoliada política e economicamente. A escolha do novo Ministério e dos nomes que preencherão outros cargos mais relevantes do Governo de Tancredo servirá, também, para que se analise qual o grupo do Rio Grande do Norte que efetivamente comandará a ação tancredista no plano local.

MAIA OU ALVES? — Uma definição demais importante porque remete ao próprio futuro político do Estado, a partir das eleições governamentais de 1986. Se Aluísio Alves saiu na frente na corrida adesionista a Tancredo — afinal, os dois são do mesmo partido e Aluísio já exercia cargo de confiança no Banco do Estado de Minas Gerais — Tarcísio Maia também não demorou a juntar-se às hostes conciliatórias. Embarcou junto com o filho José Agripino na viagem tancredista, levando a fama de hábil estrategista e o prestígio consolidado ao longo de doze anos de mando do clã no Rio Grande do Norte.

Deixou ao primo Lavoisier a tarefa de administrar os despojos pedessistas, garantindo-se contra o crescimento do Senador Carlos Alberto e assegurando a possibilidade de coligações que deverão decidir as eleições de 86. Desde que os dois mais representativos líderes do Estado convivem no mesmo barco, são muitas as especulações sobre quem ficará com o quê na divisão do bolo tancredista. Nesse jogo, Tarcísio empunha a função de cacique-mor do Partido da Frente Liberal — onde se instalou ao lado do filho — e, por tabela, a companhia significativa dos ilustres dissidentes pedessistas — Aureliano Chaves, Marco Maciel, Hélio Beltrão.

Mas Aluísio não conta menos. Derrotado nas eleições governamentais de 1982, foi aquinhoado com uma das diretorias do Banco do Estado de Minas Gerais — no Rio de Janeiro — e é usualmente citado como um dos conselheiros que

PEÇAS PARA VOLKSWAGEN E FIAT



CASA DO VOLKS
Av. Prudente de Moraes, 1804
Tel.: 223-2488

A Casa do Volks já é um ponto de referência no comércio de peças e acessórios para Volkswagen e Fiat, em Natal. Agora, uma boa notícia para sua clientela: a Casa do Volks é distribuidora da caçamba reboque Ribotta, fabricada em São Paulo. Os modelos das caçambas Ribotta são especiais para praia e campo, usadas também em várias utilidades, como depósito para gelo, converte em armário, espaço para pneu de suporte. Capacidade para 300 quilos de carga. Facilmente adaptável a todos os tipos de carros.



Tancredo mais ouviu durante o período anterior ao dia 15 de janeiro.

OS BOATOS — Tamanha proximidade fertilizou ainda mais o terreno onde são lançadas as sementes dos boatos. Se depender deles, Aluizio ou será ministro do Interior ou superintendente da Sudene ou diretor-presidente do Banco do Nordeste. De quebra, o irmão Agnelo Alves — assessor do vice-Presidente José Sarney durante a cam-

panha dos novos mandatários do País — seria premiado com a Presidência da Empresa Brasileira de Notícias, veículo oficial de comunicação do Governo Federal.

Embora a proliferação de boatos seja uma tipicidade de períodos como este, o certo é que os dois grupos políticos que lutam pelo controle político do Estado serão bem recompensados por Tancredo Neves. Seja pela dimensão do seu trabalho em prol do novo Presidente, seja

pela naturalidade das barganhas e compensações resultantes do apoio a qualquer político, chame-se Tancredo Neves ou Paulo Maluf.

Ser recompensada é, também, a expectativa da população do País. E de maneira a se ver remida das agruras que infestaram o seu cotidiano nos últimos anos. Mas é bom recordar que o discurso dos dirigentes do País a partir de 1964 enfeitou toda uma classe, manipulada para garantir — e justificar — sua

O perfil dos governadores da nova prioridade do BR

Unidos pelos mesmos objetivos, em torno das mesmas lutas, os governadores nordestinos apostam alto no futuro Governo. Evidentemente que há algumas divergências internas, de maior ou menor importância, que só o tempo poderá identificá-las. Há um ponto em comum: todos são contra eleições, em 1985, para prefeitos das capitais, à exceção de Gonzaga Mota.

PERNAMBUCO — O Governador Roberto Magalhães adquiriu prestígio político com uma certa rapidez, figurando entre as grandes estrelas da política nacional. De posições firmes, não engole muito fácil a presença de Minas Gerais no plenário da Sudene. Aos poucos vai firmando sua própria liderança. Há quem admita ligeiros estremecimentos no seu relacionamento com o Senador Marco Antônio Maciel. Defende projetos imediatos no setor da construção civil, artesanato e outros que possam ocupar a mão-de-obra não qualificada que habita os centros urbanos. Seu projeto político é uma incógnita. “Presos às siglas partidárias corremos o risco de não ter espaço para fazer valer nossos interesses”, avisou. Deve concluir seu mandato como governador. Admite uma convergência de forças entre o PMDB e o Partido da Frente Liberal com vistas à sucessão estadual. Tudo vai depender da conclusão do processo sucessório federal e suas naturais e misteriosas repercussões.

BAHIA — O Governador João Durval não apareceu em Natal no final do ano. Comentário de um assessor de Roberto Magalhães, no Aeroporto Augusto Severo: “Não faz nenhuma falta. Sua presença na reunião não acrescentaria nada”. O baiano, de Salvador, o chama de Denorex — aquele que parece, mas não é. Todo o espaço é ocupado por Antônio Carlos Magalhães. Terra de muitos caciques, ainda sobra algum espaço para Jutahy Magalhães, Lomanto Júnior e Prisco Viana.

CEARÁ — O Governador Luiz Gonzaga da Fonseca Mota foi o primeiro a desafiar a orientação do Palácio do Planalto. Tem um grave defeito: pouca liderança regional. Seu estrelismo pode prejudicar a unidade dos governadores nordestinos. Entre o Ceará e a região, fica com o Ceará, o que não caracteriza nenhum pecado. Sonha com um Ministério. É o único dos governadores nordestinos a apoiar eleições para prefeitos das capitais já em 85.

ALAGOAS — O Governador Divaldo Suruagy é o dono da situação em seu Estado. Duas vezes governador: pela via indireta e pelo voto popular. Deseja a Sudene. A Constituinte o atrai. Deixará o Governo para servir Alagoas no Senado.

MARANHÃO — Ao contrário dos demais companheiros da região, Luiz Rocha não faz fé num pacto de governadores. Tampouco

acredita que esta seja a vez do Nordeste. Sabe que será a vez do Maranhão, “apesar de João Castelo e Alexandre Costa”. Quer ser constituinte. Não aceita nenhuma aproximação com o PMDB maranhense.

PIAUI — Hugo Napoleão é totalmente favorável à formação de um bloco de governadores, a nível nacional. Não faz nenhuma restrição a uma possível convivência com o PMDB em seu Estado. Com uma certa experiência parlamentar, deixará sua marca como executivo. O Piauí detém a menor dívida e a mais alta arrecadação, em termos regionais. Não concluirá seu mandato.

PARAÍBA — Wilson Braga não fará oposição a Tancredo Neves. A Paraíba é por ele colocada acima de todas as coisas. Não perdeu uma só noite de sono quando optou, isoladamente, pela candidatura Paulo Maluf. Só tem um inimigo político: o Deputado Tarcísio Burity. Será governador até o último dia do mandato.

SERGIPE — Ex-Prefeito de Aracaju, João Alves Filho tem sua administração voltada para o interior. Não fará melhor Governo porque herdou uma administração falida. Concluirá seu mandato. É a favor do bloco de apoio ao próximo Governo. Nada reivindica do futuro Presidente por entender que a Frente Liberal apenas viabilizou a candidatura Tancredo Neves.

RIO GRANDE DO NORTE — José Agripino Maia luta, com todas as armas, pela unidade do bloco nordestino. Quer preservar sua liderança, acima de tudo. Ademais, fica mais fácil reivindicar. É candidato ao Senado. Reivindica a direção do BNB para um potiguar. (ALUISIO LACFRDA)

ascensão ao poder. O prêmio, como todos sabem, foi uma profusão de sapos até hoje não digeridos.

E se Tancredo Neves construiu sua biografia política com tintas mais ao gosto do público — por isto mesmo adquirindo sua admiração respeitosa — convém não esquecer a origem da maior parte dos homens que o ajudaram a carregar o andor da esperança até o dia 15 de janeiro. Neste caso, qualquer receio é válido e não chega a ser nenhuma demonstração de pessimismo porque o preço do desfrute de milagres e da submissão a milagreiros é bem conhecido de todos. E Tancredo precisará ser milagroso para saciar o apetite de tantos gatos sem esquecer da fome da população. (OLGA DE MATTOS). □



Agnelo Alves pode ganhar EBN

POLÍTICA II

A disputa da Sudene pelo bloco de políticos do NE

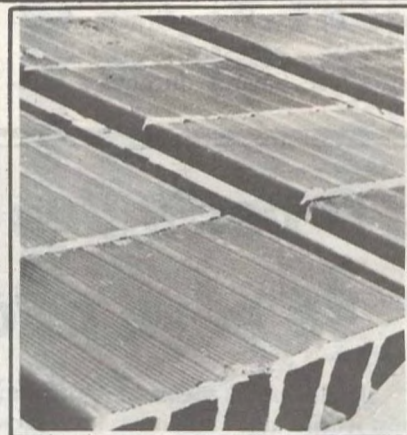
Tema determinante nas atividades políticas, sociais e econômicas desenvolvidas no Nordeste, por oferecer múltiplos mecanismos de poder e constituir o legado dos projetos desenvolvimentistas para a região, a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) se firmou, nos seus 25 anos de existência — num discutido e disputado naco do Governo Federal. Apesar da avalanche de críticas que vêm sendo feitas ao órgão, a expectativa em torno da definição do nome que irá ocupá-lo a partir de 15 de março, quando Tancredo Neves toma posse, tem tirado o sono dos políticos nordestinos, pelo fato do órgão monopolizar, eficazmente ou não, o repasse de recursos e os critérios prioritários em relação à sua aplicação nos 9 Estados da Região Nordeste.

O rebuliço provocado pela disputa presidencial no âmbito do Nordeste demonstra o fortalecimento dos governadores nordestinos, reunidos em bloco com a finalidade de constituírem — independente dos quadros partidários — uma estratégia política que seja sinônimo, a nível federal, do comprometimento do

novo programa de Governo com a região. Para defesa de sua tese, destacam o compromisso, assumido pelo novo Presidente, de fazer do Nordeste a prioridade número 1 do seu Governo, e da força política adquirida pelo grupo dissidente do PDS que o apoiou.

A questão de quem fica com a Sudene e com o Ministério do Interior — estrela maior da constelação regional — é o prato principal degustado em reuniões que vêm se sucedendo em meio às reivindicações pelo voto qualificado dos governadores no Conselho Deliberativo da Sudene. Pretende-se, assim, aumentar o poder desse bloco e proporcionar autonomia ao órgão, a exemplo do que acontecia à época de sua fundação, no Governo de Juscelino Kubitschek. Os critérios do tratamento político que Tancredo Neves vai dispensar aos Estados nordestinos, onde se batem os governadores que se bandearam para a Frente Liberal e os peemedebistas, ainda é tarefa para especuladores, diante do silêncio estabelecido desde a campanha, quando as arestas estaduais foram habilmente aparadas.

UMA QUESTÃO DE SEGURANÇA



Usar laje, seja de piso ou forro, hoje, é quase uma obrigação de quem constrói. A laje é uma questão de segurança, estética e beleza. E, se utilizadas nervuras e blocos, formando a conhecida Laje Volterrana, aí, o construtor terá mais economia de tempo e dinheiro, mais simplicidade na instalação, menos peso e uma qualidade sem igual. A Laje Volterrana, pela sua praticidade, tornou-se um produto nacionalmente conhecido. No Rio Grande do Norte é fabricada pela Saci-Material de Construção Ltda. Todo calculista criterioso determina Laje Volterrana para sua obra. Os investidores da construção civil também fazem isto. A Saci, detendo exclusividade no fabrico e comercialização do produto, ensina tudo sobre Lajes Volterrana. E ainda vende pré-moldados de cimento para pronta entrega.



Pte. Bandeira, 828 Tels.: 223-3626 / 3627 / 3628
Av. Rio Branco, 304 — Ribeira — Natal-RN



Geraldo: repasse de incentivos

Aureo Costa: "Não é fácil"

O presidente do PMDB estadual, Geraldo José de Melo, descarta, incrédulo, a hipótese do seu partido ser discriminado pelo Governo Federal, referindo-se à nomeação de peemedebistas para cargos decisivos.

INOPERÂNCIA ANTIGA — Remanescente da fase inicial da Sudene, Geraldo Melo recorda que, naquela época, "não tinha estrutura de planejamento e os Ministérios dispunham de grande autonomia", o que provocava dispersão de recursos e superposição de programas. À Sudene cabia coordenar, no Nordeste, essa ação dispersa e planejar a política de desenvolvimento regional, formulada no próprio órgão. Com a criação do Ministério do Planejamento, atingindo todos os níveis, a Sudene perdeu autonomia para criar novos programas, passando apenas a supervisionar as propostas elaboradas pelo Governo. "Repassador de incentivos fiscais" é como Geraldo Melo define o órgão a partir da vinculação ministerial, causando um "desfavor aos Estados periféricos".

Lamentando a desativação dos planos diretores, responsáveis pelo encaminhamento de propostas tira-

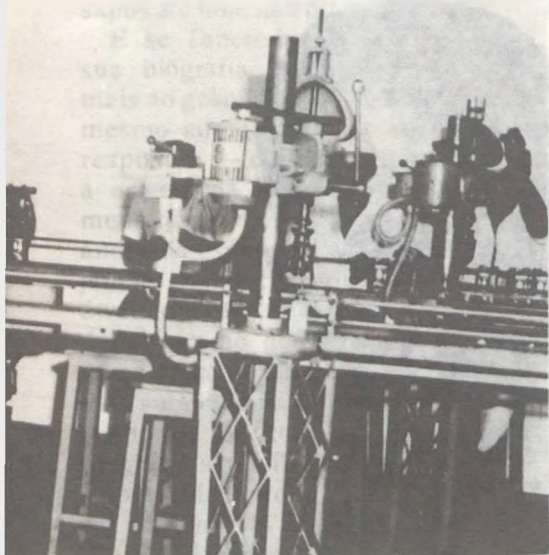
das do Conselho Deliberativo da Sudene, Geraldo atesta que havia consistência nos planos propostos, e as diretrizes eram as mesmas que hoje são reivindicadas. Ponderando, o líder peemedebista verifica que "o Nordeste de hoje é, pelo menos, muito diferente do passado", e que a Sudene "cumpriu seu papel, mesmo perdendo substância".

Divergindo dos governadores nordestinos, que pregam o tratamento diferenciado para a região, Geraldo Melo estranha a divisão que há entre o Brasil moderno, dispondo de um complexo industrial, tecnológico e financeiro, e outro miserável, "onde vivem milhões de brasileiros sem projetos, sem propostas, planos nem ninguém falando nele". Para reverter esse quadro, ele propõe que se priorize a pobreza nacional, sem antagonizar o Nordeste do resto do País, embora defenda a permanência do discurso regional.

PROJETOS NA AGULHA — "Acabar com isso não é fácil", segundo comentário do diretor em exercício do escritório da Sudene no Estado, Aureo Costa, referindo-se à crise de recursos financeiros, pela redução de atribuições, vivenciada hoje pelo órgão. A polêmica maior

gira em torno da aplicação dos recursos do FINOR (Fundo de Investimento do Nordeste) nos projetos notadamente agropecuários, que são criticados pelos peemedebistas como meio de distinguir privilegiados.

Aureo Costa contesta com a apresentação dos números de projetos financiados pelo Finor desde a sua criação em 1974: um total de 73 projetos industriais e 41 agropecuários. Nos projetos financiados pelo Governo Federal, ou conveniados com bancos estrangeiros, enquadram-se o Projeto Sertanejo, implantado em '76 com a finalidade de dotar de infra-estrutura áreas-problemas para resistência à seca. Afinal, diz Aureo, "seca não se prevê". Outro projeto — o Prohidro — data de '79 e visa abastecer de água regiões inóspitas através de linhas de crédito para construção de poços e açudes nas propriedades particulares, e de aplicação de recursos a fundo perdido para perfurar poços nas comunidades rurais. Finalmente, o Projeto Nordeste, inspirado no seu antecessor — o Polonordeste — que planeja reunir, a partir desse ano, todos os projetos numa única vertente administrativa, e que prioriza o pequeno e médio agricultor atra-



Projetos carregam recursos

vés da concessão de financiamento (pagos em 12 anos, com juros anuais de 7%) e assistência técnica.

Até que se definam os novos rumos políticos e conjunturais da Sudene, crescem as especulações e as perspectivas, redundando na recente declaração de Tancredo Neves, após eleito, de que não haveria prosperidade enquanto existissem homens sem teto (terra), sem pão e sem letra no País. Resta aguardar se não se trata de mais uma promessa como a feita pelo Imperador Pedro II, há mais de um século, quando declarou vender até a última jóia da coroa para erradicar a pobreza do Nordeste. Que continua aguardando. Pacientemente. (STELLA GALVÃO) □

POLÍTICA III

Uma sucessão estadual sem a paz dos grandes acordos

O PMDB já tem um candidato a vice-governador na chapa de Geraldo José de Melo: é o médico Laíre Rosado, sobrinho e herdeiro político do Deputado Federal Vingt-Rosado. O convite foi feito pelo próprio Geraldo Melo e aceito prontamente.

Para fechar esse acordo entre as duas lideranças, o candidato do PMDB ao Governo do Estado viajou, sozinho, a Mossoró em seu próprio avião, uma semana antes da eleição de Tancredo Neves. Não há testemunhas dessa conversa que durou aproximadamente três horas, num lugar discreto da Capital do Oeste.

Vingt-Rosado não deixará o Partido Democrático Social; há convites para ingressar no PMDB. Alguns prefeitos fiéis ao deputado mossaoroense gostariam de vê-lo na Frente Liberal — o que diminuiria as presenças do Palácio Potengi pela mudança de sigla — e ficariam em paz com o Governador José Agripino, sem maiores problemas para administrarem seus municípios. Vingt não quer nem ouvir falar em Frente Liberal, mesmo correndo o risco de ver alguns prefeitos debandarem. Por enquanto, tenta mostrar a esses prefeitos que esse não será o melhor caminho. Nem para ele,

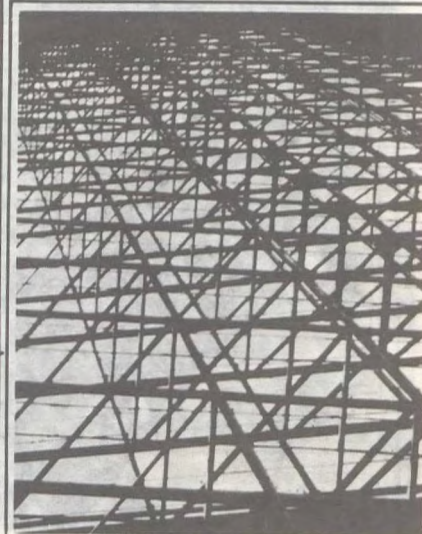
Vingt, nem para os correligionários.

Com a permissão de formalização de coligações partidárias, Vingt Rosado sente-se tranqüilo com a sua decisão, pois sabe que o que lhe faltava na próxima eleição será completado pelos amigos do PMDB.

«ACORDÃO» — Apesar dos insistentes rumores indicando a repetição do acordo de 1978, está definitivamente afastada a hipótese de um acordo entre as famílias Maia-Alves. Haverá acordos, certamente, mas nunca envolvendo os grupos que se uniram em 78. O próprio Vingt-Rosado torce pela aproximação de João Faustino ao ex-Governador Aluizio Alves. Depois daquele jantar, Alves não voltou a conversar com Faustino. Vingt estaria agora funcionando como o articulador desse acordo, e garante aos mais íntimos que falta muito pouco, desde que Faustino não queira o lugar de Geraldo. Aluizio cederia sua vaga ao Senado.

Porém, não haverá sacrifícios nem sacrificados em decorrência do apoio dos Rosado à candidatura Geraldo Melo. Não há nenhuma perturbação da parte do Deputado Antônio Câmara. O Mato Grande é seu, por direito e por liderança. Não

Comercial José Lucena Ferro & Aço.



Uma boa construção se conhece pelos alicerces. Fortes, seguros. A Comercial José Lucena é assim: como uma construção sólida. Há meio século, fornecemos qualidade nos nossos produtos em ferro e aço. E você pode comprovar que a aquisição dos nossos artigos — ferro para construção civil, ferro quadrado, chato, barras e cantoneiras — é uma boa empreitada. Tudo isso com um preço amigo e um prazo vantajoso, além do serviço de entrega automática. Venha até nós. Com a Comercial José Lucena, a casa nunca cai.

Meio século fornecendo qualidade



COMERCIAL JOSÉ LUCENA LTDA.

Agora também com a loja de ferro

Av. Presidente Bandeira, 882, Alecrim — Fone: 223-4820

há acordo que obrigue o eleitor de **Toinho** a votar em Vingt-Rosado. Para Vingt reeleger-se, basta tão-somente uma eficiente fiscalização nos municípios onde sempre foi votado. Aliás, moralização de eleições será um tema para muitos debates. E grandes intrigas.

Médico, jovem, trabalhador, Laíre Rosado é a própria expressão de liderança política. Nunca foi testado nas urnas, mas seus amigos garantem que não seria necessário grande esforço para substituir seu tio no comando da política mossoroense. Faz política desde menino, mas foi a partir das eleições de 1982, através de um programa diário na Rádio Tapuio — de propriedade da família — que ele entrou pra valer na seara política. Comandou, pessoalmente, a campanha do «voto camarão», mesmo contra a vontade de muitos amigos de Vingt. Para quem



Antônio «Toinho» Câmara

conhece o processo eleitoral vigente e as escaramuças havidas no Oeste,



Laíre Rosado, o candidato

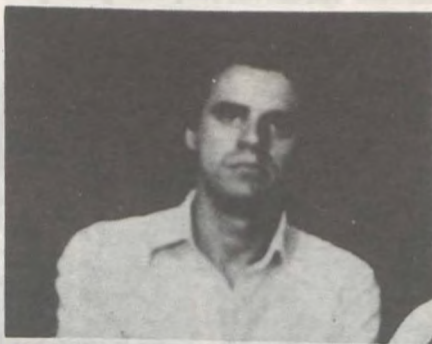
não deverá imaginar prova de fogo maior. □

Nos bastidores, a corrida para a sucessão municipal

Agora que o assunto tem o aval do Presidente eleito, Tancredo Neves, os projetos estão sendo montados. Nada menos de oito candidatos à Prefeitura do Natal vão à luta: Pedro Lucena (PMDB), Érico Hackradt (PMDB), Roberto Furtado (PMDB), Rui Barbosa (Frente Liberal), Henrique Alves ou Garibaldi Alves (PMDB), Wilma Maia (PDS), Gustavo Mariz (PDS) e o próprio Marcos César Formiga (Frente Liberal). Deflagrado o processo, PDT e PT igualmente apresentarão candidatos.

O pensamento do novo Presidente sobre eleições para prefeitos das capitais não indica, necessariamente, que haverá eleição agora em 85. O PMDB, onde é Governo, coloca em dúvida esse projeto. Os governadores do Nordesate, com exceção de Gonzaga Mota, rejeitam a idéia. Há, no entanto, grandes chances da emenda passar no Congresso Nacional. Amplos setores do PMDB, com apoio total dos pequenos partidos, podem aprová-la. Acrescente-se o grupo malufista, sempre desejoso de ver o circo pegar fogo.

Não se discute aqui as chances de cada um. Quem gosta de pesquisa poderia conferir. A nível de partido, mesmo não existindo lógica em política, o resultado certamente apontaria o favoritismo da



Henrique Eduardo ...



... ou Garibaldi Filho?

oposição — no caso, o PMDB. Garibaldi Alves, dizem, é imbatível. Wilma Maia, dona de muitos empregos na capital, seria a concorrente? A Câmara Municipal, pela maioria dos seus integrantes, deseja ver na Prefeitura um ex-ve-reador.

ACORDO, SEMPRE — Inaugurada em 1978, a paz pública nunca mais deixará de ser lembrada. O Governador José Agripino não desejaria concluir os últimos meses de mandato que lhe restam convivendo com um prefeito de oposição, exatamente no maior reduto eleitoral do Estado. Por isso, avisam algumas pessoas muito próximas ao Governador, “não se espantem se houver um acordo, tipo candidato único, à Prefeitura do Natal”.

O PT reagirá. Não negociou quando da sucessão presidencial, e muito menos agora. Do lado do PMDB, a coisa não seria diferente. O projeto das eleições nas capitais não é de agora; faz parte de uma estratégia muito bem montada pelos laboratórios do maior partido de oposição, e o próprio Presidente eleito gostaria de testá-lo, mesmo correndo o risco de ver desmantelado o pacto que o conduziu à Presidência da República. De outra parte, estaria definitivamente caracterizado qual o partido que assumiu o comando da Nação.

A injeção de projetos e bandas na folia das ruas

Quando os gauleses botaram a sua banda nas ruas de Natal no **re-veillon** de 1981/1982, jamais imaginariam que, dois anos mais tarde, seriam responsáveis pela revitalização do carnaval da cidade. A **Bandagália** fez escola e multiplicou-se em mais três conjuntos carnavalescos semelhantes, injetando ânimo novo no alquebrado carnaval de rua da cidade e pondo no chinelo a Prefeitura do Natal, que não obteve o que os gauleses conseguiram.

Hoje, a Bandagália é uma espécie de símbolo da cidade, reunindo em torno da sua legenda a alegria, a espontaneidade e as pessoas ensolaradas que infestam os **tapes** publicitários, mobilizados pela indústria turística para vender Natal ao restante do País. Os gauleses — segundo um dos seus «diretores», o poeta Francisco (**Chico**) Alves, repetiram no presente o que escolas de samba do gênero «Só Falta Você» faziam três décadas antes.

“Esta escola saía nas Rocas, em 1950, por aí”, conta Chico Alves. “E saía como a banda, de forma espontânea, chamando todo mundo na passagem pelas ruas. Eu acho que

foi por isso, por não pertencer a ninguém — já que a diretoria só organiza as coisas, sem atrapalhar — que a Bandagália, e depois as outras que surgiram, conseguiu revitalizar o carnaval de rua de Natal”.

A **Bandagália**, a **Bandalheira**, a **Banda dos Artistas**, a **Banda dos Filhos da Pauta** — um antigo bloco dos profissionais de Imprensa — e o bloco **Tamanduá** conseguiram segurar, em Natal no carnaval do ano passado, boa parte do contingente de carnavalescos que costumam procurar a alegria simples do carnaval do passado em cidades como Salvador e Olinda. A força do carnaval nestas cidades reside exatamente no que Chico Alves diz ainda faltar à folia natalense.

CENTRALIZAÇÃO — Ele quer que a Prefeitura siga a sugestão dos «bandeiros», sambistas e jovens «bloqueiros» da cidade, interessados em definir de vez as ruas que integrarão o chamado «pólo carnavalesco». “O carnaval de Natal teria, este ano, amplas condições de explodir se a Prefeitura criasse um círculo carnavalesco, um pólo para



Bandagália nas ruas...



... batuque nas esquinas ...



congregar todas as formas de folia do natalense”, alerta o poeta.

A fórmula seria simples: definir a Prudente de Moraes, a Ribeira, as Rocas e a orla marítima como limites desse círculo, realizando em locais dessa área o desfile das escolas de samba, dos blocos de elite que ainda sobrevivem e das próprias bandas, além de «troças» e «bagunças» que sempre aparecem no carnaval. “Se a Prefeitura fizesse isto, definindo um local que todos buscassem para brincar ou para ver os desfiles, não haveria essa dispersão. Veja o que aconteceu com o Carnaval de Recife, onde houve a pulverização que há em Natal e a folia foi pouco a pouco perdendo terreno para a de cidades como Olinda e Salvador”, observa Chico.

Nas duas cidades, diz ele, há uma área muito bem definida por onde flui toda a alegria dos conjuntos carnavalescos populares. E nos bairros mais afastados, onde não há possibilidade de concentrar a alegria, a Prefeitura arma palanques, contrata orquestras e a população faz a festa. Sem suntuosidade e sem elitismo, as duas razões que levaram os dirigentes das bandas a discordarem do projeto «Carnavália», elaborado pela empresa «Via Linear».

EQUÍVOCO — O coquetel de apresentação do projeto acabou entalando na garganta de Dickson Medeiros, na Boate Royal Salute, há três semanas atrás. Usando, num equívoco, o nome do Prefeito Marcos Formiga nos convites enviados à Imprensa e o da Prefeitura nos painéis estilizados em que tentou vender sua idéia, Dickson foi criticado duplamente. Pelo prefeito, que se disse desconhecedor do projeto enquanto promoção da municipalidade, e pelos representantes das bandas, cujos nomes foram utilizados sem prévia discussão.

Escaldados, os dirigentes das bandas se reuniram para discutir uma proposta própria de programação, que seria submetida à Prefeitura até o fim de janeiro. Basicamente, as bandas querem a manutenção do esquema do ano passado, quando a Prefeitura pagou os músicos e os «bandeiros» elaboraram uma programação que garantiu música na rua durante cinco noites. “Além dos músicos, nós queremos que a Prefeitura providencie a iluminação dos locais incluídos no roteiro e também a segurança para quem sair



... e o povo na folia

nas bandas”, esclarece Chico Alves.

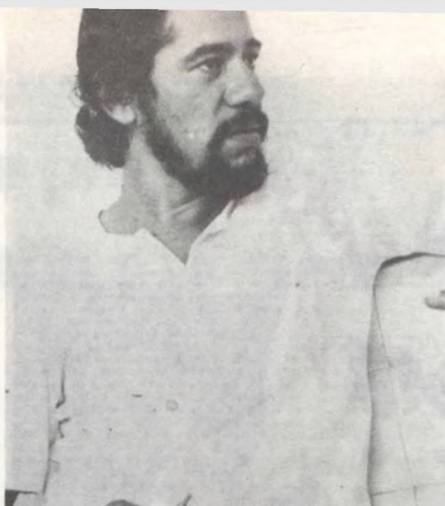
Assim, deverão ser mantidos no roteiro exatamente os bairros que durante muitos anos foram responsáveis pela alegria dos carnavais natalenses — a Ribeira e as Rocas. “Praticamente todas as escolas de samba de Natal concentram-se nas Rocas. Então, porque não fazer o desfile na Prudente de Moraes, que é um local mais espaçoso e mais central?”, reclama Chico Alves.

DEVER — E reclama em vão. Como foram vãs as queixas e lamúrias dos dirigentes de escolas de samba, que serão obrigadas a desfilar mesmo no Alecrim. É o descaso da Prefeitura para com as aspirações dos que fazem realmente o carnaval que revolta o presidente da Cooperativa dos Artistas. Ele considera que todas as decisões deveriam atender a tais aspirações, com a Prefeitura cumprindo aquela que, no seu entender, deveria ser “a sua obrigação precípua”: financiar o carnaval.

Embora reconheça que tal forma de agir é lamentável, o poeta manifesta-se com otimismo a respeito da sobrevivência das bandas e da alegria que elas devolveram à população carnavalesca da cidade. Para ele, a tradição firmada a partir dos gauleses conseguirá superar os obstáculos decorrentes do autoritarismo da Prefeitura. “Acho que as bandas sobrevivem e acho até que outras bandas surgirão. Veja que já há a **Bandanegra**, em Ponta Negra, e a **Banda Um**, em Barra de Maxaranguape. Além disso, temos mais outros blocos que sairão este ano, como o **Formigão**, a **Pomba** e o **Vermelho é Pau**”, conclui.

PROGRAMAÇÃO — Enquanto o carnaval não vem, comecem a surgir as primeiras propostas de programação a nível da Prefeitura, cobrindo o período entre 30 de janeiro e 23 de fevereiro. No dia 30, a Prefeitura realizaria a quarta prévia carnavalesca, na rua São Geraldo, nas Quintas. Para o próximo dia 02, prevê-se o início da temporada carnavalesca propriamente dita, com a escolha do Rei Momo e da Rainha do Carnaval. O show está programado para a Praia do Meio, a partir das 20 horas. No mesmo momento, começaria outra prévia carnavalesca, no Alecrim.

Para o dia 09, nova prévia, no mesmo horário e também no Ale-



Chico Alves: espontaneidade

crim. No dia 15, a **Bandagália** abriria oficialmente o carnaval, saindo do «Tob's» para a Praia do Meio, onde, a partir de meia-noite, estará ocorrendo um baile que só terminará, já com a adesão dos gauleses, às 6 horas do sábado de carnaval. Nesse dia, haverá a abertura oficial dos desfiles, no «corredor da alegria do Alecrim», com o prefeito entregando as chaves da cidade ao Rei Momo e à Rainha do Carnaval. Início da festa: 20 horas. Na Praia do Meio,

novo desfile carnavalesco a partir de meia-noite.

No domingo de carnaval, desfile de escolas de samba e de tribos de índios do «grupo C», no Alecrim, saída da **Banda dos Artistas** (na Cidade Alta) e novo baile público na Praia do Meio. Os horários serão os mesmos: 20 horas para o desfile, 10 horas para a banda e meia-noite para o baile público. Na segunda-feira, desfilam escolas e tribos do «grupo B», sai a banda dos **Filhos da Pauta** e há outro baile público na Praia do Meio. Tudo nos horários citados.

Na terça-feira, a apoteose. Desfilam escolas de samba e tribos de índios do «grupo A», sai a **Bandagália** e há o último baile público na Praia do Meio, até a manhã de quarta-feira. Mas o carnaval só terminará mesmo no sábado seguinte, dia 23 de fevereiro, quando serão entregues, em local e horário ainda não divulgados pela Secretaria Especial da Prefeitura, os prêmios às escolas de samba e tribos de índios consideradas vencedoras do carnaval em seus respectivos grupos. □

CARNAVAL II

O curioso brilho de Momo nos carnavais do passado

Os mais velhos costumam afirmar que carnaval mesmo era o de antigamente. Só que, invariavelmente, querem se referir ao tempo em que eram jovens e, conseqüentemente, brincavam o carnaval da sua época. Fica difícil, portanto, situar um tempo em que essa festa popular tenha atingido seu clímax, seu ponto ideal, se é que houve tal tempo. Diante dessa impossibilidade, o mais lógico mesmo é dizer que carnaval bom é aquele que se curte. Enfim, o do tempo em que cada um é jovem, pois é nessa época que se festejam geralmente as folias momecas.

Isso não impede, todavia, que um estudioso das tradições populares aponte a década de 20 como uma convergência especial entre tantos carnavais que já passaram no calendário norte-riograndense. Para Guercindo Saraiva, folclorista ligado às raízes culturais do RN, foi nos anos 20 que o carnaval natalense al-

cançou seu momento mais autêntico, quando os «Ford bigodes» transitavam no curso da Tavares de Lira, no bairro da Ribeira, enquanto os foliões, muitos dos quais travestidos de mulher, borrifavam os transeuntes com lanças-perfume, ou travavam batalhas de confetes, talco e serpentinas. As mulheres, mais discretas, se limitavam a tudo olhar à distância, sob a guarda repressiva de seus pais, maridos ou namorados.

Não era chegado, ainda, o tempo das escolas de samba, nem os poderes públicos se importavam com decorar as ruas com os motivos próprios da época. Mas já havia bagunças e blocos de sujo, que faziam o carnaval mais popular transitando pela Cidade Alta, sob o olhar complacente dos homens da lei, posto que um certo chefe de Polícia — apelidado «respeitosamente» de «Chico Farofa» — tenha tido a inoportuna idéia de proibir os folgues-

dos do entrudo nas ruas centrais de Natal. A ordem, felizmente, não prosperou, e os foliões, boêmios e demais carnavalescos puderam entregar-se livremente àquela brincadeira. Aliás não muito inocente, já que consistia, muitas vezes, em «batalhas» de água suja, quando faltavam as «laranjinhas» — pequenos invólucros de plástico recheados de água perfumada, que eram comumente endereçados às mulheres e aos homens respeitáveis.

DOIS CARNAVAIS — De acordo com Gumercindo Saraiva, o carnaval natalense guarda inalterada, uma característica: a divisão entre ricos e pobres. Desde os anos 20, a festa era na realidade, duas festas. Os mais ricos, incluída aí a classe média, divertiam-se nas ruas Sílvio Pélico, no Alecrim, e Tavares de Lira, na Ribeira, das 16:00 às 20:00 horas — tempo em que durava o corso, quando as mulheres exibiam vestidos confeccionados no Rio de Janeiro, acompanhando seus maridos nos confortáveis assentos dos «Ford bigodes» ou passeando pelas calçadas que naquelas ocasiões costumavam ficar apinhadas de foliões e curiosos.

Depois das 20:00 horas, a multidão costumava se dispersar, retornando alguns a seus lares, ao passo que outros dirigiam-se ao único clube disponível na cidade — o «Natal Clube» — que funcionava onde hoje é o Banco Nacional, interseção das ruas Rio Branco e João Pessoa. Ali, ao som de valsas, chorinhos, polcas, marchinhas e lundus, os compostos foliões entregavam-se aos folguedos momescos, bem diferentes, como se percebe, dos folguedos de hoje. É que ainda não se definira, de todo, um ritmo próprio para celebrar Momo. Isso dar-se-ia mais tarde, a partir dos anos trinta, quando se cristaliza, com o surgimento da chamada «época de ouro» da música brasileira, a consagração dos sambas, dos frevos e das marchinhas, como ritmos característicos do carnaval.

Quanto às classes populares, estas já ocupavam os clubes periféri-

cos, dos quais Gumercindo cita três: o «Terpsícore», o «Aero-sarna», e o «Clube dos Capadóciós», sendo que este último era, na verdade, uma casa de forró. Aí prosseguiam os ruidosos folguedos do entrudo, com um ou outro folião mais refinado substituindo a laranjinha e a água suja pelo lança-perfume. Mas isso era raro. Mesmo assim, todos se divertiam a valer, posto que os excessos não fossem permitidos pelos vigilantes da lei e os casos mais recalcitrantes terminassem mesmo, como hoje, na Delegacia.

Os anos trinta assistiram o florescimento de novos clubes, como Ale-

Lamartine costumava dirigir-se ao «Aero Clube» acompanhado de todo o seu secretariado, além dos membros de sua família. Luís da Câmara Cascudo era outro carnavalesco, que preferia introduzir-se em meio ao povo, para sentir melhor seus costumes. O então acadêmico de Direito, Paulo Viveiros, teve o mérito de introduzir o frevo no carnaval natalense no final dos anos vinte, dançando-o no elegante salão do «Natal Clube», o que foi suficiente para consagrá-lo como ritmo momesco.

Embora destaque os carnavais da década de 20, Gumercindo, pondo de lado qualquer mescla de nostal-



Escolas de samba: recentes

crim Clube, Assen e ABC, culminando também com o nascimento dos «assaltos», maneira elegante dos filhos da classe média, congregados em legendas clubísticas, se abastecerem de bebida alcoólica sem o incômodo de pagá-las.

«FOLIÕES FAMOSOS» — Lembrando nomes de foliões famosos da época de ouro do carnaval natalense — os anos vinte — Gumercindo cita o Governador Juvenal Lamartine, que freqüentava o «Natal Clube», passando-se depois para o «Aero Clube», do qual foi fundador.

gia, afirma que o carnaval do presente apresenta algumas vantagens em relação aos passados. A evolução das escolas de samba, a preocupação dos poderes públicos em decorar as avenidas do desfile, a renovação das músicas carnavalescas, revelam, segundo Gumercindo, que o carnaval não morreu, nem morrerá. Pelo contrário: a tendência é essa festa ficar cada vez melhor, acompanhando sua época, e evoluindo com ela. E à guisa de contribuição, sugere a liberação do «topless» nas escolas de samba, por considerá-lo um elemento a mais de

**Lua-de-mel
no Tahiti.**



Vale a pena passar uma rápida e deliciosa lua-de-mel no Tahiti. Se você ainda não passou, não sabe o que está perdendo.

Vamos, experimente. Mesmo que você esteja perto de comemorar as bodas de prata.

MOTEL TAHITI®
O paraíso é aqui.

atração dos desfiles. Para reforçar sua tese, cita o caso da escola de samba «Malandros do Morro», no desfile do ano passado, no qual uma passista daquela escola exibiu-se sem a parte superior do vestuário, obtendo assim ampla consagração popular.

FALTA DE APOIO — Diferentemente de Gumercindo Saraiva, o carnavalesco Luís Pedro da Silva, o «Lula», presidente da escola de samba «Berimbau no Samba», acusa os poderes públicos pelo estado deplorável em que se encontram as escolas. Afirma que a falta de apoio financeiro dos órgãos públicos está arruinando as escolas, haja vista que a «Berimbau no Samba», por exemplo, que poderia desfilar com dois mil componentes, sairá quando muito com um terço desse total, por falta de condições financeiras, que deveriam ser asseguradas pelos interessados pelo sucesso do carnaval. No caso, refere-se não apenas ao poder municipal, mas ao comércio e à indústria, e até mesmo o público, que é a meta do próprio desfile. Não obstante tais dificuldades, «Lula» acha que a evolução das es-



Gumercindo: história

colas de samba, com a criação dos destaques e as diversas alas que a compõem, veio acrescentar um elemento visual de grande brilho à festa momesca. Daí a insistência com que chama às autoridades para que agilizem a liberação de recursos, de modo que as escolas possam aprontar sua ornamentação e fantasias com mais antecedência, “e não em cima da hora” como vem acontecendo. E, naturalmente, recursos maiores, enfatiza. (NELSON PATRIOTA) □

tas (quem serão?), a chamada geração dourada ou «pão com cocada», como prefere a crônica social, dedica-se em tempo integral a enaltecer a altura das ondas e suas respectivas evoluções. O que conversam entre si, nas amenas rodinhas que se formam em meio aos olhares ávidos em busca dos traseiros femininos empinados, pode ser tema para cronista, nunca para dicionarista. O papo quase sempre é iniciado com um sintético «e aí?» que, dependendo do nível de amizade e do interesse da «figura», fica por aí mesmo.

Entre os bronzeados e torneados rapazes, é indispensável conhecer-se praias onde as ondas alcancem alturas inimagináveis e roteiros paradisíacos. No meio do papo, um recém-saído do mar passa o «babadado» — “Olhai, moçada, tá a maior chinfra”, quer dizer, tá rolando a maior onda, ou ainda, “a água tá um barato”.

Deitadas em côncavo, com travesseiro de areia feito no capricho, ou mesmo horizontalmente, para não forçar a coluna, as «minas» exibem, nesse verão mais do que nunca, todo o «bumbum» a que têm direito, combinando cores tão chocantes quanto os visuais, que repercutem numa entrada gingando rumo à água.

«AGITO» À SOLTA — Em se falando de modismo, a grande bossa parece ser mesmo os biquinis largos logo abaixo da cintura e afunilados no restante a ser — a contragosto — coberto.

As rodinhas masculinas formadas ao longo da areia, comentam um ou outro assunto extra-praia que está vogando — “Pô, cara, que saco

COMPORTAMENTO

Um jeito todo especial de curtir sol e mar em Natal

No clímax do verão, todo lugar pode ter seu toque de exotismo, principalmente se embarca no êxtase do modismo. Mas nenhum consegue suplantar a magia da praia, eterno reduto de garotões e meninas bronzeadas que fazem do idílio com o mar a filosofia mais simplória e eficaz das que tem proliferado. Em Natal, o «auê» acontece com mais «pique» nas praias urbanas, como era de se esperar, invadidas por todos os agentes poluidores possíveis e por tipos humanos tão notáveis como indicativos do pendão democrático que adorna o País.

Não é exagero a comparação, considerando-se a imensidão de metros quadrados de areia alegremente ocupada por todos os gêneros, desde os «cabeças» até os «caretas», generalização habitual dos mais chegados ao «pedaço».

VISUAIS «CHOCANTES» — Tendo como redutos tradicionais a Praia de Ponta Negra e a dos Artis-



É fácil «descolar»

usar esse cinto pra dirigir. Esse Governo num tá com nada". Pausa para uma descrição mais picante de quem passa no momento, monopolizando atenções.

Mesmo assumindo ares de liberalismo, os personagens da praia têm restrições a fazer quando trata-se do convívio com plásticas menos rígidas, principalmente se o objeto do furor estético estiver metido num minúsculo biquini — "Que diabo é isso, hem?", pergunta alguma adepta da dieta da lua, outra onda do verão.

Mas nem tudo são dissabores nas quentes areias natalenses. Afinal, que outro lugar de encontro oferece a tripla possibilidade de se pegar uma cor, refrescar-se a todo momento e ainda descolar uma paquera, hipótese nada remota. Mais que nos bares da moda, afinal, é na praia que todo mundo «agita», e que as oportunidades se apresentam coloridas, doces e conquistáveis. Quem duvidar, tente...

DESCOLAR É PRECISO — Enquanto, em Ponta Negra, a abordagem acontece de forma mais direta, no reduto dos artistas, a delimitação é física, com a ala masculina postada no calçadão em atenta observação à quantidade de «gatinhas» lá embaixo, ocupadas em se untarem de óleos de procedências e marcas variadas, chegando a extremos como uma estranha mistura de óleo de avião com óleo de amêndoas. No calçadão, também é possível «descolar», contando antes a ousadia do «toque» e a recíproca troca de olhares aprovadores.

A praia é também dos grupinhos que se fecham em semicírculo para os últimos «buxixos», predominando a rapaziada alegre, a propósito a mais ousada em matéria de tangas, já que a maioria masculina veste-se sobriamente, com calção esportivo nada revelador.

OS ARTISTAS, ENFIM — E à medida que o sol vai se firmando, surge de um lado da Praia dos Artistas uma de suas figuras mais típicas. Ninguém menos que Antônio Pereira dos Santos ou, como ele se identifica explicitamente, «Tony Perkins Samy». Para quem ainda desconhece e estranha o sotaque empostado, trata-se do ex-ator de cinema Juliano Clara, protagonista de «Gregório volta para matar». Afastado da gloriosa carreira, Tony



Cores e cortes chocantes



Marina: «La Paloma»



«Boy» ou «Legal», o pai da praia

atualmente é uma espécie de relações públicas daquele pedaço de praia e se diz “uma figura brilhante” porque, aos 37 anos, “calculadamente minha mente se estende”.

Dentre as suas façanhas, cita a criação da «Casa da Batida», algum tempo atrás e promete para breve o «American Bar», para recepcionar os amigos que faz «extensamente». Enquanto isso, diz, o seu canto de cisne é ouvido com frequência na praia, de onde se afasta 300 metros por ter “uma voz forte”.

Fora da água, no aconchego da sombra das barracas que não mancha a pintura, outra voz enche o espaço ao redor de um dos muitos toldos oficiais. É Marina Torres, de procedência indecifrável — segundo o folclore da praia, ela muda de país de acordo com o sol — também ela grande estrela há duas décadas atrás, na extinta TUPI de São Paulo. Cantava, representava e construiu até frase à época, iniciando muito jovem — “idade é uma coisa que não interessa para a arte”. E nem interessam as fronteiras, já que ela diz cantar em 6 idiomas. E confirma a fama com o dedilhar de canções açucaradas bem ao gosto dos românticos, num fechar lânguido de olhos que teatraliza a apresentação.

Com uma maquiagem onde sobressai o **rouge**, baton e esmalte cintilantes — indiferente às cores do verão — portando chapéu mexicano e brincos imensos, além do inconfundível violão com um São Jorge rodeado de purpurinas, **la paloma** Marina é a musa verão perma-

nente, assediada por turistas a fotografá-la em delírios musicais.

«EU SOU BOY» — Defronte ao palco improvisado da barraca, passa fofoso o terceiro personagem famoso das paragens. Sem porte atlético, mancando de uma perna, bengalinha à mão, é o bom humor ambulante. Quem, freqüentador contumaz ou não, já não foi assediado por Edilson Pereira das Chagas, ou «Legal», «Boy» e ainda «Pajaraca», pai da praia na linguagem dos seus fãs incondicionais?

Boy, enfim definido, conta com orgulho que está chegando aos 27 anos de cachaça, a qual recorre “para espairer”, seja segunda, quarta ou domingo. E para delírio de gente que hoje vai à praia “curtir a onda desse coroa”, ele chega nas toalhas espalhadas pela areia e solta a sua tirada para as meninas, utilizando palavrões. O arsenal de Boy não pára aí, e talvez constituísse um novo dicionário pornográfico. “Mas é disso que todo mundo gosta”, comenta um dos seus admiradores.

Tipos à parte, a vida da orla marítima consta ainda de ingredientes que lhe aumentam o lirismo e o atrativo: são os inevitáveis caranguejos, peixe frito, tapioca, camarão, caldos e outros tantos tira-gostos que colorem os cartazes de turismo. Em bebidas, a preferência continua com as geladas e, embora sofra de uma inflação galopante na praia, a cerveja ainda é a grande

Material elétrico industrial.

É com
a gente

PIRELLI

SIEMENS

Peterco



Queiroz Oliveira
COMÉRCIO E INDÚSTRIA LTDA
MATERIAL PARA MONTAGEM E MANUTENÇÃO INDUSTRIAL
Av. Rio Branco, 185 - Telefone: 222-2056 - Ribeira - Natal-RN

pedida. Pará, da barraca que leva o seu codinome, se entusiasma com a época e diz que o movimento "tá indo de vento em popa". Ivanilda Luca, da barra 36, situada numa área

menos privilegiada — a Praia do Meio, tida como «a da mistura» — diz que "em bebida tá um fracasso", e que, atualmente, "o pessoal só faz comer". (S. G.) □

LAZER

Uma cidade pobre em opção para a clientela infantil

Ver televisão. Ou melhor, a TV Globo. É a única opção que a criança natalense tem nesse período de férias escolares em termos de lazer, pois a cidade não oferece nenhuma alternativa. Exceção feita àqueles privilegiados que moram próximo à praia ou mesmo àqueles cujos pais costumam veranejar (e estes pertencem à minoria abastada) em praias fora da cidade. Não há praças, parques, jardins, zoológicos e coisas do gênero, onde uma mãe possa levar seu filho para «desfastiar» da chatice de um televisor. É bem verdade que existe uma «Cidade da Criança» — que seria uma réplica de uma cidade de verdade, além de oferecer espaço livre para brincar e brinquedos — e o «Bosque dos Namorados» que, como o nome sugere, serve mais para abrigar casais, principalmente depois das oito horas da noite.

Apesar de ainda ser uma cidade privilegiada por espaços livres, Natal não tem praças, à exceção de algumas famosas como a Gentil Ferreira, transformada em «Mercado Persa»; André de Albuquerque, ótimo esconderijo de marginais e alguns casais mais afoitos; a Pedro Velho (também conhecida como Praça Cívica), a preferida dos jovens estudantes. Outras pequenas e mal cuidadas praças não estimulam o passeio matinal nem vespertino, nem há os já conhecidos brinquedos para crianças.

O «Bosque dos Namorados» que, teoricamente, de dia é das crianças, não oferece muitas opções em termos de brinquedos, a não ser o espaço para correr e uns poucos bancos para o descanso das mães. Nesse caso, a frequência resume-se mais aos sábados e domingos, quando os pais têm mais tempo de se dedicar a seus filhos.

de da Criança», com miniaturas de Igreja, Prefeitura e tudo o mais que poderá formar uma cidade, além dos brinquedos (com rodas, pedalinhas hoje quebrados na Lagoa Manoel Felipe, escorregador, etc.), hoje perdeu várias de suas características originais. Com uma frequência esparsa no decorrer da semana, é nos sábados e domingos que a «pequena cidade» é invadida pelos visitantes mirins, principalmente aqueles residentes nas proximidades — Petrópolis, Tirol, Lagoa Seca, Centro e Alecrim.

É evidente que o aumento da frequência nesses dois dias deve-se à disponibilidade dos pais nos finais de semana, mas é no domingo que a população aumenta — a partir das 16 horas, quando começa um **show** infantil pago pela Emprotur e realizado por atores natalenses. Eles se vestem de palhaço, fazem réplicas de bonecos de Walt Disney, encenam pequenas peças e divertem a criança.

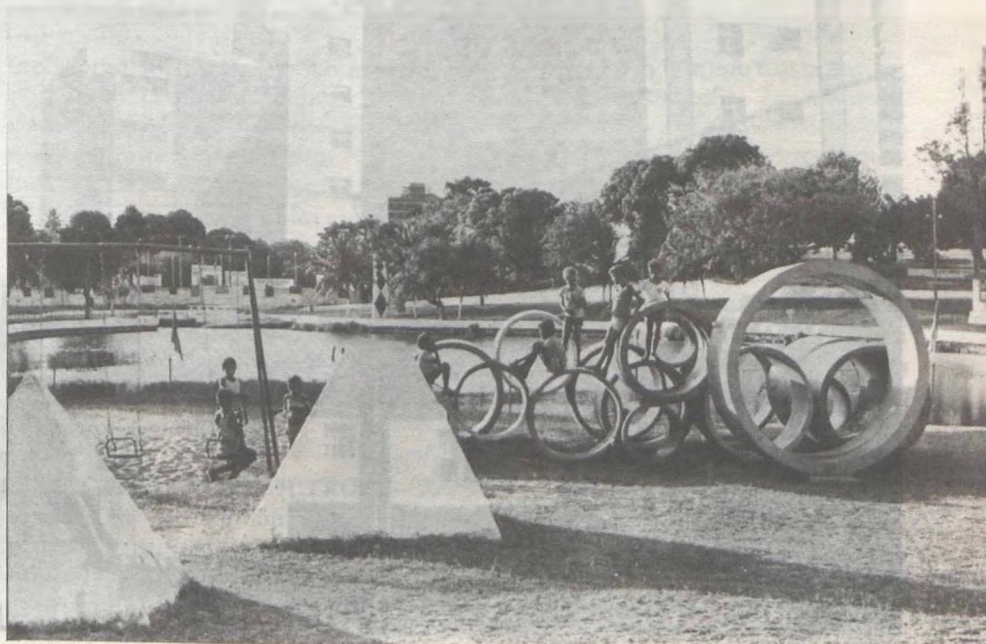
Rino Dantas, Francilene e Ana

Francisca têm, na «Cidade da Criança», um meio de sobrevivência, e de lá eles podem até ser contratados para festinhas infantis em família. E, embora os frequentadores sejam, basicamente, da classe média, Rino afirma que "vêm até os meninos do Morro de Mãe Luíza". Ele diz que isso ocorre porque as classes alta e média alta têm sua piscina, a sua fazenda para oferecer à criança.

Nesses dias de festa, a criança paga Cr\$ 200,00 nos sábados e Cr\$ 500,00 nos domingos. Um preço simbólico, que qualquer criança pode pagar, frisa ele. Na opinião de Rino, a «Cidade da Criança» é praticamente a única opção em termos de lazer para a criança, e também a preferida.

Essa falta de opção, ou opção única, é um fato indiscutível, e Luciana Medeiros, duas filhas (entre 2 e 4 anos), uma solitária frequentadora da «Cidade da Criança» no meio da semana, é enfática quando diz "aqui não tem nada". Afirmando que a única alternativa que existe "é isso aqui, e nem é grande coisa", resume a precariedade da «Cidade da Criança».

CULTURA NENHUMA — Em termos culturais, Natal também não oferece grandes alternativas para a população infantil. Os cinemas não programam filmes para a garotada, excluídos os já tradicionais filmes dos «Trapalhões», a cada mês de janeiro, exibidos no Brasil inteiro. Os teatros — e existem somente dois, os conhecidos «Alberto Mara-



Cidade pequena, problemas grandes

OPÇÃO PRECÁRIA — A «Cida-

nhão» e «Jesiel Figueiredo» — também não têm uma programação contínua com peças infantis, embora nesses termos a criança tenha melhor sorte que o adulto. Valendo salientar que o Teatro «Jesiel Figueiredo» faz um grande esforço para brindar as crianças com suas peças, mesmo sem muita continuidade.

E a criança pobre fica à margem

não só das opções culturais, como de outro tipo de lazer qualquer que exista. Um exemplo é o destino que se dá (ou não se dá) às áreas reservadas como praças nos conjuntos habitacionais — onde a planta do conjunto prevê uma praça, crescem as ervas daninhas ou são transformadas em campo de futebol para adultos. Nunca em quadras de esportes para crianças e adolescentes. □

HABITAÇÃO

Condomínio: um remédio de gosto amargo para Natal

Natal, uma cidade com pouco mais de 500 mil habitantes e ainda considerada muito pequena para os padrões de grande metrópole, há cerca de três anos começou a ensaiar os primeiros passos nesse sentido com o «boom» da construção de conjuntos e condomínios residenciais. Levados em consideração principalmente o aproveitamento do espaço e o crescimento vertical, ficaram em segundo plano as condições oferecidas aos mutuários. Os exemplos se multiplicaram em nomes como Jardim Botânico, Bairro Latino, Parque das Serras, Parque das Pedras, Parque dos Rios e tantos outros que abrigaram em apartamentos grande parte da classe média baixa de Natal. Os problemas, agravados pela crise financei-

ra e o alto valor das prestações, acabaram caracterizados principalmente pela falta de costume do natalense de morar em comunidade, de morar em condomínio, e particularmente, de morar em apartamento.

O crescimento vertical, uma opção quando não existe mais espaço para o crescimento horizontal, em Natal se transformou em mania de grandeza, especialmente se for observado o fato de que ainda existe «muito chão». E hoje ninguém quer morar em casa porque, além dos alugueis estarem pela hora da morte, o apartamento é mais prático e, teoricamente, dá mais segurança.

AMARGANDO DISSABORES — Na zona sul, em direção a Ponta Ne-

gra e Neópolis, o número de condomínios aumentou assustadoramente e, embora a desvalorização de imóveis financiados pelo BNH (com os recentes conflitos entre mutuários e agência financiadora devido às altas prestações) seja um fato, continuam ainda as construções de apartamentos. Enquanto uma parte da população está optando agora por apartamento, uma outra parcela está amargando os dissabores de se conviver comunitariamente — muitas vezes com pessoas que não estão acostumadas com esse regime de vida — e até as consequências da má administração dos condomínios, que tem se transformado em regra geral.

Os apartamentos com mais de três anos de construção, em geral têm mal aspecto, estão deteriorados, sujos e têm sido motivo de dor-de-cabeça para muitos condôminos. E outra regra geral é que nunca há afinidade entre moradores e administração, personificados pela malafamada figura do síndico. Além das taxas de condomínio serem sempre consideradas caras — dificilmente se chega a um acordo nesse sentido — os problemas nesses casos são traduzidos em sujeira do prédio e da rua, frequentes falta de água e luz, negligência da vigilância, e desrespeito aos regulamentos de condomínio, que proíbem som alto depois das 10 horas da noite, roupas estendidas nas varandas ou janelas, sem falar dos atritos menores que sempre existem quando se mora em apartamento.



Muitos blocos, poucos síndicos

É bem verdade que existem as exceções, caso raro principalmente em condomínios grandes como é o caso do Parque das Rosas, onde os moradores dos 108 apartamentos distribuídos em blocos pouco têm do que reclamar, a não ser das famosas transgressões de pequenas regras como roupa na varanda. O aspecto é limpo e a vigilância é elogiada, embora segundo informa a moradora Hilma Barros Favero, ultimamente tenha havido muitos assaltos. Problema com o síndico, diz ela, não tem — só que a responsabilidade é grande e ele agora está querendo deixar.

JARDIM BOTÂNICO — O Condomínio Jardim Botânico, em Neópolis, é o exemplo do caos, e talvez da falência do sistema de condomínio. Tudo vinha funcionando normalmente, não fosse a descoberta da fraude do síndico João Nogueira, já destituído do cargo por uma assembleia dos moradores.

A fraude foi descoberta com a ameaça concreta da CAERN de cortar a água de todos os blocos de apartamento (552 ao todo), prejudicando cerca de 3 mil pessoas, uma vez que o síndico não havia pago as contas apresentadas desde fevereiro de 84, embora os condôminos estivessem em dia com suas taxas.

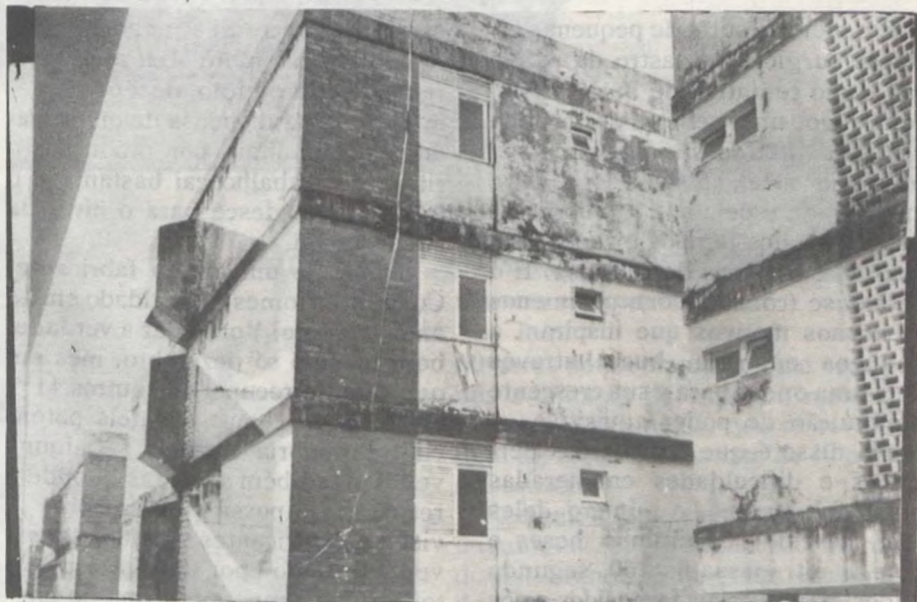
A revolta dos moradores começou em dezembro, quando quase todos deixaram de pagar o condomínio e, como consequência, foram suspensos serviços como limpeza dos prédios, coleta de lixo, entrega de correspondência (que era feita por um empregado da administração) e vigilância. Antes, porém, uma parcela dos moradores já tentava destituir o síndico e formar condomínios por blocos.

Fernando Lucena, um dos moradores e um dos cabeças do movimento, acha que o condomínio centralizado não funciona, principalmente em se tratando de um condomínio tão grande como o Jardim Botânico (46 blocos de 12 apartamentos).

Outro alerta dele diz respeito ao autoritarismo da legislação de condomínio (4.591/64), que dá ao condômino somente o direito de pagar — "é uma legislação declaradamente contra o condômino. Se ele não pagar, é multado, e se não for multado, é levado à Justiça". Fernando prega a criação de conselhos, entidades legais e sem autoritaris-



Mania de altura ...



... e problemas empilhados

mo, como forma de auxílio ao condomínio. "O que queremos é individualizar os blocos. As áreas comuns serão administradas pelo Conselho".

No Jardim Botânico, foi eleito um conselho provisório, que em primeiro lugar trataria dos problemas mais urgentes do condomínio — como levar o ex-síndico João Nogueira à Justiça. Na sequência será eleito o conselho para cuidar das áreas e problemas comuns.

DISSOLUÇÃO EM OUTROS — A dissolução de condomínio é uma proposta que está sendo levantada também em outros conjuntos de apartamentos, a exemplo do Bairro Latino, cuja população também está enfrentando problemas com o

síndico. O Condomínio Costa Brava, também em Neópolis, era administrado por uma empresa, mas os moradores resolveram demitir o administrador e formaram uma comissão, também provisória, com quatro moradores para resolver os problemas mais urgentes.

O Costa Brava, com pouco mais de dois anos de inauguração, está bastante deteriorado. As paredes estão esburacadas, a pintura dos prédios está suja e um dos proprietários fez uma garagem particular, coberta — o que, em situação normal, não seria permitido por descaracterizar o Condomínio. Uma moradora do Costa Brava, Ana Maria Couto, acredita que a Comissão recém-constituída vá melhorar o aspecto do Condomínio, o serviço de

limpeza e o problema de estacionamento. O que ela lamenta, no entanto, é a falta de comunicação entre os condôminos, defendendo uma maior união.

Mas não só nos condomínios maiores existem problemas com moradores. No Edifício Parque das Palmeiras, em Lagoa Nova (próximo ao Hiper Bompreço), um edifício onde a média dos moradores é mais abastada ou mesmo de solteiros, os problemas com síndico também

existem e são freqüentes. Lá a proporção das dificuldades é menor porque tratam-se apenas de 44 apartamentos distribuídos em 11 andares, mas alguns moradores reclamam de que normalmente os regulamentos são desrespeitados, principalmente porque a maioria dos moradores é solteira.

Com tantos problemas, muita gente já não «achando graça» em morar em apartamento. Conviver em condomínio é difícil. □

INDUSTRIA

Os múltiplos problemas da micro-empresa de calçados

Em meio ao surto de pequenas fábricas surgidas no lastro da recessão como tentativa de burlar o desemprego, uma vem se destacando pela sua produção significativa no comércio local, pela mão-de-obra empregada e pela sua proliferação, a despeito dos tempos bicudos: é a pequena indústria de calçados. E o natalense (consumidor), não menos afeito aos motivos que inspiram a pequena empresa, busca através dela uma opção para a sua crescente diminuição de poder aquisitivo. A prova disso é que, apesar dos percalços e dificuldades enumeradas pelos fabricantes, o número deles tem crescido nos últimos meses e hoje já ultrapassa os 100, segundo dados extra-oficiais fornecidos pelos mais experimentados.

Destes, ligados à Associação dos Vendedores Autônomos — que congrega, em sua maioria, camelôs — existem 33, segundo dados fornecidos pelo CEAG — Centro de Apoio à Pequena e Média Empresa, que desenvolveu em meados do ano passado gestões junto aos associados, no sentido de serem obtidas melhores condições de produção e comercialização para as fábricas de «fundo de quintal».

LUCRO INCERTO — Embora conte com um surto de fabricantes significativo, essas fábricas de «fundo de quintal» mantêm-se a muito custo, principalmente em função da época. Se dezembro lhes assegura uma produção acima das expectativas, nos outros meses o decréscimo é visível, principalmente nos

meses de fevereiro a junho e de setembro a novembro. Daí a característica de produção de época: comumente, há dispensa de empregados, que ganham por produção; o ritmo de trabalho cai bastante e o faturamento desce para o nível da subsistência.

Como diz um antigo fabricante, Colombo Gomes, respaldado em 13 anos no ramo, «prá falar a verdade, bom mesmo só dezembro, mês em que a gente recupera os outros 11». Convivendo com a clientela potencial, a maioria camelôs — alguns vendem também a lojistas — onde a recessão impossibilita compras à vista, os fabricantes são obrigados a vender «fiado» por um prazo incerto, ou que chega em forma de cheques somente descontáveis com um ou dois meses depois. Aí, «não dá», diz Colombo, porque a necessidade de adquirir material e fabricar é permanente, sob pena da atividade estacionar, os empregados serem dispensados, e o negócio falir.

Mas se há dinheiro para adquirir a matéria-prima, eles se deparam com outro problema: o da insuficiência de produtos básicos no comércio, que os vende — quando existem — a preços exorbitantes, segundo os sapateiros. Para Colombo, «aqui só vende de muito, e mais caro que noutras capitais». Nesse caso, o jeito é deslocar-se para cidades próximas, principalmente Fortaleza.

Em se tratando, ainda, do comércio que absorve seus produtos, os mais antigos asseguram que, para

**ECONOMIZE
COMPRANDO
NO ARMAZÉM
PARÁ**



Para o ARMAZÉM PARÁ é tarefa fácil e oportuna homenagear a RN/Econômico em seus 15 anos. Você sabe disso, porque na hora em que quer ficar bem informado e atualizado com os fatos mais importantes nas áreas sócio-econômico e político-cultural do Estado, lê RN/Econômico. Parabéns RN/Econômico! Da mesma forma, hoje quando você quer construir, reformar, ampliar e economizar adquirindo material de qualidade, já sabe que a solução está no ARMAZÉM PARÁ. O caminho certo em material de construção.

**ARMAZÉM
PARÁ**

**IMPORTADORA
COMERCIAL
DE MADEIRAS LTDA**

Rua Antônio Basílio, 180
PABX (084) 223-4977

venderem à vista, têm que desvalorizar o custo final do calçado, o que redundará em prejuízo duramente assimilado. Outro fabricante, Ademar Augusto, diz que "como a gente tem que vender de qualquer maneira, o jeito é sair perdendo".

Os dois sapateiros, em uníssono, cobram um maior apoio do CEAG em termos financeiros. Para eles, o que houve na reunião do ano passado, em termos de financiamento — "foi um brinquedo", com beneficiamento de alguns poucos. Para a sobrevivência da atividade, crêem ser indispensável empréstimos mais amplos e frequentes, e sem problemas, já que muita gente deixou de conseguir devido às condições exigidas — a da fiança, que alegam ser inaceitável — afinal, "ninguém quer afiançar". A saída, anuncia Colombo, é o empréstimo **desproblematizado**, "mesmo que o cabra hipotecasse o que tem", conclui.

SÓ ATÉ O CARNAVAL — Próximo a eles, numa das vilas do Alecrim pródigas em pequenos fabricantes de calçados, Antônio de Assis faz coro e alega que tem que haver renovação no financiamento, já que "dá prá vender só até o carnaval". Para ele também, o mercado local de matéria-prima exibe um preço muito alto, restando optar pela capital cearense até pela limitação de material básico em Natal.

O comerciante, no entanto, queixa-se de outro problema resultante dessa situação: a despesa extra representada pelo deslocamento a outras cidades. A dificuldade para manter os empregados é uma preocupação de Antônio, que reclama ainda da necessidade de recorrer aos agiotas para comprar material.

No período considerado fraco, do carnaval até junho e de julho a setembro, o dinheiro apurado "só dá pra manter os empregados", que produzem nos meses ditos magros entre 4 e 5 dúzias de calçados por dia. Por cada dúzia, ganham o equivalente a 3 a 6 mil cruzeiros, de acordo com o modelo e a fase de acabamento.

Próximo às micro-fábricas, Pedro Carneiro, gerente da Avinal — especializada em couro, plástico e material do gênero — explica que a diminuição nos estoques de material utilizado pelo sapateiro obedece a dois fatores: o representado pela efemeridade da moda, que obriga a loja a «encostar» as cores ultrapas-

sadas, e às condições de pagamento do sapateiro. "Nós só vendemos à vista, senão a inflação come tudo" e "o retalhamento do produto diminui o seu valor", diz, referindo-se às pequenas quantidades adquiridas pela maioria dos pequenos produtores.

Pedro alega, ainda, que as dificuldades com a aquisição do material e com a comercialização de produtos de couro crescem na medida

ganha, tem outro que não se ganha nem para comer".

Os sapatos de Francisco seguem o quente da moda, que ele observa nas novelas de TV, olhando o que os artistas usam, e nas revistas especializadas. Interessado na sua fatia de mercado — o público feminino — diz que o momento é de produzir sapatos que sirvam para o dia-a-dia e para o carnaval. A produção no último andar do edifício chega a



O couro está em baixa ...

60 pares por semana, que são vendidos a clientes definidos, a maioria formada de camelôs, que os revendem a preços que variam de 10 a 20 mil cruzeiros.

Reclamando do «pinga-pinga» do pagamento feito pelos seus compradores, Francisco de Assis reclama do CEAG, que tomou sobre si a tarefa de recuperar a atividade e só prometeu empréstimos com muito protocolo para ser obtido.

No CEAG, o gerente de operações, Jacques Fernandes Vidal, alega que as condições exigidas para o financiamento são fornecidas pelos Bancos (todos oficiais) e conclui que o ideal seria a criação de uma central de compras para abastecer o setor, como forma de minimizar os preços da matéria-prima e o deslocamento a outros centros. A perspectiva que se acena para o setor, é em termos de organização, é a reativação da Cooperativa de Sapateiros, pela Secretaria de Trabalho e Bem-Estar Social. Apesar disso, Jacques Vidal enxerga a raiz do problema no preço final dos calçados de couro para o consumidor, trinta por cento mais caro que os seus pares em plástico e tecido. □



... e a atividade sofre

em que os calçados de plástico e crochê abocanham mais parcelas do mercado por um preço mais acessível.

O PINGA-PINGA — Outro produtor com larga experiência no ramo de calçados é Jurandir, como é mais conhecido Francisco de Assis, que consegue manter, a despeito de toda a crise, 5 empregados num cubículo do edifício Emanuela, no centro da Cidade, Lá, diz ele, "não tem essa coisa de patrão, é todo mundo na batalha". Afinal, "tem mês que se

O Nordeste e a Nova República

GARIBALDI FILHO

A sociedade brasileira descortina a NOVA REPÚBLICA, anunciada e prometida pelo novo Presidente da República, Tancredo Neves. Todos sabem que a missão do novo Presidente não se restringe à recuperação econômica do País, com a revogação de uma recessão que ampliou, ainda mais, os sacrifícios e o desespero da maioria do nosso povo. No bojo desta crise, infelizmente agravada pela orientação governamental, problemas como fome, desemprego, analfabetismo, mortalidade infantil, desnutrição e subnutrição, criminalidade e violência alcançaram, nos últimos anos, índices trágicos e monstruosos. Além disto, as discriminações e os desequilíbrios regionais aumentaram, expandindo os bolsões de miséria, de injustiça social e de deplorável desrespeito à dignidade da pessoa humana. Sem dúvida alguma, por estas razões, e muitas outras de amplo conhecimento da opinião pública, o Nordeste efetivamente regrediu, transformando-se naquilo que Tancredo Neves, ainda Governador de Minas Gerais, ao analisar a conjuntura da região em reunião da SUDENE, considerou a VERGONHA NACIONAL.

O Brasil precisa e vai mudar. Esta mudança enfeixa as transformações que se impõem em termos institucionais, morais, culturais, econômicos, sociais, políticos e jurídicos. É o reencontro da Nação consigo mesma, após tantos descompassos e tantas agressões aos seus valores, tradições e vocação. A NOVA REPÚBLICA é, assim, esta restauração, este renascer, de modo que os brasileiros passem a viver e participar de uma sociedade identificada com as legítimas aspirações nacionais.

A entrevista concedida pelo Presidente Tancredo Neves, reunindo no plenário da Câmara dos Deputados cerca de 400 jornalistas brasileiros e estrangeiros, foi uma notável e auspiciosa antevisão dos novos tempos no Brasil. Durante 2 horas o Presidente eleito respondeu às interpelações de 58 jornalistas, as quais abordaram os mais variados temas da conjuntura nacional e internacional. Nada, praticamente, escapou, deixou de ser suscitado a fim do País e da opinião pública internacional saber a posição e a opinião do novo Presidente.

Entretanto, a questão que mais diretamente respondeu às expectativas dos nordestinos foi formulada por Agnelo Alves, o qual indagou sobre o Nordeste e as prioridades do novo Governo para a região. Tancredo Neves foi enfático e explícito. O Nordeste é a mais importante prioridade de sua administração. Analisando os problemas de nossa região, Tancredo Neves ressaltou que apresentara na SUDENE um trabalho sobre as alternativas de solução para os nossos problemas. Que estas soluções, as mais diversas, incidindo sobre todos os problemas e desafios, da seca à terra, do crédito ao desemprego, da irrigação à educação, da saúde à assistência social, todas enfim, já foram exaustivamente estudadas e examinadas. Cumprir a partir da palavra à ação. Do propósito, da intenção, à sua efetiva concretização. Além disto, entende Tancredo Neves que de imediato, as Universidades, a Igreja, os sindicatos, os empresários, as entidades culturais e assistenciais, devem discutir, definir e participar do grande mutirão que o seu Governo vai executar em nossa região. Sem dúvida alguma, quando salientou que a preocupação no Nordeste é humana e social, no sentido de proporcionar a todos os nordestinos condições mínimas de uma vida digna e compatível com os direitos básicos da pessoa humana, Tancredo Neves estabeleceu uma síntese do seu posicionamento sobre a nossa conjuntura, além de anunciar que tudo será feito com os Estados e os municípios, a fim de não divorciar nem distanciar as soluções de uma íntima identidade com a realidade regional e local.

Estes aspectos, que ficaram claros e definidos, exigem de todos nós, com alguma responsabilidade na vida política, econômica, social e cultural da região urgente ação, de modo a que participemos, realmente, da NOVA REPÚBLICA. Eis porque a nossa reiterada proposta de uma ampla discussão dos nossos problemas, formulada desde algum tempo, parece-nos metodologia adequada aos novos tempos no Brasil. Não se pode mais, de modo algum, aceitar passivamente que tecnocratas e alguns governantes definam, em gabinetes, os nossos caminhos. Vamos conquistá-los com o debate livre, autêntico, com a contribuição de todos. É a NOVA REPÚBLICA.

Médicos do Estado lutam por direitos da categoria

Embora o Governo do Estado tenha reconhecido parcialmente o piso salarial de três mínimos — e ainda em moldes que não representam exatamente o cumprimento da legislação federal existente — os médicos contratados pela Secretaria da Saúde consideram que a luta desenvolvida durante os últimos três anos em busca do pagamento desse piso significou muito para a categoria. Em resumo, é esta a análise que o presidente do Sindicato dos Médicos do Rio Grande do Norte, Paulo Rocha, faz sobre a campanha salarial dos profissionais, que, além do aspecto financeiro, envolveu questões políticas, colocou em xeque o discurso liberal do Governo e mobilizou toda a categoria.

"Embora as conquistas não tenham vindo na totalidade desejada, representam um marco importante para a categoria. Demonstram o acúmulo de forças conquistado e significam que a categoria está saindo da acomodação e aprendendo a se organizar e a lutar por seus direitos", considera o dirigente sindical. A principal conquista da categoria médica foi oficializada com a publicação, na edição de 18 de dezembro passado do Diário Oficial, da Lei n.º 5.334, na qual o Governador José Agripino anunciava o reajuste de salários dos médicos, elevando-os para Cr\$ 500 mil mensais, por uma jornada semanal de vinte horas de trabalho.

Além disto, Agripino fixou em 50% deste valor o percentual a ser pago aos médicos lotados em unidades de Saúde do interior do Estado, de modo a integralizar o salário correspondente à jornada de quarenta horas semanais que os profissionais são obrigados a encarar. Este lado da Lei não se encaixa nas pretensões da categoria, que desejava ter a jornada excedente remunerada sob a forma de horas suplementares, à base de 25% a mais sobre o valor da hora regular de trabalho.

IRREGULARIDADE — Para Paulo Rocha, esta forma de remuneração constitui irregularidade do ponto de vista legal. Uma impressão amainada apenas quando o presidente do Sindicato dos Médicos anota o lado político da luta salarial como um todo, que ele considera o saldo mais expressivo. "Esses valores, em termos de salário, ainda são irrisórios pelo que representa de importante para a população o trabalho médico. Há muita responsabilidade. E em outros Estados do País, a categoria já luta por um piso de seis a dez salários mínimos, enquanto aqui nós ficamos na faixa de três. De qualquer forma, se considerarmos a realidade do Estado, já é um avanço", reafirma ele.

A atitude do Governo foi forçada pela vitória que os médicos conseguiram na Junta de Conciliação e Julgamento, de quem um dos juízes prolatou sentença reconhecendo a obrigação do Estado de cumprir o determinado pela Lei 3.999, de 1961. O dispositivo legal estabelece como piso salarial para médicos e dentistas a faixa de três salários mínimos. "O Governo não quis fazer acordo na Junta, oficializando o respeito à Lei 3.999", recorda Paulo. Com a sentença, o Governo resolveu apelar e a ação ainda hoje per-

manece nas gavetas do Tribunal Regional do Trabalho, à espera do julgamento final, previsto para março próximo.

Paulo considera que o empenho do Governo em insistir no recurso contra a sentença da Junta tem raízes na filosofia administrativa e nos métodos políticos que orientam a ação do Governador José Agripino "Houve um corte final nas negociações com o Governo quando o Secretário da Saúde comunicou que o reajuste de Cr\$ 500 mil era a decisão final do Estado sobre o assunto e que não haveria mais discussão sobre a ação", anota ele.

AUTORITARISMO — Uma atitude definida como insensível e permeada de vícios sedimentados pela história do País nos últimos vinte anos. "A marca do autoritarismo ainda é um vício muito forte. Não há entendimento, da parte do Governo, do que seja uma negociação política. Neles, a prática democrática ainda é titubeante. Por isso não houve sensibilidade política do Governo para iniciar discussões antes. Cabe a nós, que defendemos a democracia, lutar para modificar este conjunto de práticas", assevera Paulo.

E a luta da categoria, segundo o presidente do Sindicato, não se esgota no reajuste conseguido e nem na ação à espera de julgamento no TRT de Recife. Muitas outras questões, ligadas ao salário dos médicos e a uma série de itens de que depende diretamente a qualidade do atendimento prestado à população, permanecem pendentes e serão objeto de mobilização. Duas delas têm re-



Médicos sem insalubridade

lação com o lado financeiro da atividade médica contratada pelo Estado: o pagamento do adicional de insalubridade e do salário-família. "O Estado não vem pagando nenhum dos dois direitos e nem mesmo chegou a alegar alguma razão, como é o caso do salário-família, que é um direito constitucional. Já no caso do adicional de insalubridade, a alegação é que isto não está incluído no orçamento do Estado. Mas nós vamos continuar lutando", assegura.

A mesma disposição unirá outras metas cortejadas pelo empenho dos médicos. Uma delas, definida como extremamente importante, é a do Plano de Classificação de Cargos, que o Governador José Agripino não quis ver discutido na Assembleia Legislativa "e foi adormecido em 1983". "Mas nós esperamos", diz Paulo, "ao lado de outras categorias de servidores públicos, fazer um movimento para retomar a discussão do plano, agora em 1985".

O objetivo primordial é definir o encaminhamento da carreira do médico nos quadros do Estado, regulamentando sua ascensão funcional, sua qualificação e — principalmente — garantir que a admissão se dará somente mediante concurso público, de modo a exterminar a prática do apadrinhamento político. "Para que tudo isto seja conquistado, vai ser fundamental a mobilização das outras categorias. A discussão sobre o plano já foi cobrada ao Secretário da Administração, Efreim Lima, que se disse aberto para discutir, desde que no momento oportuno. O que nós não sabemos é quando chegará esse momento", ironiza o presidente do Sindicato.

POLÍTICA NA BERLINDA — Complementando o trabalho de mobilização para 1985, os médicos pretendem colocar na berlinda os programas de Saúde Pública implantados pelo Governo do Estado, seja isoladamente ou em atendimento à política de saúde do Governo Federal. Isto será feito, disse Paulo Rocha, de forma a não separar o problema salarial dos médicos do demais conjunto de práticas que compõem a política de saúde dos Ministérios da área.

O primeiro ponto a ser atacado pela carga verbal e pelo empenho de mobilização da categoria será o chamado PAIS — Plano de Ações Integradas de Saúde, no qual o Governo pretende congrega as ações

do Ministério da Saúde e do Ministério da Previdência e Assistência Social. Enquanto filosofia de cuidar do corpo e da cabeça da população, o princípio integracionista é definido como correto pelo dirigente sindical. "Na prática, porém, há distorções", observa.

E que estariam ligadas à maneira pela qual o Governo tenta equacionar a crise financeira da Previdência Social, rateando os custos de operacionalização do sistema com o Plano saído das cartolas dos planejadores do Ministério da Saúde. "A gestão do programa é ainda verticalizada e autoritária, esquecendo o princípio de participação da comunidade. Não discutem o programa nem mesmo com os profissionais organizados em entidades ou com os que o veiculam nas comunidades", deplora Rocha.

Daí as distorções que ele anota, tais como a insuficiência qualitativa dos recursos humanos, as péssimas condições materiais de trabalho, o baixo nível da remuneração dos profissionais envolvidos e toda uma série de deficiências que transformaram o aparelho estatal de Saúde Pública em algo bem pouco eficiente para a população.

O FUTURO — Mesmo assim, Paulo considera que a categoria está atenta em todo o País, discutindo o programa e preparando uma espécie de dossiê onde se propõem modificações estruturais e operacionais, de modo a eliminar as distorções e deficiências. "Nós propomos, a partir das discussões realizadas na IV Assembleia Nacional de Entidades Médicas, um novo programa global de saúde para o País. Um modelo unificado, federalizado e democrático, com a participação de todos os segmentos envolvidos na sua execução", afirma.

O projeto será entregue ao próximo Presidente da República, em audiência a ser marcada após a posse em 15 de março vindouro. Mas enquanto o sucessor de Figueiredo não vem, os médicos do Rio Grande do Norte seguem discutindo e tentando modificar a face dos programas de Saúde Pública do Governo do Estado. "A Secretaria da Saúde Pública vem tentando estruturar a proposta de um médico em cada município. Mas o médico sozinho não vai resolver os problemas de saúde da comunidade", alerta Paulo Rocha.

UMA QUESTÃO DE BOM SENSO



O slogan "pensou em construir, pensou na Saci", já está tão difundido e acreditado no Rio Grande do Norte que são raras as pessoas que constroem ou reformam suas casas e não compram o material na Saci — Material de Construção Ltda., ou mesmo vão até a loja pedir informações sobre produtos e detalhes técnicos. É, primeiramente, uma questão de bom senso. A empresa já é uma tradição de mais de vinte anos, vendendo bons produtos ao norte-riograndense, comercializando as grandes marcas. Depois, são os bons preços e os convidativos planos de pagamento. Engenheiros, arquitetos, investidores do setor e até mesmo donas-de-casa "na hora de construir, pensam na Saci". E, se você vai construir, pense também na Saci.



Pte. Bandeira, 828 Tels.: 223-3626 / 3627 / 3628
Av. Rio Branco, 304 — Ribeira — Natal-RN

Entre os motivos de tal impossibilidade, o dirigente sindical relaciona as precárias condições materiais dos postos e unidades de saúde do interior, além da manipulação político-eleitoral de que o programa é objeto. "Há uma filosofia de trabalho clientelista. Há um assistencialismo que é reforçado nos períodos de eleições, de modo a comprar a simpatia da população para esse ou aquele político", lamenta ele.

Essa prática equivocada reflete-se na própria forma como o trabalho do médico é executado, de maneira que o profissional acaba incorrendo num viciado ciclo de práticas curativas, sem nenhuma preocupação com o exercício da medicina preventiva. O resultado, segundo Paulo, é que há uma espécie de anulação da prática médica, gerando conseqüências bem pouco benéficas para a comunidade. "Ocorre que a população praticamente permanece sem acesso à assistência médica, uma



Paulo Rocha: irregularidades

vez que acaba sendo instrumentalizada nas suas necessidades básicas. E permanece o descompasso entre as necessidades de que sofre a população e a eficiência da rede de saúde oferecida para resolvê-las", resume o presidente do Sindicato, de modo conclusivo. □

EDUCAÇÃO

Ensino público do RN pode melhorar com nova política

O modelo econômico implantado no Brasil nos últimos vinte anos caracterizou-se, entre outras anomalias, pelo corte de parcelas substanciais do orçamento do Ministério da Educação e Cultura. A redução das verbas redundou no quadro de deficiências que hoje campeia em todos os níveis da educação no País, determinando uma queda progressiva na qualidade do ensino oferecido tanto nas escolas de 1.º grau quanto nas Universidades. Tal baixa qualitativa envolve desde os profissionais ligados ao processo educacional até o material didático-pedagógico e a toda sorte de equipamentos e recursos complementares ao trabalho nas salas de aula.

Além da desqualificação em si, a redução nas verbas para a educação significou também o estrangulamento das possibilidades de expansão do sistema educacional brasileiro, com a iniciativa privada passando a pontificar num setor constitucionalmente colocado sob a tutela do Estado. Se nos Estados economicamente vigorosos foi possível uma intervenção reparadora dos Governos locais, o Rio Grande do Norte e

outros situados no mesmo nível de precariedade de verbas próprias sentiram bem mais o peso da escassez de recursos que possibilitariam as correções necessárias.

Apenas para exemplificar a gravidade da situação, as estatísticas controladas pela própria Secretaria de Educação e Cultura acusaram um déficit de 90 mil vagas na rede estadual de ensino de 1.º e 2.º



Hélio Vasconcelos: bons educadores

grau. Embora houvesse um ligeiro decréscimo deste índice no ano passado — e haja uma oferta suplementar de 10.010 vagas para 1985 — a situação preocupa o Governo e merece do Secretário Hélio Vasconcelos, segundo ele próprio afirmou, o empenho constante na caça de soluções minimizadoras.

CONFIANÇA — E o Secretário o faz de forma até otimista, a partir de expectativas alimentadas em função dos sinais positivos emitidos pelo sucessor do Presidente Figueiredo, o ex-Governador de Minas Gerais, Tancredo Neves. "Eu não cometeria a leviandade de dizer que as coisas estão cor-de-rosa. O modelo econômico esvaziou o aporte de verbas para a educação. Mas as mudanças políticas esperadas trazem a perspectiva de que a educação possa enfim ser reconhecida como prioridade concreta, de forma a ser transformada num instrumento de justiça social", afirma Hélio Vasconcelos.

Para que as mudanças venham, ele julga ser necessária a implementação da Emenda João Calmon, há dois anos esquecida nas gavetas burocráticas da Secretaria do Planejamento, e que destina 25% dos impostos e taxas arrecadados pelo Governo para investimentos na área da educação. No entender de Hélio, esta medida carece de um complemento — uma reforma tributária que permita aos Governos Estadual e Municipal cumprirem sua parte na história, destinando percentuais de 18% para o ensino.

Sem a adoção dessas medidas, qualquer trabalho no sentido de re-dimensionar o quadro da educação pública no País continuará penando os males da insuficiência dos recursos. E o Rio Grande do Norte, especificamente, continuará exibindo elevado déficit de vagas nas escolas de 1.º e 2.º grau. Mas, além da questão das verbas, que outros fatores contribuíram para o surgimento de tão desalentador panorama?

MIGRAÇÕES E FOME — Para o Secretário, houve uma procura dobrada de vagas nas escolas públicas graças às migrações internas que elevaram as taxas populacionais urbanas. Além disto, a merenda oferecida pelas escolas seduz o grande contingente de pessoas assoladas pelo fantasma da fome, com raízes no desemprego. "Nós preci-

samos de soluções que levem o aluno a procurar a escola por bem mais que a merenda'', receita o Secretário. Uma tarefa grandiosa, como se depreende das afirmações do professor Hélio Vasconcelos: 'É preciso fazer qualquer coisa no sentido de melhorar a qualidade do ensino. E há um esforço muito grande de educadores brasileiros para isto''.

Reaparece, então, o item «recursos», sem os quais qualquer boa vontade não passará do papel e da boca dos governantes. No caso do Rio Grande do Norte, segundo Hélio Vasconcelos, houve um acréscimo de 365% no volume de verbas que o Ministério da Educação e Cultura alocou para o Estado, em relação ao ano passado. E é basicamente desta quase quadruplicação que dependerão as soluções imaginadas para eliminar o déficit no número de vagas oferecidas.

Uma delas será a instalação de escolas informais, semelhantes às implantadas pela Prefeitura do Natal através do programa «Em Casa Também se Aprende a Ler», que tem origem na campanha «De pé no chão também se aprende a ler», executada por Djalma Maranhão na década de 60. O objetivo é eliminar os custos com a expansão e a manutenção das escolas públicas, muito altos principalmente no segundo caso. 'O custo anual da manutenção de uma escola é igual ao custo da construção'. Por isso precisaremos descobrir soluções baratas, informais'', vaticina Hélio.

BOM NÍVEL — O remédio contra a doença requer também a participação de um componente chamado professor. E aqui, as coisas vão bem, conforme o Secretário, que afirma haver compatibilidade entre o quadro de contratados pela Secretaria de Educação e Cultura e as exigências da rede estadual de ensino. Tanto qualitativa quanto quantitativamente. 'Nós realizamos dois concursos em um ano. No primeiro, foram aprovados somente 415 professores. No segundo, feito para preencher as lacunas deixadas pelo primeiro e também para preencher necessidades surgidas ultimamente, foram aprovados 2.717, dos quais 800 serão contratados imediatamente'', revela.

Os demais serão chamados somente quando a expansão do número de vagas nas escolas exigir isto. 'Os concursos são um instrumento



Professores em bom nível

de valorização do magistério. A nossa intenção é capacitar cada vez mais o quadro de recursos humanos da rede estadual de ensino. E isto tem sido conseguido. Eu acredito no nível de capacidade desses profissionais'', assegura o Secretário.

Ele rebate as insinuações de que as provas do segundo concurso foram simplificadas, de forma a evitar o ocorrido no primeiro, quando o número total de vagas não foi preenchido, reafirmando a sua crença na qualidade dos educadores formados no Rio Grande do Norte, principalmente na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 'Eu tenho muita confiança nos professores e nos especialistas em educação no Estado. A nossa Universidade é um centro de qualidade capaz de formar excelentes profissionais'', declara Hélio Vasconcelos. □

TRANSPORTES

Os transportes aéreos vão de vento em popa no RN

Mais jovem das empresas aéreas de aviação civil em operação no País, a Transbrasil está comemorando este ano 30 anos de serviços aéreos nacionais, que incluem três vôos diários com saída de Natal, ligando esta cidade às demais capitais brasileiras.

Para o gerente geral da Transbrasil no Rio Grande do Norte, Nailson Dantas de Oliveira, Natal é hoje uma das cidades brasileiras mais bem servidas em termos de transporte aéreo. Isso ele explica com a introdução dos aviões «Wideboeing», que vieram substituir os antigos «Quick Change» com amplas vantagens, dentre as quais a maior oferta de lugares, além das inúmeras opções que o «Wideboeing» propicia em termos de conforto (cinema e canais de música a bordo) e segurança, uma vez que é um aparelho de terceira geração, totalmente controlado por computadores.

Quanto à demanda de vôos, Nailson observa que isso já não constitui problema em termos locais, haja vista que a frota diária de sua empresa está atendendo com folga toda a procura interna, mesmo na época da alta estação.

Com dois vôos diários em Natal, um dos quais tipo «econômico», a Vasp está vislumbrando a possibilidade de ampliação de vôos em nossa capital, em virtude da tendência do mercado, que, segundo Paulo Roberto — gerente de vendas da empresa — está em fase de expansão, devido ao incremento do pólo turístico local, cujo núcleo se locali-



O moderno Wideboeing 767

za na infra-estrutura turística da Via Costeira.

Paulo Roberto lembra que hoje a Vasp está plenamente recuperada da crise enfrentada pelo Governo Maluf, quando a empresa chegou a ser conhecida como «viação sem pressa», vez que atualmente detém o troféu de empresa mais pontual do País. □

Artistas debatem os novos rumos na política do setor

Em Natal, como de resto na maior parte do País, a produção da cultura e da arte — literatura, artes plásticas, teatro e cinema — sempre esteve na dependência econômica de órgãos culturais do Governo. A iniciativa privada, às vezes, faz bons investimentos no setor. Mas a realidade é que não é fácil o financiamento para produção artística local, onde os produtores — ou artistas — têm que enfrentar os árduos e complicados caminhos da burocracia da cultura, quase sempre às voltas com políticas culturais não apenas elitistas, mas também estereis e medíocres.

Há uma certa expectativa de que a situação mude para melhor após a posse do novo Presidente da República. Há especulação, nos meios intelectuais, da possibilidade da criação do Ministério da Cultura, que poderá motivar novos debates a respeito da participação do Estado na administração, promoção e produção da arte e da cultura. Enquanto isso, o setor sofre as agruras da falta de uma política cultural mais séria e democrática. Desburocratizada, até.

Hoje, o Governo destina pouca verba para a promoção (ou melhor, produção) artística e cultural. A Secretaria Estadual de Educação e Cultura, por sua vez, destina apenas 3,7 por cento do seu orçamento para esta área. Daí, é comum ocorrer falta de recursos para determinados setores — teatro, por exemplo — enquanto outros são mais beneficiados. Diante do quadro, os artistas tecem as mais variadas críticas.

Para o teatrólogo Racine Santos, do setor de promoções culturais da Fundação José Augusto, um dos trabalhos de destaque da instituição nos últimos meses foi o Plano de Editoração, que possibilitou a publicação (em co-edição) de cerca de 50 títulos de livros; e o Plano de Restauração de Monumentos Históricos, do qual um bom exemplo foi a restauração do Solar Bela Vista. Destaca, ainda, a promoção de Feiras Culturais em vários municípios do interior do Estado, com atenção voltada para a preserva-



Racine Santos: aplausos

A cultura voltou à ordem do dia com as perspectivas de mudança que o novo Presidente da República descortina. Intelectuais dos quatro cantos do País discutem, hoje, os rumos do saber e, no RN, o debate começa pelo levantamento de falhas — no desejo de conseguir acertar.

ção da cultura popular-regionalista.

Racine Santos elogia, também, o trabalho do Secretário Lúcio Teixeira, frente à Secretaria Municipal de Educação e Cultura, pela manutenção do Ballet Municipal, este sob a coordenação do bailarino Roosevelt Pimenta. Outro bom trabalho, segundo ele, foi a criação da Sala «Xico Santeiro», que funciona como Galeria de Arte no bairro de Petrópolis.

Mas Racine Santos não tem apenas elogios. Apesar de não querer criticar o trabalho de nenhum dirigente cultural (às vezes, ou quase sempre, meros burocratas da cultura), Racine não deixa de ver que houve negligência, comodismo e falta de imaginação. Nesse sentido, questiona a UFRN pela "crise da Editora Universitária. Por que faliu? Falta de dinheiro? Falta de talento de quem dirigia? Ou falta de interesse da UFRN em promover a literatura?" Faz uma pausa e pondera que o ex-editor da Editora da UFRN, Airton de Castro, não merece culpa — pelo seu bom trabalho e talento.

POLÍTICA ELITISTA —

Apesar de não acreditar que tenha havido um bom dirigente na administração da cultura, o jornalista e poeta Osório Almeida concede que o professor Luís Eduardo Carneiro, delegado local do Ministério da Educação e Cultura, fez um bom trabalho, especialmente pelo fato de idealizar e realizar, pela segunda vez neste ano, o Encontro de Dirigentes Culturais, realizado anualmente. "Pelas poucas condições que teve e conseguiu realizar. É um cara discreto, esforçado, popular e não é autoritário".

Quando Racine toma o seu chá de camomila, na mesma mesa, Osório se exalta e não deixa por menos: para ele, um trabalho de administração ruim é o de Valério Mesquita, que Racine há pouco havia elo-

Não troque de mulher. Troque de ambiente.

É bem provável que a melhor mulher do mundo esteja pertinho de você, todos os dias. E talvez você nem desconfie. Experimente fazer um convite a sua mulher para uma esticada no Tahiti. Vai ser uma tremenda lua-de-mel. Independente dos anos de casados. E ela vai dar em dobro todo o prazer recebido.

MOTEL TAHITI
O paraíso é aqui

giado. "Faz uma política cultural elitista", acusa Osório, que completa: esse elitismo é voltado para os artistas e intelectuais «medalhões». Acusa ainda, por esse elitismo, o Conselho Estadual de Cultura, "dominado por gerontocratas".

BUROCRATAS X CULTURA —

Para os artistas plásticos Novenil e J. Medeiros, não há nenhum trabalho de dirigente cultural satisfatório. Mas Medeiros elogia a criação e realização dos encontros da Comissão Interinstitucional de Cultura (a dos Encontros de Dirigentes), como um centro de debates. "Mas como tudo em Natal, também é disperso". Por outro lado, entretanto, acredita que com uma melhor atuação dessa comissão, haverá condições de desenvolver racionalmente um plano cultural para o Estado. Elogia também o trabalho desenvolvido por Tarcísio Gurgel com a «Série Conviver», no Campus Universitário.

O poeta mimeógrafo, Carlos Astral, e o artista plástico Jordão, que juntos com Novenil e Medeiros bebiam cerveja no bar do jornalista Miranda Sá, no Centro Cultural, também deram boas opiniões sobre



Valério Mesquita em duas versões

administração e promoção cultural nos últimos tempos. Carlos Astral, muito agradecido, elege Valério Mesquita como o melhor dirigente cultural. Astral afirma que Valério se empenha em publicar e publica. Prefere não tecer críticas a outros dirigentes. E a melhor animação

cultural, segundo Astral, está em alguns bares da cidade. Desta vez, critica empresas estatais, tipo Petrobrás, e empresas da iniciativa privada como Brahma, Hollywood, Coca-Cola que não investem na área cultural local. Já o artista plástico Jordão destaca como bom o trabalho do próprio Governador José Agripino, na área cultural.

Na visão do intelectual e líder sindical dos professores estaduais, Eduardo Gosson, inexistente política cultural ou políticas culturais. Acrescenta, inclusive, que "nossos escassos dirigentes pouco fizeram para alterar este quadro. A FJA nunca foi tratada com seriedade. Inexistente também, por exemplo, uma política editorial. As publicações são feitas na base do compadrismo".

Enquanto isso, o jornalista Marcus Ottoni pondera que a FJA, entre erros e acertos, fez um bom trabalho nos últimos meses. "Porque entregou o Centro de Cultura a um Museu Cultural, a uma Cooperativa de Artistas e à Associação de Artistas Plásticos Profissionais do Rio Grande do Norte, além do espaço para vernissages e lançamentos de livros". □

Um novo atalho na busca da animação cultural potiguar

Pelo menos em Natal, a categoria nunca foi unida. Entretanto, recentemente, um grupo de escritores resolveu se unir e fundar a representação local da União Brasileira de Escritores. A sugestão partiu do próprio presidente da UBE nacional, o norte-riograndense Fagundes de Menezes, que recentemente esteve em Natal para lançar um livro seu, editado aqui. Feita a reunião de fundação, um mês depois, em 17 de dezembro último, foi eleita a nova diretoria.

Formada por Franco Jasielo (presidente), Luís Carlos Guimarães (vice), Racine Santos (secretário), Marize Castro (diretora de divulgação) e Edna Duarte (tesoureira), a chapa vencedora contou com 23 votos dos 43 escritores que votaram. Como já se poderia pre-

ver, a UBE local nasceu sob o signo da polémica e da competição. A segunda chapa mais votada, «da conciliação», encabeçada por Luís Rabelo, conseguiu ainda nove votos. E uma terceira chapa, com Paulo Macedo e Marcos Maranhão, também saiu derrotada.

Brigas à parte, hoje se pode dizer que a UBE é o mais novo órgão para promoção do escritor e da cultura. Mas o crítico e escritor Franklin Jorge vê a fundação da UBE local com ceticismo. "Não acredito em instituições honoríficas. Sem dinheiro, ela nem mesmo será recreativa: acaba sendo um elefante branco". Embora pessoas como o teatrólogo Racine Santos a vejam não como instituição, mas como associação de classe.

TENTATIVA FRACASSADA —

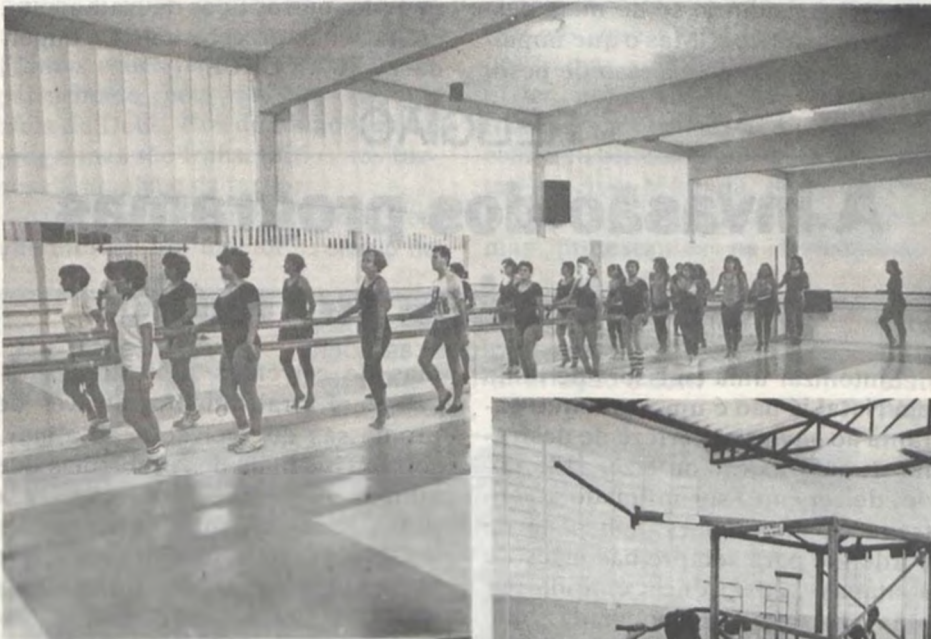
Franklin lembra, inclusive, que houve uma tentativa anterior de trazer uma representação da UBE para o Rio Grande do Norte. Foi na década de 60. Mas a associação caducou. "Porque os escritores são refratários a um espírito coletivista, que deve necessariamente caracterizar uma associação de classe", comenta Franklin. Acredita mesmo que a idéia não vingue. Lamenta, por outro lado, que isso possa ocorrer.

De qualquer forma, a entidade já está criada. Tem seu estatuto, diretoria eleita e já está oficialmente vinculada à UBE a nível nacional. Apesar de levar em consideração o contexto social — onde o livro é pouco consumido e onde se fala de escritor quase sempre sem seriedade, destacando-se mais o «folclore» em torno dos literatos — Racine enumera os objetivos da entidade: tentar estimular a literatura local, através de reuniões, boletins; formação de uma consciência coletiva e de uma consciência do escritor junto à sociedade.

No culto ao corpo, a vida das clínicas de estética

Há cerca de quatro anos, o natalense assimilou de vez o modismo do culto ao corpo, e se manter a linha antes era uma preocupação restrita ao sexo feminino, hoje é generalizada. As clínicas de estética e academias de ginástica, que há alguns anos foram multiplicadas com o «boom» desse modismo, agora estão se reequipando para atender, cada vez mais e melhor, o seu cliente. Que, por sua vez, se tornou mais exigente diante das novidades que

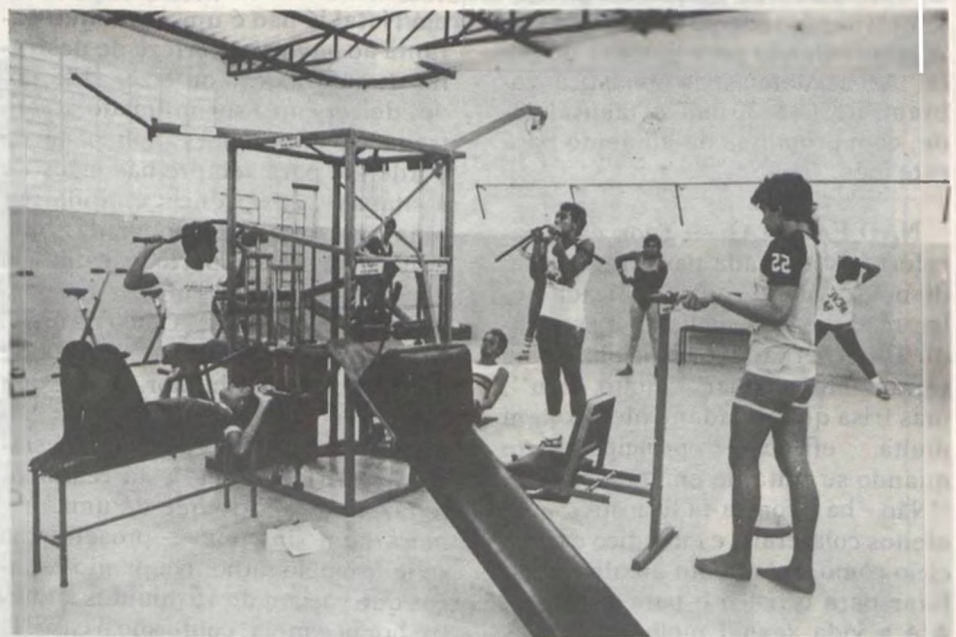
as pessoas sejam bonitas, e basta apenas ver os inúmeros comerciais e publicidades de uma maneira geral para notar que os modelos mostrados são, invariavelmente, perfeitos em termos de estética. Além dessa ditadura da beleza através da propaganda, ou mesmo como consequência, a preocupação com o físico aumentou muito mais a partir de modismos lançados pela televisão, que é a grande responsável pela proliferação do hábito de correr



Tratamento para ...

surgem. Para manter o físico, ele faz ginástica, dança, musculação, sauna, massagens as mais variadas (mecânica, eletrônica e farética), bandagem e forno de «Bier». E utiliza uma verdadeira parafernália que a cada dia se moderniza mais, sem falar ainda naqueles que recorrem ao médico especialista (endocrinologia), cujo número é bastante expressivo, conforme informou o médico-endocrinologista, Túlio Fernandes Filho, que além de fazer tratamento de emagrecimento, é autor de um livro — «O Método Mais Fácil Para Emagrecer» — publicado em agosto passado.

De uma forma quase autoritária, a sociedade de consumo exige que



... o corpo inteiro

na praia, por exemplo, e mesmo pela «febre» da dança, que começou a intensificar com uma novela há cerca de três ou quatro anos, cuja trama principal girava em torno de uma academia de dança. Na dança, porém, ficaram poucos. As academe-

mias tiveram que se adaptar para segurar seus frequentadores e a moda seguinte foi a musculação, onde homens e mulheres sonhavam com um corpo esbelto e sem flacidez.

ESBELTEZ PROFISSIONAL — Um exemplo dessa adaptação às necessidades (ou exigências) é a Termas Iguaçu, inaugurada há exatamente quatro anos e que hoje exhibe, em seus serviços, desde ginástica, jazz, música contemporânea, saunas, massagens, fornos, parafinas, ducha escocesa e até aula de música, fugindo completamente à sua proposta inicial. A procura aumentou em '83, diz o proprietário Taufic José, que agora está ampliando o espaço do Termas.

Essas academias, portanto, têm sido um bom negócio, e a prova é que na Termas Iguaçu há um total de mil alunos, fora a clientela flutuante que é a que faz sauna, massagens e outros tipos de serviços. Em Natal, existem outras grandes academias do gênero como a Termas Center, a mais antiga, e o Estúdio Isabelle, cuja preocupação maior é com a dança, embora ofereça também outros serviços para atender aos gostos da clientela.

Nos mais diversos bairros de Natal, estão espalhadas dezenas de ou-

tras pequenas academias e, ainda para garantir a beleza, estão instaladas outras dezenas de clínicas especialistas em massagens e limpeza de pele. Uma das mais famosas e antigas é a de Terezinha Gondim — Clínica de Estética Facial e Corpo-

ral — que mantém atendimento com os mais sofisticados métodos para emagrecimento e limpeza de pele.

Nessas clínicas, existe tratamento para eliminar as gorduras, flacidez e até para cuidar do rejuvenescimento e pós-parto. As massagens variam de nome e de aparelho. Há a mecânica, a eletrônica e a farética (neste caso, para o rosto). A bandagem é complementada com exercícios de isonetria. Tem, ainda, infiltração: **lifting** biológico, para rejuvenescimento da pele; eletrólise, para eliminação de pelos, e depilação e limpeza comum de pele, constituindo um verdadeiro ritual para deixar a mulher (ou homem) bonita.

“A procura é grande”, diz Emília Gondim, filha de Terezinha e uma das professoras de sua Clínica, principalmente no início da semana. A clientela varia entre 20 e 60 anos — as mais velhas procuram a Clínica para tratamento de circulação, confessa Emília — e, para completar um tratamento, é necessário que o interessado frequente as sessões durante uns dois meses.

Invariavelmente, o culto à beleza custa caro. A média de preços de massagem, por exemplo, é Cr\$ 2 mil cada, e esse mesmo preço é cobrado para cada forno e bandagem. O tratamento de hidratação e rejuvenescimento custa Cr\$ 20 mil, o mesmo valendo para limpeza de pele. As academias de ginástica cobram até Cr\$ 30 mil a mensalidade, com promessa de aumento para este mês.

NÃO FAZ MAL — Toda essa parafernália utilizada para tratamento de beleza não é contra-indicada pelos médicos especialistas e, segundo Túlio Fernandes, funciona como tratamento auxiliar “muito bom”, mas frisa que isoladamente não tem muita eficácia, principalmente quando se trata de emagrecimento. “Não há contra-indicações nem efeitos colaterais, e eu indico o exercício como tratamento auxiliar e salutar para o físico e para a mente. Até a vida sexual melhora com as atividades físicas”, afirmou.

Túlio, há cerca de vinte anos trabalhando com tratamento de emagrecimento, alerta a população para os modismos, para os tratamentos que quebram a harmonia da alimentação. Toda alimentação, diz, tem de ter glicídios, lipídios e proteínas em proporções equilibradas. Do



Túlio Fernandes recomenda

contrário, as pessoas terão deficiência de saúde. Ele considera a gordura uma doença, embora a procura em seu consultório se dê mais pelo aspecto estético. “Mas o que impulsiona é o medo do excesso de peso,

que pode provocar outras doenças”, argumenta, informando em seguida que, nos Estados Unidos, a gordura é considerada um problema de saúde pública, devido à sua frequência e suas complicações para a saúde.

Túlio Filho está aplicando seu novo método, explicitado no seu livro, a seus clientes, associando o reflexo condicionado ao tratamento para emagrecer. Antes, afirma ele, os tratamentos se baseavam em dieta, uso de moderador de apetites e exercícios. Porém, com os 20 anos de observação e estudos, Túlio chegou à conclusão que é muito importante o aspecto psicológico e, nesse caso, o paciente tem de se convencer que pode emagrecer — daí o condicionamento — e que pode permanecer indefinidamente magro. Essa é a sua proposta: fazer com que o paciente continue magro porque, nos outros tipos de tratamento, era fácil emagrecer e voltar a engordar. (CIONE CRUZ) □

RELIGIÃO

A invasão dos programas protestantes no rádio

Sintonizar uma emissora de rádio em Natal já não é um gesto que garanta ao ouvinte a certeza de desfrutar de informação ou lazer. Ele pode, de repente, ser intimado a «entregar-se ao Senhor», sob pena de perder-se para sempre nas mãos de «Satanás», advertência emitida por uma voz grave e modulada, que lembra muito de perto o estilo do personagem «Tim Tones», encenado pelo humorista Chico Anísio. Mas não se iludam: não se trata de um programa de humor. A voz que brada «aleluias» e «glórias ao Senhor», entre clamores e admoestações aterrorizadoras, está realmente fazendo — posto que de uma maneira bem singular — proselitismo religioso pelo rádio, ocupando espaços que variam de 15 minutos a quatro horas e meia, conforme o caso. O mais sério disso tudo é que ninguém sabe dizer de onde procede o dinheiro que financia essas emissões. Sabe-se, apenas, que tais programas são pagos pela própria Igreja interessada, e que esses programas não admitem outros patrocinadores. Têm exclusividade absoluta.

A principal meta desses progra-

mas de correntes protestantes diversas, é atrair adeptos através de promessas de «salvação da alma», solução imediata dos problemas que afetam as pessoas (não importa a gravidade nem o tipo desses problemas) e da certeza de que aquele que abraça o novo credo, torna-se de imediato um «eleito». Isto é, alguém que vive na certeza de desfrutar um dia as benesses do paraíso, seja aqui ou «no outro mundo». Pa-



Maurício Pandolphi: linha diferente

ra atrair adeptos, essas Igrejas não hesitam em anunciar os milagres mais inverossímeis, ao passo que promovem uma verdadeira lavagem cerebral nos seus membros, que se traduz numa total mudança de hábitos dos novos crentes, desde o modo de vestir até à escolha dos amigos, dos livros que podem ler e dos programas de TV e rádio a que podem assistir.

«INVASÃO PROTESTANTE» —

A programação diária da Rádio Nordeste serve de exemplo dessa «invasão protestante» nos nossos veículos radiofônicos. Às 5:10 horas da manhã, começa o programa «Voz da Profecia» — patrocinado pela Igreja Assembléia de Deus — que termina às 5:25 horas. Daí até às 6:10 horas, entra no ar o programa «A Voz da Libertação», da Igreja Deus é Amor. À noite, das 22 às 23:15 horas, são irradiados mais dois programas protestantes, um dos quais patrocinado pela mesma Assembléia de Deus. Nos domingos, esses programas são transmitidos nos turnos da manhã e da tarde.

Mas é certamente a Rádio Poti que oferece um melhor exemplo da

penetração dos programas religiosos de orientação protestante. Um desses ocupa duas horas diárias (das 15:00 às 17:00 horas), de segunda a sexta-feira, sob o patrocínio da Igreja Deus é Amor. Além deste, a Poti transmite, em horários diversos, «Cristo Vive, Nós Vivemos», «Hora Luterana», «Momentos de fé» e «Cristo é a Paz». A Rádio Tropical, que já transmitiu anteriormente cerca de seis programas com essas características, hoje leva ao ar apenas um: «Cristo está voltando», no horário das 16:45 às 17:00 horas. Já a Rádio Cabugi transmite, das 6:15 às 6:30 horas, «A Voz da Profecia», de segunda a sexta-feira. A essa regra, fogem apenas as emissoras Rural (da Igreja Católica) e a Reis Magos FM, por razões diversas.

AUDIÊNCIA — Não é certo, no entanto, que a proliferação desses programas signifique uma procura maior, pelo público, das diferentes correntes protestantes. Colocando a coisa em termos francos, o jornalista Francisco Miranda, da Rádio Poti, declara que o acúmulo de programas protestantes na transmissão

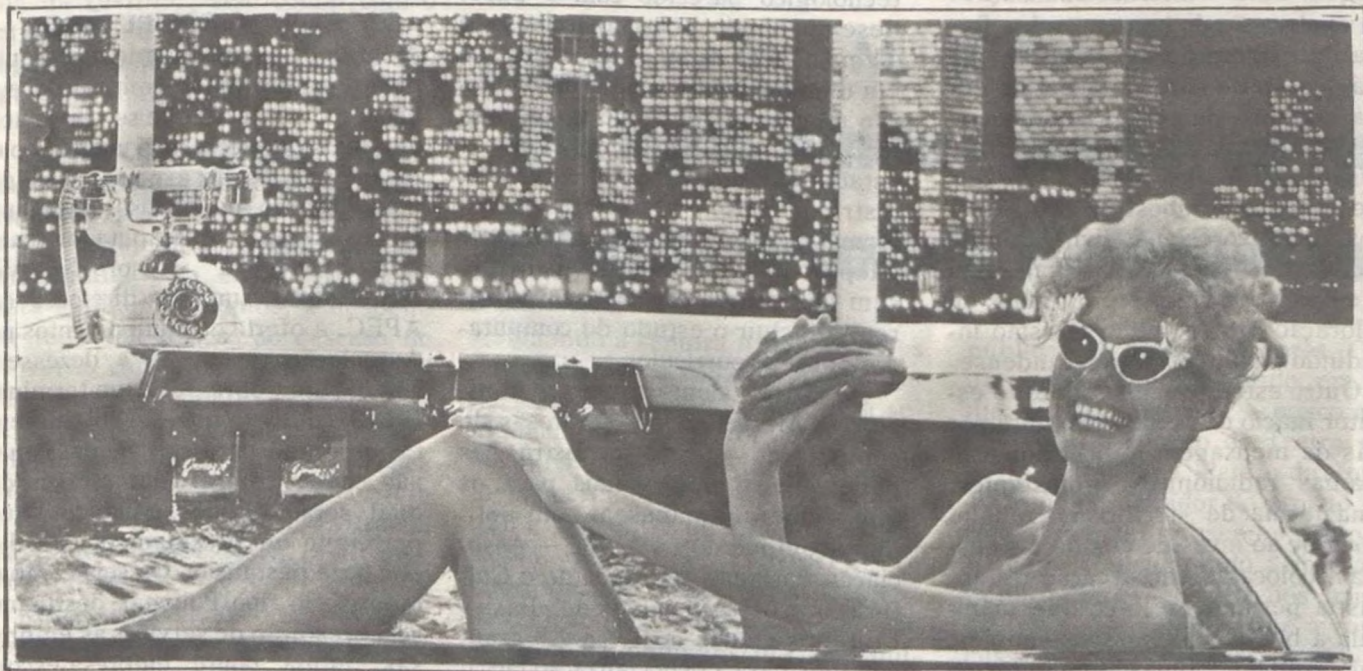
diária da emissora está causando um afastamento de público naquele horário. E declara: tais programas serão brevemente substituídos por outros de características mais populares. Tudo, segundo Miranda, não passa de uma fase provisória, que deverá durar até a instalação do novo transmissor da emissora, «que está chegando». Indagado sobre eventuais problemas que a emissora pode enfrentar para rescindir os contratos, Miranda explica que, no ato de assinatura dos mesmos, a direção da Rádio Poti teve o cuidado de introduzir uma cláusula que permite a rescisão caso isso interesse a uma das partes. Miranda confia que isso acontecerá tão logo seja instalado o novo transmissor, que ampliará o potencial da emissora.

Outro indício da escassa popularidade desses programas religiosos é fornecida pelo jornalista Maurício Pandolphi, da Rádio Tropical. Maurício afirma que, meses atrás — quando a emissora ainda se chamava Rádio Trairi — cerca de seis desses programas iam ao ar todos os dias pelos seus transmissores. Mudado o nome da rádio, e partindo para uma nova programação de teor

CODIF TEM

Um Departamento Especializado em: piscinas, equipamentos e acessórios, sistemas de iluminação e som subaquático,

produtos químicos p/tratamento d'água, banheiras com sistema de hidroterapia, bombas hidráulicas e sistema de pressão.



Com pessoal tecnicamente capacitado para orientar, dimensionar e construir sua piscina, obedecendo aos mais modernos padrões de qualidade e aos mais atualizados critérios técnicos para seu maior conforto e segurança.



Companhia
Distribuidora de Ferragens

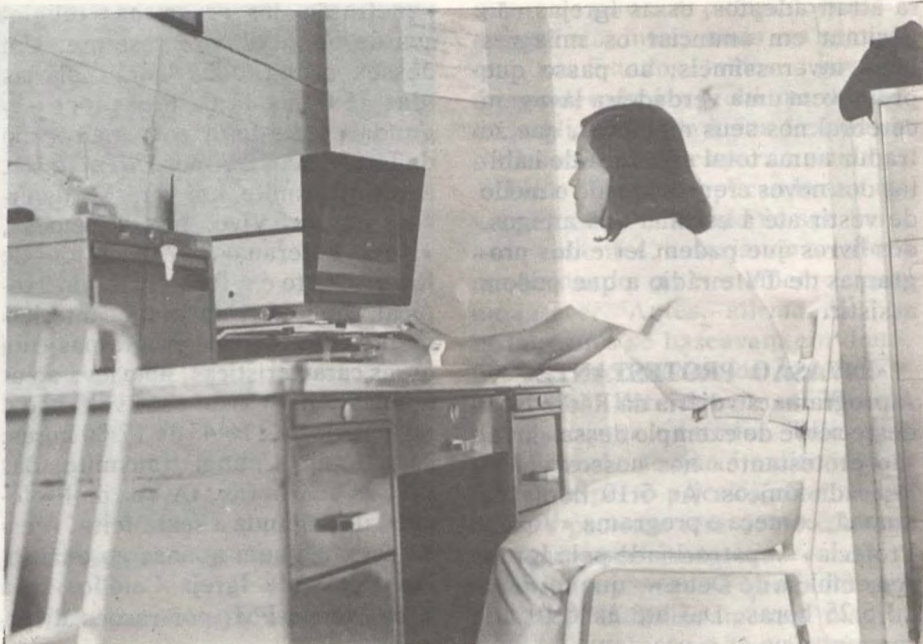
Rua Dr. Barata, 190/192 — Ribeira
Fone: 222-3571 — Natal-RN

mais competitivo, a direção da Tropical sentiu a necessidade de retirar do ar aqueles programas, que Maurício denomina de "messianismo radiofônico" substituindo-os por outros de maior apelo popular. Quanto aos dois que ainda vão ao ar, Maurício faz questão de destacar que sua linha é muito moderada, bem distante do radicalismo dos programas veiculados pela Igreja Deus é Amor e outras do gênero.

«FIM DE SÉCULO» — De acordo com o médico psiquiatra Maurilton Moraes, estudioso dos problemas religiosos de nossa época, a intensa proliferação de seitas religiosas na atualidade tem algo a ver com o «messianismo radiofônico», ora em curso. Para Maurilton, todas essas seitas têm em comum a divulgação de uma mensagem escatológica, isto é, anunciadora do fim do mundo, além de seu caráter multinacional ou internacional. Maurilton situa a divulgação da mensagem escatológica dentro de um contexto típico de fim de século, e lembra que, no final do século passado, o Brasil viveu o drama de Canudos, personificado por Antônio Conselheiro. Neste final de século, ocorre, segundo ele, fenômeno semelhante, respeitadas as situações próprias da época.

Por trás de tudo, Maurilton distingue uma «internacionalização» da exploração do homem, sob a forma da exploração do «pensamento mágico» que só ocorre, acentua, numa situação de regressão emocional, em termos individuais, ou de desagregação sócio-política, em termos amplos. Ambos esses fenômenos, diz, favorecem a divulgação de mensagens radicais, como são exemplos os diversos programas de coloração protestante que estão invadindo o rádio norte-riograndense.

Outro estudioso do assunto, o escritor Inácio de Sena, vislumbra por trás da mensagem radical dos programas radiofônicos protestantes, uma forma de «terrorismo religioso», que ao invés de auxiliar as pessoas, coloca-as em situação de angústia permanente, vez que manipula a boa fé das pessoas simples, que acabam vítimas do fanatismo dessas Igrejas. Segundo Inácio, programas como o da Igreja Deus é Amor — em sua opinião, a mais radical — representam uma séria ameaça à sanidade mental das pessoas que abraçam seu credo. □



Computador para o futuro

INFORMATICA

O computador conquista um lugar próprio nas escolas

O futuro profissional está na informática. Essa tem sido a afirmativa preferida de fabricantes, usuários e aprendizes da computação, que enxergam no setor um surto tecnológico parecido com o papel desempenhado pelos aparelhos de TV na década de 50. O fato é que, se em todo o Brasil a média de aquisição de computador é de um a cada cinco minutos — de acordo com as estatísticas dos fabricantes e seus distribuidores — a aceitação da informática tem carregado hordas de adeptos cada vez maiores para um sem número de escolas que passaram a incluir o estudo do computador em seus currículos.

Em Natal, além dos cursos particulares oferecidos por empresas de computação, surge, no lastro das perspectivas profissionais para os que souberam manusear com aptidão o computador, a APEC — Associação Potiguar de Educação e Cultura, que oferece cursos de «Basic» I e II aos alunos do 1.º e 2.º grau, voltados para a especialização curricular, programada para acontecer nos cursos superiores. A partir do slogan que identifica a sua proposta de ensino — "O futuro é nossa meta" — a APEC oferece, através da UNIPEC (que congrega as Faculda-

des de Administração, Ciências Econômicas e Contábeis), 300 vagas em cada Vestibular, estrategicamente realizado após o da Universidade Federal.

EM CENA, O COMPUTADOR — A entidade é considerada bem equipada em termos de computadores, principalmente no que se refere aos objetivos da escola, não voltados para a formação de **experts**, mas de uma geração de profissionais que façam do uso do computador "um arroz com feijão", como define Vicente Moro, um dos diretores da APEC. A oferta de equipamentos na Associação resume-se a dezesseis TK-85, um Cobra-305 e um terminal IBM — número que deverá aumentar esse ano para seis — em conexão com a central IBM através da qual serão obtidos enlatados que permitem um levantamento de dados para pesquisas. Os seis computadores do tipo Polymax destinam-se à prestação de serviços às empresas, numa ponte empresa-escola com o objetivo de dotar os alunos do contato direto com os problemas das empresas. A partir desse ano, entra em funcionamento a linguagem «COBOL», que será acoplada ao terminal IBM, e que será responsável

pela especialização do aluno na área comercial. O curso terá a duração de 180 horas e será extra curricular.

Ainda na área de utilização de recursos eletrônicos, a APEC dispõe de um circuito interno de TV que permite a simultânea emissão de imagens em todas as salas de aula. Esse recurso é aplicado apenas ao 1.º e 2.º graus.

Segundo Vicente Moro, que é também professor da disciplina Metodologia Científica, a aceitação das condições da instituição em relação aos cursos básicos tem exigido a criação de turmas extras, encaminhadas por empresas com interesse em especializar o seu pessoal na área de computação.

Para quem pretende ingressar hoje num dos três cursos de nível superior oferecidos pela UNIPEC e ter acesso à linguagem da computação, o preço da mensalidade para o 1.º semestre atinge Cr\$ 125 mil. A clientela básica é formada por executivos e empregados no comércio, e, como frisa Vicente, é a mesma da UFRN; pelos cursos e pelo horário noturno. Há, ainda, bolsas oferecidas pelas empresas. A opção pela Universidade particular, longe de parecer uma disparidade num auge recessivo, é explicada por Vicente Moro como decorrente do controle de qualidade efetuado junto aos professores, à localização privilegiada da UNIPEC, sem contar com o atrativo extra representado pela oportunidade do contato com a linguagem da computação.

A CRISE REVOLVIDA — No momento em que a Universidade Federal atravessa uma crise que ameaça a sua continuidade, a alternativa representada pelo ensino particular está ganhando adeptos, a despeito de todas as críticas ao descaso do Governo com a educação. O exemplo local é eloquente: mantida pela APEC, a UNIPEC vai bem, registrando ao longo dos últimos 4 anos um índice de evasão de 20% e um crescente número de interessados nas vagas oferecidas a cada novo Vestibular.

Responsabilizando o tripé professor, aluno e instituição pelos níveis de ensino, Vicente Moro compara o setor público a "uma casa sem dono", onde se desenvolvem atividades sem o necessário comprometimento com seus efeitos. E sai elaborando as noções do bom desempenho da instituição que dirige, refe-

rindo-se ao objetivo de serem formados profissionais acima da média. Para tanto, diz ele, o critério de seleção do quadro de professores é rígido, e o aluno pode influir de forma direta no ensino ministrado, dispondo de autonomia para encaminhar irregularidades e vê-las resolvidas a curto prazo. Afinal, justifica Vicente, trata-se de "maximizar recursos humanos e financeiros", indispensáveis à manutenção do padrão de qualidade.

Subordinada ao Ministério da Educação e Cultura — que interfere

no processo de contratação de professores — a UNIPEC sofre, como frisa o seu diretor-superintendente, Manoel Felipe Neto, do "estigmatismo negativo em relação ao ensino pago", em função do problema nacional representado hoje pelas Universidades Federais. Manifestando a necessidade de se depositar crédito na instituição privada, Felipe cita a preocupação com o aspecto social — a APEC mantém uma creche para menores carentes — como prova da integração escola-comunidade pretendida pela Associação. □



Contato escola-empresa

MÚSICA

Os tons ainda amadores no projeto "Noites Potiguares"

Quando a cantora Ana Fernandes encerrou o seu **show** no último dia 29 estava encerrando também a sequência de espetáculos do projeto «Noites Potiguares», patrocinado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura e pela Fundação Nacional de Arte — FUNARTE. Ao todo, o projeto apresentou 11 artistas locais, na consecução de um objetivo há muito ansiada pelos músicos da terra, mestres nas queixas contra a falta de apoio do Estado à sua arte.

A despeito da nobreza dos objetivos do projeto e da vontade dos músicos de acabar com o chavão sobre os santos domésticos, a resposta do

público não foi das melhores. Cada um dos **shows** foi assistido, em média, por cem pessoas — pouco mais de 10% da lotação do Teatro «Alberto Maranhão». Para o diretor do TAM e coordenador do projeto, porém, isso não representou ponto negativo: "Considerando a média de público dos espetáculos dos artistas de Natal, eu acredito que a repercussão do «Noites Potiguares» foi satisfatória", observa Iaperi Araújo.

Iaperi admite que existiram falhas na execução do projeto, assumindo-as parcialmente e cobrando dos participantes a sua parcela de responsabilidade na história. "Evi-

dentemente, o projeto não foi um primor de organização. Houve algumas falhas, sim. Principalmente na parte de divulgação. Mas os próprios artistas foram omissos também, não trabalhando para vender ingressos e divulgar os seus shows", lamenta ele.

CRÍTICAS — E cita o exemplo de Ana Fernandes, que, antes mesmo do dia 29, já conseguira vender quatrocentos ingressos, extrapolando a repercussão média dos outros espetáculos. Iaperi refuta, também, críticas de alguns participantes do projeto, que se queixaram da dificuldade para ensaiar antes dos shows e da qualidade do equipamento de som agenciado pela coordenação do projeto junto à Prefeitura de Natal.

"Isto não é verdade", assinala Iaperi. "O problema é que alguns músicos queriam ensaiar na véspera ou no dia do show, esquecendo-se que é preciso trabalhar do começo ao fim para que o espetáculo seja de bom nível". Ele revela que o equipamento — pertencente ao grupo «Impacto 5» — esteve à disposição de cada artista em dias determinados, já que o contrato firmado pela Prefeitura com o conjunto não permitia um uso mais constante por parte dos participantes do projeto.

A questão do ensaio, segundo o diretor do TAM, acabou comprometendo a qualidade dos espetáculos, de acordo com as críticas assinaladas pelo público no questionário passado pela coordenação do «Noites Potiguaras». As críticas realçavam a falta de sintonia entre os músicos que apoiavam cada artista e da direção de cena, redundando tudo num descompasso que deixava patente a condição de amador dos participantes do projeto.

"A maior parte do pessoal não tem experiência com shows", diz. "E não estão encarando a coisa com o profissionalismo necessário. Alguns não chegavam nem mesmo a aparecer nos dias marcados para os ensaios e o pessoal do som ficava aí, ocioso durante quatro horas, sem fazer nada. Isso atrapalha o profes-



Iaperi Araújo: falhas

sionalismo que o público exige".

JUSTIÇA — De uma forma geral, Iaperi Araújo analisa o projeto como extremamente válido, tanto por aproximar os artistas locais do público quanto pela qualidade média dos espetáculos apresentados, "apesar das falhas criticadas pelo público". Para este ano, Iaperi adianta que o projeto será repetido somente se a FUNARTE financiar outra vez o cachê dos artistas, aumentando o seu valor.

"A FUNARTE pagou um cachê que acabou sendo apenas simbólico,

de Cr\$ 80 mil. Por enquanto, não há ainda previsão de interesse da FUNARTE e de outras entidades para financiar os espetáculos. E nós precisamos remunerar melhor o pessoal, corrigindo esta injustiça e fazendo justiça ao seu talento. Há muita gente boa aqui, no mesmo nível dos artistas de fora", afirma.

Se o projeto continuar, serão seguidos os mesmos critérios de seleção da primeira edição, com os artistas submetendo um esboço do show que pretendem montar à comissão designada pela coordenação. No último projeto, das 16 propostas inscritas, as 11 foram selecionadas com base no currículo de cada artista e na qualidade do trabalho apresentado à comissão ou em shows anteriores.

Agora, as fitas registrando o trabalho de Galvão, Aluizio Bezerra, Jorge Macedo, Raul, Lucinha Moreno, Carlinhos Ventania, Cleudo, Babal, Choro Brejeiro, Odaíres e Ana Fernandes serão enviadas à FUNARTE. Com dois objetivos: apresentar os resultados da verba investida pelo órgão, no intuito de sensibilizá-lo para continuar financiando o projeto, e divulgar a qualidade de cada músico, visando alguma chance nos projetos da FUNARTE para a área de Música Popular. □

COMÉRCIO

Poucos confiam na rápida recuperação do comércio

"Quem acreditou nas transformações políticas que iriam acontecer em 85 e investiu nessa crença, teve sucesso". A afirmação é do empresário Zildamir Soares de Maria, co-proprietário da loja de eletrodomésticos «O Ponto Quente», situada na rua Ulisses Caldas, Centro. Para Zildamir, o empresário que não for sensível às mudanças, está destinado ao fracasso. Quanto às «transfor-

mações políticas», ele diz referir-se à mudança de Governo, iniciada com a vitória do ex-Governador de Minas, Tancredo Neves, na eleição presidencial indireta, ocorrida em 15 de janeiro passado.

De conformidade com Zildamir, a expectativa da vitória de Tancredo Neves gerou uma onda de esperanças sobre o povo brasileiro, a partir ainda de setembro de 84, que teve

Não existe sexo frágil.



Você já chamou o seu marido para uma esticada no Tahiti? Se ainda não, experimente. É o tipo do convite que nenhum homem resiste.

Para o Tahiti não existe esse negócio de sexo frágil. É tudo forte, lindo e maravilhoso.

MOTEL TAHITI
O paraíso é aqui.



Comércio calu em janeiro

reflexos em todos os setores da vida nacional. Em termos de comércio, Zildamir acentua que o "fator Tancredo" concorreu também para o «boom» de vendas que aconteceu no final de 84 e que, segundo enfatiza, prossegue ainda neste início de 85, mesmo que em menor intensidade. É aí que justifica a sua colocação de que o empresário precisa ser sensível às mudanças, vez que aqueles empresários que «apostaram» no pique de vendas de final de ano foram recompensados com os lucros provenientes disso, ao passo que aqueles que hesitaram deixaram certamente de colher os seus benefícios.

A recuperação da economia continua a pleno vapor, e esta é outra crença de que Zildamir Soares não abre mão. Como prova, cita o caso de sua loja, onde as vendas de final de ano excederam às expectativas mais otimistas. "Praticamente tudo que pusemos à venda foi comprado", diz, explicando ser impossível enumerar, por isso mesmo, um determinado bem de consumo como preferencial. Ademais, observa como outro reflexo positivo da recuperação econômica, a estabilidade das emissões de cheques sem fundos e do atraso nos pagamentos das prestações, mesmo porque, afirma, "o consumidor natalense é muito cioso dos seus compromissos".

ESPECULANDO MAIS — Mas a mais importante lição que o consumidor natalense aprendeu, conforme ainda Zildamir Soares, foi a de

especular preços, lição, segundo diz, ensinada pela crise econômica recente que, confia, já é coisa do passado. A especulação de preços praticada pelo consumidor é importante, para Zildamir, porque o leva a comprar melhor, isto é, pelo menor preço, porquanto o consumidor só define sua compra após fazer uma avaliação do mercado do bem que deseja adquirir.

Quanto à inflação, Zildamir crê que ela deverá continuar em alta por mais alguns meses, mas com a continuidade do processo de recuperação econômica e a credibilidade que os empresários, os comerciantes, enfim, todo o povo deposita em Tancredo Neves, esse processo inflacionário deverá ser revertido já a



Reginaldo Teófilo, pessimista

partir do segundo semestre deste ano.

SPC DESMENTE — Menos otimista do que seu colega Zildamir Soares, o empresário Reginaldo Teófilo, da «Casa Régio», convém que, no último trimestre de '84, o comércio apresentou uma reação de vendas, mas de caráter limitado e com queda já a partir de janeiro passado. Para Reginaldo Teófilo, apenas os ramos de tecidos, confecções e eletrodomésticos menores reagiram positivamente. No setor de bens duráveis, como geladeiras, móveis, aparelhos de TV, etc, a reação das vendas não foi suficiente sequer para suplantar o movimento de '83, já por sua vez inferior ao de '82.

Reginaldo Teófilo diz retirar tais informações de fontes do Serviço de Proteção ao Crédito — SPC, acrescentando que o ramo de eletrodomésticos e de móveis teve uma queda de 10 por cento no total de solicitações encaminhadas ao órgão em '84 com relação ao ano imediatamente anterior. Em compensação, os setores de tecidos, confecções e calçados, cresceram 39 por cento em '84 com relação a '83.

Em vista dessas circunstâncias, Reginaldo Teófilo põe as cartas na mesa: "Não é ainda uma recuperação da economia; o consumidor é que não poderia ficar sem repor pelo menos os bens de uso pessoal", referindo-se à reação verificada na venda de calçados e confecções. Para ele, alguns fatores contribuíram na ocorrência desse fenômeno econômico que gerou uma certa folga no final do exercício de '84. Dentre eles, destaca a distribuição das cotas do PIS/PASEP; a redução do desconto do Imposto de Renda; o pagamento do 13.º salário; e os reajustes elevados dos salários nos meses de outubro e novembro de '84, "que sempre dão um impacto elevado ao consumidor".

FATOR ADVERSO — Mas se alguns fatores contribuíram para gerar uma certa euforia no comércio, um fator adverso e, com certeza, de grande peso, refreou essa impressão: a queda real do poder aquisitivo da população. Segundo Reginaldo, essa "ducha de água fria" despejada sobre o comércio desautoriza qualquer impressão de recuperação da economia. O vertiginoso aumento ocorrido no Crédito Pessoal das financeiras, é outro fator não menos

adverso, que o empresário da «Casa Régio» aponta, destacando um fato preocupante: a procura pelo Crédito Pessoal cresceu, em '84, cerca de 355 por cento, representando quase 5 mil solicitantes. Isso preocupa, coloca, porque as taxas de juros cobradas por esse sistema creditício atingem índices altíssimos ao mês.

Reginaldo Teófilo não desmente, todavia, a existência de um clima esperançoso no País gerado pela expectativa de mudança de Governo, e reconhece que o fantasma do desemprego esteve menos presente no último trimestre de '84. Mas adverte: "Ainda não há grandes perspectivas de crescimento de emprego".

A inflação é outro motivo de preocupação desse empresário. Para ele, o quadro neste primeiro semestre é bastante sombrio pela aceleração da componente psicológica da inflação, haja vista que o Governo terá necessidade de renovar papéis e «enxugar» parte do meio circulante, após a emissão recorde de dezembro.

Reginaldo Teófilo conclui lembrando que este setor (inflação) é o único em que não há uma expectativa otimista do Governo Tancredo. Mas acentua que, pela confiabilidade que Tancredo traz, é possível reverter a tendência até o final do ano em relação ao exercício anterior. Mesmo assim, diz, "teremos quase um ano de taxas elevadas de juros e de sacrifícios redobrados, se considerarmos que o processo inflacionário é cumulativo".

COMPORTAMENTO INUSITADO — "Normalmente, o cliente compra **direto** nos últimos meses do ano. Esse ano ('84) foi o contrário: compraram muito mais em outubro do que novembro, voltando as vendas a crescerem em dezembro". É assim que o gerente de vendas da loja J. Resende, da Cidade Alta, Otávio Barbosa Gomes, vê o desempenho do setor de eletrodomésticos no último trimestre de '84. Para ele, esse comportamento inusitado dos consumidores é difícil de explicar, se comparado com os desempenhos dos anos anteriores. À guisa de explicação, Barbosa arrisca as retiradas oscilantes dos rendimentos das cadernetas de poupança, saques dos rendimentos dos PIS/PASEP e até mesmo idiosincrasias dos consumidores. Quanto às preferências da clientela, destaca os aparelhos de som como líderes de

venda, seguidos dos **vídeo-games** e eletrodomésticos de pequeno porte. Confessa sua surpresa com a queda nas vendas de aparelhos de TV, haja vista que este produto vinha sendo o mais procurado nos últimos anos. Para esse fenômeno, Barbosa tem uma explicação simples: o mercado local está saturado de TVs.

O gerente de vendas da J. Resende assinala que foram mínimos os atrasos nos pagamentos das prestações, bem como as emissões de cheques sem cobertura em sua loja. Mas isso, segundo afirma, nada tem a ver com uma presumível recuperação econômica. Antes, é resultado de um cuidadoso trabalho de seleção da clientela.

Quanto a uma possível relação

entre a reação do comércio no final de '84 e a eleição de Tancredo, tal hipótese é inteiramente descartada por Barbosa Gomes. A eleição de Tancredo, diz ele, não repercutiu no aumento de vendas; o que repercutiu, de fato, foram as boas safras do ano passado, que colocaram mais dinheiro em circulação, além do fato de que normalmente, nos meses de novembro e dezembro, as vendas sempre crescem. Mas admite, não obstante, que há um clima de esperança, mais do que de otimismo, em relação ao novo Governo. De início, porém, diz não esperar que isso traga reflexos positivos na inflação. Todavia, deixa escapar esta frase: "Esperamos que o **homem** supere as expectativas". □



Zildamir, esperançoso

FINANÇAS

O mercado de capitais hoje é uma grande expectativa

O mercado financeiro vai fechar o primeiro trimestre do ano em grande alvoroço. O pique da inflação vem sendo intenso e o setor trabalha com elevadas taxas. Quem investiu em ações no ano passado, teve assegurados bons rendimentos, tanto que hoje, a poucos dias da posse do novo Presidente, a expectativa é grande.

A poupança livre continua sendo a grande opção do natalense. De funcionamento complicado, o mer-

cado financeiro não é bem entendido pela grande maioria da população, que prefere "juntar seus trocados e abrir uma caderneta de poupança", informou o gerente de um conhecido grupo. Há aqueles mais bem informados, que insistem na aplicação em outros papéis — como a Letra de Câmbio — mas nunca ultrapassam os 210 dias. Os financiamentos de curtíssimo prazo representam outra opção para uma pequena parcela.

A educação através do trabalho

Há, no Rio Grande do Norte aproximadamente 500 mil menores carentes, dos quais a FEBEM (Fundação do Bem-Estar do Menor) atende apenas 24 mil, o que corresponde a 15 por cento dessa população. Aqueles que são assistidos ou estão envolvidos em sistema de internamento ou em sistema aberto — ou seja, em creches nos chamados núcleos preventivos — ou participam de um curso profissionalizante. E essa é a grande meta da FEBEM para o ano de 1985: "Educar o menor pelo trabalho", frisou o presidente da entidade, José Pegado do Nascimento. Enquanto isso, a quase totalidade dos 500 mil menores está nas ruas, nos estacionamento — pastorando ou lavando carros — vendendo balas, engraxando sapatos, fazendo toda sorte de biscates para garantir a sobrevivência, quando não estão sem nenhuma atividade.

Essa parcela da população vive em favelas e bairros periféricos. Alguns têm pais, outros são órfãos, outros têm pais e, mesmo assim, são órfãos. Todos são desnutridos e raquíticos. Uns têm na falta de oportunidade uma boa escola para a marginalização; outros procuram preencher os espaços mínimos que existem para driblar as barreiras econômicas impostas pela sociedade.

Na esfera oficial, eles afirmam que fazem o que podem, mas reconhecem as dificuldades e precariedades da assistência. Segundo José Pegado do Nascimento, no que compete à FEBEM, neste exercício de 85 será dada continuidade ao programa de atendimento ao carente do ano de 84, seguindo a linha de educar o menor para o trabalho. E coloca que está havendo um esforço muito grande de alguns setores da sociedade no sentido de oferecer profissionalização, de modo que haja condições de competitividade no mercado de trabalho. □



Como e onde aplicar?

A ausência de informações quanto ao comportamento do futuro Governo, com relação a área econômico-financeira, segundo um investidor, assusta um pouco. Havendo um bom inverno, "usarei todo esse capital na aquisição de bovinos, pois árvore frondosa não resiste a tempestades", ponderou.

GORGETA — Na maioria das agências bancárias visitadas pela reportagem, o comportamento do cliente em nada havia sido alterado, mesmo com a certeza de mudança de Governo. Há uma explicação para o fato: o cliente confia muito no amigo gerente. Como o sistema bancário aposta numa inflação elevada em 1985 e não acredita em medidas drásticas pelo menos nos próximos seis meses, tudo continua como se nada de anormal possa acontecer.

Em pleno Grande Ponto, atento ao nosso trabalho, um proprietário rural, que também não quis ser identificado, chama o repórter e avisa: "Coloque aí essa informação muito importante, amigo, pois já fui vítima e posso comprovar. Muito cuidado com os agentes que operam no mercado, pois em primeiro lugar ele pensa na comissão que vai receber, e nem sempre o tipo de aplicação sugerida traduz o melhor rendimento para o cliente. O que conta é a sua gorjeta", ensinou.

FUTURO — Sem mais idade e suficiente disposição para gerir seus 800 hectares de terras na Região do

Oeste, esse proprietário é o tipo do investidor que joga em todas. "É um vício tal e qual o jogo-do-bicho", afirmou. No ano passado, ele teve um certo lucro em ações, certificados de depósito bancário e cadernetas de poupança. Perdeu no over e nas letras de câmbio. Em 1985, continuará aplicando no mercado de ações, "o melhor investimento do ano", declarou.

A política monetária a ser seguida pelo próximo Governo ainda é uma incógnita. "Isso preocupa", disse um funcionário de uma instituição que opera no open market. E concluiu: "O discurso dos economistas ligados ao PMDB provoca muita apreensão. Resta saber se será o PMDB o partido que ditará as regras do mercado". □



Aplicadores recomendam cautela

Devagar com o andor...

ALUISIO LACERDA

Agora, que temos um novo Presidente, não importa a forma de escolha, é chegada a hora da verdade. A realidade aponta caminhos tortuosos. Não devemos alimentar esperanças de um País cheio de prosperidade, equilibrado, sadio — ou na base do «ou vai ou racha». O próprio Tancredo Neves avisou que a “herança é calamitosa”. O cinto continuará apertado, mesmo para aqueles que não obedecerem às determinações do Conselho Nacional do Trânsito. Sem trocadilhos.

O Finsocial, que serve para tudo, a partir de março terá destinação certa e justa, mas não se espera grandes coisas a curto prazo. Apenas uma certeza: todos pagarão seu preço; todos serão convocados no instante em que a casa começar a ser arrumada. Como o novo Governo até agora não revelou suas intenções no campo da política econômica, gerou uma expectativa muito grande. Nunca a captação de dinheiro atingiu índices tão elevados. O desconto de uma duplicata é quase um suicídio.

Durante todo o período da campanha, para citar apenas um aspecto da questão, nada irritava mais os correligionários de Tancredo Neves do que aquela frase, tantas vezes dita pelo derrotado opositor: “Ele não tem plano de Governo”, repetia Maluf. É uma meia-verdade. E como tal, pega. Ficou aquela impressão de que o futuro Governo passará uma borracha em tudo de ruim que aconteceu ao País nas últimas duas décadas, e agora parte-se para um «vamos começar tudo de novo». A própria assessoria do novo Presidente vem encontrando dificuldades para levantar os verdadeiros números da nossa dívida externa e do setor financeiro público e privado. Quer dizer, é o caos total. Claro, toda a Nação torce por dias melhores e confia no seu novo Chefe.

É tão grande a dívida social a ser herdada, e são tão escassos os recursos previstos no orçamento deste ano, que fica difícil uma reversão das prioridades, no campo social, do próximo Governo. E as reformas? São tantas! Agrária, tributária, bancária, partidária, constitucional... e o que é mais perigoso: todos, ao mesmo tempo, querem tirar o atrasado. São tantas as contradições que se torna difícil imaginar o Brasil

«correndo nos trilhos» como promete Tancredo. Oitava economia do mundo ocidental, mas com um salário mínimo de apenas 51 dólares, retrato ampliado da miséria de milhões de patricios; uma diversificada pauta de exportações, desde os tradicionais produtos básicos até os manufaturados de alta tecnologia, mas apresentando taxas de desemprego entre 6,5% e 8,5% nas áreas metropolitanas; relativa produção de petróleo, capacidade hidroenergética invejável, mas amargando projetos desastrosos, como o programa nuclear; País de jovens, mas com a marca nada agradável de 25% de analfabetos.

Por onde começar? Esse deve ser o grande dilema do novo Presidente. A classe política deseja uma reforma da Constituição, nem que seja parcial. Assustados, poderosos grupos financeiros sugerem esquisitas alterações no mercado. Nada querem perder. Não estão dispostos a nenhum sacrifício. Sufocada, a população elegeu e espera que a meta prioritária do futuro Governo seja o combate à inflação.

A Fundação Getúlio Vargas, por seus economistas, ensina que o ajustamento da nossa economia dependerá da superação destes problemas: melhor repartição da renda nacional, expansão agrícola, investimentos na educação e na pesquisa. O PMDB, que patrocinou a candidatura vitoriosa, considera maldito tudo que está aí. Os governadores do Nordeste, se possível, dividiriam o País da Bahia p'ra cima. A Frente Liberal... Bem, a Frente Liberal contenta-se com qualquer cargo no segundo escalão.

E as Estatais? Incrível, mas até 1982 o Brasil não sabia quantas eram e o que faziam. Sem cobertura das receitas operacionais, a dívida a descoberto desses verdadeiros monstros alcança muitos trilhões de cruzeiros.

É importante que a população se conscientize de que o pior ainda não passou. O País continua parado. Ainda comemora a vitória no Colégio Eleitoral. Dentro de mais uma semana toda a Nação cai na gandáia. O carnaval só acabará na posse dos eleitos, a 15 de março. Ali será dado o primeiro passo.

AGENDA DO EMPRESÁRIO

RN/ECONÔMICO mantém atualizados os índices, taxas e percentuais que permitem o acompanhamento dos principais indicadores e as variações da economia no País, que são úteis não somente para o empresário, mas para todas as pessoas que precisam dessas informações.



ORTN	
Novembro	Cr\$ 20.118,71
Dezembro	Cr\$ 22.110,46
Janeiro	Cr\$ 24.432,06

UPC	
(Janeiro-Março)	Cr\$ 24.432,06
No trimestre	Cr\$ 36,74%
No ano	Cr\$ 36,74%
12 meses	Cr\$ 223,77%

ALUGUEL RESIDENCIAL	
Semestral	
Janeiro	60 %
Fevereiro	61,86%
Anual	
Janeiro	155,79%
Fevereiro	162,62%

INPC	
Novembro	10,08%
Seis meses	75%
(Reajusta os salários de Janeiro)	
Dezembro	10,23%
Seis meses	77,3 %
(Reajusta os salários de fevereiro)	

INFLAÇÃO	
Dezembro	10,5%
No ano	223,8%
12 meses	223,8%

IPC (Índice de Preços ao Consumidor)	
Dezembro	
No mês	10,3%
No ano	208,7%
12 meses	208,7%

IPC (NATAL)	
Fonte: IDEC	
	Variação percentual
Dezembro	
Índice de Preços	5,51%
Alimentação	4,59%
Habitação	0,31%
Despesas pessoais	14,54%
Bens duráveis	2,74%
Transportes	2,61%
Vestuário	24,85%
Educação	0,88%
Saúde	5,31%

ICC (Índice de Custo de Construção)	
Dezembro	8,2%
No ano	213,4%
12 meses	213,4%

MVR (Maior Valor de Referência)	Cr\$ 87.997,20
Salário Mínimo	Cr\$ 166.560,00

CORREÇÃO CAMBIAL		
Novembro	Dezembro	Janeiro
9,889%	10,449%	2,72%
No ano: 192,850%	223,596%	6.566%
12 meses: 215,402%	227,950%	234,921%

CADERNETA DE POUPANÇA (RENDIMENTOS)	
Dezembro	10,449%
Janeiro	11,052%

INDICATIVOS AGROPECUÁRIOS	
Fonte: Sertel S/C Ltda. Dados válidos para o RN.	
Preços Mínimos — Safra 1984 (em Kg)	
Algodão (pluma)	Cr\$ 2.439,23
Algodão (caroço)	Cr\$ 661,62
Mandioca (farinha)	Cr\$ 161,45
Mandioca (fécula)	Cr\$ 148,63
Mandioca (raspa)	Cr\$ 98,76
Milho	Cr\$ 190,29
Preço da Tonelada da Cana (Região Nordeste)	
Posta na esteira	Cr\$ 38.398,40
Preço líquido	Cr\$ 28.599,44
Preços Diversos Para o Produtor	
Litro de Leite (CLAN) — Bruto	Cr\$ 630
Litro de Leite (CLAN) — Líquido	Cr\$ 614
Arroba do gado bovino (Boi em pé)	Cr\$ 60.000
Quilo de Ovino e Caprino	Cr\$ 5.000
Quilo de Suino	Cr\$ 3.800
Custo Médio da Diária no Campo	Cr\$ 5.500

Os últimos meses de 1984 foram pródigos em bons lançamentos literários. Pelo menos cinco dentre os muitos títulos publicados, introduziram algum elemento qualitativo na prosa e na poesia do Rio Grande do Norte. Vamos falar seus nomes e autores, pela ordem com que chegaram as mãos do leitor e do crítico, pois não dispenho de um melhor critério em face da qualidade das obras, sob diversos aspectos. São eles: **Chocolate Amargo**, de Maria Lúcia Brandão; **Calungagens de Papel**, de Edna Duarte; **Marrons Crepons Marfins**, de Marize Castro e **Quarta-feira de um país de Cinzas**, de Alex Nascimento, agora, sim, um escritor confirmado no seu ofício. Com direito a abrir banca de ficcionista, um pouco desleixado na arrumação das coisas, mas dando o recado áspero, expresso na linguagem certa, a palavra exata para verrumar o que não presta na sociedade, nas relações entre os homens, nos negócios inclusive do coração.

Um romance duro, mas otimista, pois há nele gente relutando, procurando saídas, colocando uma pedra a mais no alicerce da vida. Um romance cujo humor dos diálogos, sua ponta aflorando num sorriso, não consegue escamotear a verdade, o sofrimento de um povo, as esperanças, os sonhos frustrados: a inutilidade, enfim, de uma vida; de uma vida humana sem preço no mercado por falta de avalista. Um grande vácuo existencial que Alex Nascimento vai acusando e alargando as fronteiras. Um vácuo que cresce a cada momento.

Não lhe declino as falhas de carpintaria literária. Pois, diante de um



Marize Castro: boa estréia

romance de idéias, de questionamentos tão graves, fica desprestigiada a forma, o artesanato, o luxo. E depois o romance de Alex Nascimento é um vasto e palpante diálogo do autor com os leitores-personagens. Sim: somos todos personagens de Alex Nascimento, vítimas de um enferrujadíssimo sistema de valores, vivendo diariamente na carne o que significa realmente uma **Quarta-feira de um país de Cinzas**: um grande romance, uma advertência. Um romance feito não para ficar relacionado num catálogo bibliográfico, mas para ser lido, refletido e, se fosse possível, posto imediatamente em prática. Porque o modo pelo qual Alex Nascimento fustiga a hipocrisia, força o homem a uma retomada de pensamentos e de idéias. E se o homem, por vícios, decaiu tanto, urge salvá-lo de alguma forma. Um livro progres-

sista, cheio de verve, um livro sofrido. Um livro cínico, concedo. Mas somente para aqueles homens que não têm coragem de parar diante de um espelho.

Bem mais elaborado, literariamente, o livro de Edna Duarte; **Calungagens de Papel**, não confirma o título. Dos melhores livros de crônicas jamais publicados por aqui. Minto, ou mente Edna Duarte: seu livro não é, a rigor, um livro de crônicas. Ou é? Insisto que não são crônicas, mas episódios e capítulos e circunstâncias de um tenso romance, do romance de uma vida. Umas memórias romaneçadas, mas apelando para o epíteto de crônicas.

Edna Duarte escreve com perversidade, machucando, lembrando, ferindo, arrancando a casca da ferida, cauterizando o pus. Sentindo prazer na dor, na lembrança de um passado

todo estuante. Passando por santa e por vítima. Um livro, sem sombra de dúvidas, extraordinário. Intenso.

Depois, o afeto; não um afeto comum: um afeto feito de animalidade, de sexos encobertos, de prazeres interditos, de segredos domésticos, de fantasmas familiares, de **chiaroscuros** e cometas.

Livro escrito algumas páginas com raiva.

E Marize Castro, de vinte anos apenas? Uma debutante quase, mas diferente. Diferente da poesia metalúrgica de Zila Mamede, cujo livro comentarei proxima-mente. Diferente na sua insistência em construir, mais que uma simples poesia, uma poesia litúrgica, existencialmente assimilada. Uma poesia feita de cepticismo, de náusea, de absurdos, de anarquismo. Sim, porque além de tudo, é Marize Castro, o nosso primeiro poeta anarquista do sexo feminino. O outro, Jorge Fernandes, é um caso à parte.

Marrons Crepons Marfins é, também, graficamente, um livro lindo. Cuidado. Feito com todo carinho pelas Edições Clima. Um livro que ao mesmo tempo recoloca, para todos nós, uma questão urgente: onde estão os novos valores, o sopro que renova, alguns dos medalhões futuros? Onde estão eles? Certamente, porque ainda há vida no mundo, eles deverão estar por aí, disfarçados sob nomes vários: João da Rua, Vicente Vitoriano, esse impressionante e doloroso Francisco de Assis Varela Cavalcanti, um poeta notável. E Paulo Augusto da Silva, autor de um livro importante, **Falo**, editado no Rio e imediatamente esgotado? E Nivaldete Xa-

vier? E Carlos Humberto Dantas? E Jóis Alberto? E Olinto Rocha? E Rizolette Fernandes? E Josimey Costa? Há muita gente encoberta pelo sistema da promoção cultural.

Mas voltemos a Mari-ze Castro e à sua poesia intensa. Uma porta deixada aberta para passar o ar, um ar mais rarefeito, mais honesto, mais pleno de rumores e de apelos, de conversas, de confissões, de volta por cima sobre os desastres diários. Uma poesia construtiva, indagadora, mordaz e irônica apenas para amenizar a lágrima, o choro entrecortado que há por dentro dessas palavras e desses versos.

Não falo de Maria Lúcia porque já comentei na coluna anterior o seu pequeno livro. Não falo da **Herança** de Zila Medede, por enquanto.

Falarei depois de Aurélio Pinheiro.

A VOLTA DE ARRUDA AO TEATRO — Escrevo esta nota para homenagear uma das pessoas mais ousadas e despachadas desta terra: o ator transformista Arruda Sales, doublé de pintor, de empresário, de animador cultural e artista. Uma pessoa completa, inclusive na generosidade do seu afeto, no luxo de suas paixões mais roxas, uma pessoa rara.

Volta Arruda Sales à Natal e aproveita essas férias em casa para mostrar que, andando pelo mundo todo, não deixou caducar sua veia artística, sua verve, seus fetiches e artifícios. E ei-lo subindo ao palco do Teatro Jesiel Figueiredo para representar, no seu gênero preferido, a revista, o espetáculo **Folias Gay**.

Um arraso. Arruda Sales dá um banho: impro-

visa, encanta: faz o que nunca fez, antes, aqui: convence que tem talento. Convence que seria, se quisesse de fato assumir o ônus de viver para o teatro, uma estrela. Uma estrela que não envergonharia.

DE VANDALISMO — Quem transpõe as portas do Teatro Alberto Mara-



Arruda Sales

não tem um choque. A começar do jardim interno, onde cresceu uma erva má paralelamente, fazendo adoecer a outra, **finas herbes**, flores vermelhas, palmas verdes, verdíssimas.

Nada funciona mais ali. Torneiras pingando água nos **toilettes**, espelhos mareados, falta papel higiênico. Falta administração. Falta empenho humano. Alcatifas queimadas por cigarro, veludos cortados a gilete nos camarotes e nas frisas, estuques despen- cando. Estuques trabalhados, quase insubstituíveis. Nem mesmo a estátua de Meira Pires escapou dessa fúria. A horda quebrou, certamente com alguma coisa

pesada, dada a consistência do objeto, os óculos em bronze do home-nageado. Quebrou as coisas, subtraiu até os pingentes dos lustres e luminárias do Salão Nobre.

Criticou-se sempre duramente a constância com que Meira Pires, enquanto dirigiu aquela casa de espetáculos, de-

assinalar com precisão uma data, "foi no ano em que desabou o Alberto Maranhão". A situação é de calamidade.

UMA INDAGAÇÃO APENAS — O semanário **O Poti** publicou, como parte da série «Nossa Cidade Natal», uma crônica de Aluísio Macedônio Lemos. Mais que a honra que lhe foi dada pela Prefeitura de escrever sobre a cidade que ama, Macedônio merece um prêmio de verdade. Uma rua com o seu nome, uma escola com o seu nome, uma pensão do Estado: o tombamento do seu acervo, a coleção das revistas e jornais que editou, penosamente, numa casa semi-destruída pelo escoamento das águas, no bairro do Alecrim, onde o conheci, bem me lembro: pequenino, a palavra solta; generoso; neurastênico; deprimido; otimista; sempre começando todos os dias, ao lado da mulher amantíssima, dona Laurice. E das filhas, na verdade netas. Duas adolescentes, então. Crentes.

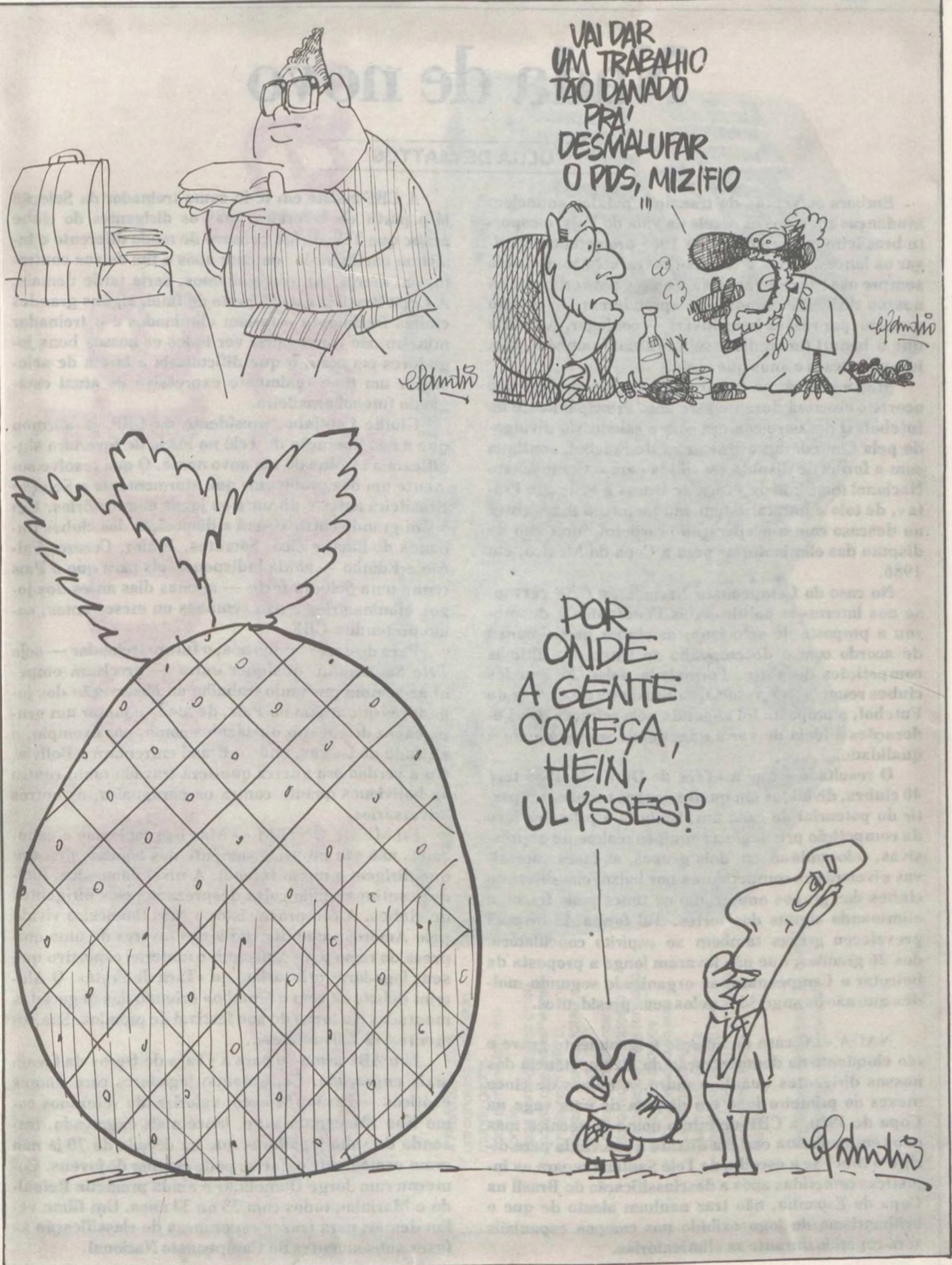
Mas a cidade esquece os seus grandes. Dá as costas a um ror de pessoas especiais, por seu idealismo, sua constância, seu espírito denodado. Quando se lembra, envergonha: dá uma casinha a Caldas Moreira, nos confins do mundo, uma casa da COHAB, no Conjunto Nova Natal. Melhor não homenagear desta forma, humilhando. Dando um presente falso. Ressaltando ainda mais a pobreza dos homenageados.

A Macedônio só honra a homenagem certa. Não a migalha de uma crônica.

FRANKLIN JORGE

Fonzo
vin
Fontalezza





Nada de novo

OLGA DE MATTOS

Embora os ventos da transição política anunciem mudanças em todos os níveis da vida do País, o esporte brasileiro começa o ano de 1985 prometendo reprimir os lances, vícios e nomes que caracterizam desde sempre os seus espetáculos. Mudar é um verbo que os nossos dirigentes ainda não aprenderam — ou não querem, por razões bem óbvias — conjugar. A menos que o bisturi tancredista seja utilizado também para isto nos meses e anos que virão.

Mas não será, se tomarmos como exemplo o que ocorre e ocorrerá durante este ano. Principalmente no futebol. O desastre começa com o calendário divulgado pela Confederação Brasileira de Futebol, continua com a forma de disputa escolhida para o Campeonato Nacional (batizado de «Taça de Ouro» e «Taça de Prata», de tolo e barata) e tem seu momento mais grave no descaso com a preparação brasileira, num ano de disputa das eliminatórias para a Copa do México, em 1986.

No caso do Campeonato Nacional, a CBF curvou-se aos interesses políticos das Federações e desprezou a proposta de selecionar os clubes participantes de acordo com o desempenho ao longo das últimas competições de porte. Formulada pelos 26 grandes clubes reunidos na Associação Brasileira de Clubes de Futebol, a proposta foi engolida pela refração das Federações à idéia de ver a quantidade sobrepujando a qualidade.

O resultado é que a «Taça de Ouro» de 1985 terá 40 clubes, divididos em quatro grupos formados a partir do potencial de cada um. Embora a primeira fase da competição privilegie as equipes realmente expressivas, colocando-as em dois grupos, as fases sucessivas nivelarão os competidores por baixo, classificando clubes dos grupos onde estão os times mais fracos e eliminando alguns dos fortes. Tal forma de disputa prevaleceu graças também ao espírito conciliatório dos 26 grandes, que não levaram longe a proposta de boicotar o Campeonato, se organizado segundo moldes que não os sugeridos pelos seus presidentes.

NADA — O caso da Seleção é igualmente grave e tão eloqüente na demonstração da incompetência dos nossos dirigentes quanto o outro. A menos de cinco meses do primeiro jogo em disputa de uma vaga na Copa de 1986, a CBF definiu o nome do técnico mas não tem nenhuma certeza quanto a sua vinda para dirigir o time. Se a escolha de Telê Santana repara as injustiças cometidas após a desclassificação do Brasil na Copa da Espanha, não traz nenhum alento de que o brilhantismo do jogo exibido nos campos espanhóis será repetido durante as eliminatórias.

A CBF insiste em tê-lo como treinador da Seleção já a partir de fevereiro, mas os dirigentes do clube árabe que Telê dirige pensam de modo diferente e insistem em liberá-lo somente após o fim do seu contrato, em março. Ai, convenhamos, seria tarde demais. A Copa Brasil já estaria perto do final, alguns grandes clubes fatalmente estariam eliminados e o treinador mineiro não conseguiria ver todos os nossos bons jogadores em ação, o que dificultaria a tarefa de selecionar um time realmente expressivo do atual estágio do futebol brasileiro.

Giulite Coutinho, presidente da CBF, já afirmou que a não liberação de Telê no início de fevereiro significará a escolha de um novo nome. O que resolve somente um dos problemas que atormentarão a Seleção Brasileira antes e durante os jogos eliminatórios. Um outro grande entrave será a disposição dos clubes italianos de liberar Zico, Sócrates, Júnior, Cerezo, Falcao e Edinho — ainda indispensáveis para que o País tenha uma Seleção forte — apenas dias antes dos jogos eliminatórios e não semanas ou meses antes, como pretende a CBF.

Para desfazer tantos nós, o futuro treinador — seja Telê Santana ou qualquer outro — precisará empenhar-se num profundo trabalho de observação dos jogadores que atuam no País, de modo a juntar um grupo capaz de encarar obstáculos como, por exemplo, a altitude de La Paz, onde o Brasil enfrentará a Bolívia. Ou a verdadeira guerra que será travada tanto contra os bolivianos quanto contra os paraguaios, os outros adversários.

FILME DE ONTEM — Mas os problemas e cabeçadas não são próprias somente dos homens de ouro que dirigem o nosso futebol. A nível doméstico, lucidez continua sendo coisa desprezada pelos dirigentes de clubes. A comprovar isto, o caos financeiro vivido pelo América, que dependia dos favores de uma empresa do ramo para conseguir o material esportivo que seus jogadores utilizariam na «Taça de Prata». O Alecrim debate-se com o «rombo» oriundo das negociatas montadas em torno do seu festival de prêmios. São somente Cr\$ 120 milhões...

Já o ABC arma-se para a «Taça de Ouro» da forma mais engraçada. Contratando jogadores com nomes exóticos — Pavão, Mocotó; valorizando veteranos como Noé «Macunaima»; e, lance mais engraçado, trazendo de volta jogadores que na década de 70 já não eram exatamente o que se pode chamar de jovens. Começou com Jorge Demolidor e ainda prometia Reinaldo e Marinho, todos com 33 ou 34 anos. Um filme velho demais para trazer esperanças de classificação às fases subsequentes do Campeonato Nacional.

A sorte está lançada.

A Prefeitura criou um concurso onde todo mundo ganha. Toda semana tem um sorteio. Cada sorteio indica cinco imóveis que, se estiverem em dia com o IPTU, ganham isenção total no próximo ano. E todos os natalenses ganham com o imposto arrecadado e transformado em obras e serviços para a melhoria da sua qualidade de vida. Quem está em dia com Natal poderá ficar isento do IPTU do próximo ano, com o Bolão da Cidade.

**Prefeitura da Cidade do Natal
Secretaria de Finanças.**



As melhores impressões vão passar por aqui.

O RN/Econômico não é apenas o mais bem equipado parque gráfico do Estado

É também o mais veloz. Se você duvida, faça um teste: ligue para 222-4722 e diga qual é o seu problema.

A partir daí, toda uma equipe fica à disposição de sua empresa. Para serviços de off-set, policromia, tipografia, fotocomposição, fotolito, plastificação, composição de livros, jornais e revistas, impressão de notas fiscais, duplicatas, faturas e promissórias.

Vamos, telefone. Sua empresa vai ter uma excelente impressão do nosso parque gráfico.



RN/ECONÔMICO
Serviços gráficos de qualidade

222·4722